



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

(Mestrado)

Atos Terapêuticos: Como se não Houvesse Amanhã

Ana Luísa Silva Iunes

Orientadora: **Maria Inês Gandolfo Conceição**

Brasília, 2018

Ana Luísa Silva Iunes

Atos Terapêuticos: Como se não Houvesse Amanhã

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: **Profa. Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição**

Brasília, 2018

Ana Luísa Silva Iunes

Atos Terapêuticos: Como se não Houvesse Amanhã

Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPGPsiCC/UnB

Aprovada em 9 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

Presidente e orientadora:

Maria Inês Gandolfo Conceição (Dr., UnB) _____

2º Examinador:

Paulo Sérgio de Andrade Bareicha (Dr., UnB) _____

3º Examinador:

Valéria Cristina de Albuquerque Brito (Dra., UDF) _____

Suplente

Larissa Polejack Brambatti (Dra., UnB) _____

Dedico este trabalho a minha família, que está sempre ao meu lado.

E também a todos os profissionais que possam se beneficiar deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Apesar de sentir muita gratidão tenho dificuldade de expressar em palavras como sou profundamente agradecida por cada ajuda que recebi ao longo de todo esse processo. Foram tempos de muitas mudanças, novidades, desafios, aprendizados, e muito amadurecimento. Jornadas como esta nos fazem perceber ainda mais as pessoas que estão ao nosso lado verdadeiramente torcendo para a nossa vitória, apoiando nossas escolhas e nos fortalecendo para vencer os desafios da vida. Somos feitos do pouquinho de cada pessoa que passa na nossa vida, e por todas elas, sou muito grata.

Dentro todas as pessoas maravilhosas que participaram desse processo, resalto algumas, sem as quais, nada disso seria possível. Primeiramente para Inês, minha orientadora querida. A minha “formação centrada na pessoa” não deixa dúvidas do tanto que amo trabalhar com você. Me sinto privilegiada de poder receber um pouquinho de todo esse conhecimento e carisma que você tem. Sou muito grata pela sua presença em minha vida.

Clara, minha parceira, escolha sociométrica mútua, é simplesmente maravilhoso construir com você, a sintonia me impressiona a cada vez. Nossas trocas ao longo de todos esses anos contribuíram muito para o que sou e faço, sou muito grata. Aproveito para agradecer aos outros parceiros que colaboraram nos Encontros Terapêuticos, principalmente à Rebeca Ribeiro quem começou toda essa história comigo.

Mas o agradecimento mais especial vai para a minha família, que me ensina e me acolhe a cada dia, sempre ao meu lado em minhas decisões. Especialmente, minha mãe Silvana, minha melhor amiga e companheira, meu pai Ronaldo, por todo o amor e cuidado, e meu querido irmão Augusto. Não existem palavras para descrever quão agradecida que me sinto por fazer parte dessa família. Também agradeço a minha vó Santinha amada, e minha amiga querida, Juliana Marra, que me ajudaram na correção final.

Gostaria de registrar um agradecimento para todos os especialistas que colaboram com esse projeto e se mostraram tão abertos para compartilhar todo o conhecimento que carregam para construirmos juntos o conhecimento e aos participantes dos grupos, que se emprestaram de bom coração para a nossa criação grupal. Além de todos os outros psicodramatistas que participaram direta ou indiretamente do processo. Aos professores Cláudio Torres, Eliane Seidl e Nitza Tenenblat e aos colegas das disciplinas e também um agradecimento especial para cada membro da banca que aceitou em tão bom grado ler, avaliar a pesquisa e participar desse momento comigo.

Não quero ter a terrível limitação de quem vive
apenas do que é passível de fazer sentido.

Eu não: quero é uma verdade inventada.

Clarice Lispector

RESUMO

A vida moderna é marcada pela efemeridade, o consumismo e a globalização, em que os bens de consumo são mais valorizados que as relações interpessoais, levando as pessoas cada vez mais à individualidade e ao isolamento afetivo. A pesquisa nasceu do interesse em conhecer mais a fundo sobre o ato terapêutico. O ato único apresenta melhora na espontaneidade, além de praticidade em oferecer suporte e empoderamento em uma única intervenção para várias pessoas ao mesmo tempo, se mostrando uma prática econômica e sustentável. O objetivo da pesquisa é descrever as principais características de um ato psicodramático, aspectos sociodinâmicos, descritores e manejos, a fim de melhor compreender tal modalidade de atendimento. O psicodrama foi utilizado como metodologia de investigação e intervenção em grupo. A coleta de dados desta pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturada com especialistas em atos terapêuticos do Psicodrama e a realização de atos terapêuticos. No total, foram realizadas seis entrevistas, com sete especialistas e dois grupos de encontro. Cada grupo contou com a presença de dois participantes. Os dados da entrevista foram analisados por meio de uma grade de unidade de informações, organizadas a partir da metodologia da codificação. Os resultados apontam características e especificidades do ato terapêutico. O grupo é o grande protagonista da prática psicodramática, o diretor e o ego-auxiliar têm a função de potencializar o aprendizado terapêutico do grupo. O manejo do ato terapêutico não difere das recomendações das práticas psicodramáticas de forma geral, contudo, apresentam a especificidade do cuidado com o caráter condensado das situações, seja em relação aos vínculos ou às resoluções de conflitos. Apesar da curta duração, o ato apresenta grande potencial em tocar as pessoas e provocar transformações, como demonstrado nos resultados deste e de outros estudos. Segundo o desejo de Moreno, o Psicodrama foi feito para tratar, nada menos, do que toda a humanidade, e não deve ficar restrito aos consultórios clínicos. Promover a reunião dos conhecimentos científicos e populares em busca da criação conjunta, como sugestão ou aposta para um reinventar do cotidiano, com a participação de todos nas decisões.

ABSTRACT

Modern life is marked by ephemerality, consumerism and globalization, in which consumer goods are valued more than interpersonal relationships, bringing people more and more to individuality and single session act. The single act shows an improvement in spontaneity, as well as practicality in offering support and empowerment in a single intervention for several people at the same time, proving to be an economical and sustainable practice. The objective of the research is to describe the main characteristics of a psychodramatic act, sociodynamic aspects, descriptors and management in order to better understand this kind of attendance. Psychodrama was used as a research methodology and group intervention. The data collected of this research was performed through semi-structured interviews with specialists in therapeutic acts of psychodrama and the accomplishment of therapeutic acts. In total, six interviews were conducted, with seven experts and two encounter groups. Each group was attended by two participants. The interview data were analyzed through an information unit grid, organized from the coding methodology. The results point out characteristics and specificities of the therapeutic act. The group is the main protagonist of the psychodramatic practice, the director has the function of enhancing the therapeutic learning capacity of the group. The therapeutic act management does not differ from the recommendations of the general psychodramatic practices, however, they demand special care with the condensed character of the situations, be it in relation to the bonds or to the resolutions of conflicts. Despite the short duration, the act has great potential in touching people and provoking transformations, as demonstrated in the results of this and other studies. According to Moreno's desire, psychodrama was made to treat nothing less than all mankind, and should not be restricted to clinical office practices. Promoting the gathering of scientific and popular knowledge in search of joint creation as a suggestion or proposition for a daily life reinvention, with everybody's participation in the decisions.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de especialistas, suas características e forma de contato	50
Tabela 2 - Relação de participante dos grupos	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação do Psicodrama sugerido pelo especialista E7	88
---	----

SUMÁRIO

I	Apresentação	13
II	Revisão de Literatura	15
1.	Psicodrama	15
1.1	Fundamentos Filosóficos	16
1.2	Jacob Levy Moreno	20
1.3	Teoria Socionômica	28
1.4	Sessão Sociátrica	31
1.4.1	Contextos	32
1.4.2	Elementos	33
1.4.3	Etapas	34
1.4.4	Técnicas	34
1.5	Ato Terapêutico	35
2.	A Vida em Grupo	37
2.1	Evolução do Tratamento de Grupos	39
2.2	Cenário Atual	42
III	Objetivo	44
1.	Objetivo Principal de Estudo	44
2.	Objetivos Secundários	44
3.	Perguntas Norteadoras	44
IV	Metodologia	45
1.	Metodologia de Pesquisa	45
1.1	Pesquisa Qualitativa	45
1.2	Psicodrama como Método de Pesquisa	46
2.	Objeto de Estudo	48
3.	Coleta de Dados	48
3.1	Entrevistas	49
3.2	Grupos Terapêuticos	51
4.	Análise dos Dados	53
5.	Aspectos Éticos da Pesquisa	56

V	Resultados e Discussão	57
1.	Atores	58
1.1	Indivíduo-Grupos	59
1.2	Diretor	63
1.3	Ego-Auxiliar	71
1.4	Unidade Funcional	74
2.	Ato Terapêutico	76
2.1	O que é o Ato Terapêutico	76
2.2	Para quê Ato?	82
2.3	Terapêutico ou Pedagógico?	87
2.4	Psicodrama e seu Componente Artístico	90
2.5	Onde? Aqui e Agora!	92
2.6	Espontaneidade: o Caminho e o Fim	94
2.7	Para Começar: Aquecimento	97
2.8	Caminhos Metodológico a seguir	103
2.9	Protagonista	106
2.10	Temáticos ou não?	107
2.11	Sucesso para quem?	110
2.12	Avaliação do Ato	112
V	Considerações Finais	120
VI	Referências Bibliográficas	124
VIII	Apêndices	129

I. Apresentação

No fim do curso de psicologia não sabia qual caminho iria seguir até conhecer, no penúltimo semestre, o Psicodrama. Não tive dúvidas depois de ouvir a frase de Moreno que dizia que um processo realmente terapêutico não pode ter como meta nada menos que toda a humanidade (Moreno, 1992). Motivada por suas palavras e, compartilhando o seu sonho megalomaniaco, entrei na formação ainda na graduação. Super aquecida após o término das aulas e começo de profissão, não via a hora de continuar o trabalho de Moreno, oferecendo espaços de grupo para trabalhar as relações com essas ideias maravilhosas que ele nos deixou. Na sede de criação, uma colega de especialização e eu, inspiradas nas ideias de nossa supervisora, iniciamos em 2011, os Encontros Terapêuticos, grupos de encontro para discussão e vivência de temas cotidianos.

A princípio queríamos que o grupo fosse semanal, depois passamos para quinzenal, se estabilizando de forma mensal devido à falta de quórum e dificuldade de divulgação. Nos primeiros anos, alguns cartazes do encontro eram afixados pela cidade, em pontos como Universidade de Brasília, Parque da Cidade, restaurante de comida natural e na porta dos nossos consultórios e de colegas, além da divulgação online que se manteve até o presente momento.

O grupo se mantém ativo e tem gerado bons encontros e aprendizado para todos os participantes, e principalmente para nós responsáveis. Tive várias parcerias ao longo dos anos e alguns trabalhos realizei sozinha. Desde 2015, trabalho com a psicóloga Clara Costa. Nos conhecemos na faculdade e realizamos diversos trabalhos como unidade funcional, incluindo o seu mestrado. Atualmente trabalhamos juntas na produção, divulgação e execução dos encontros.

O objeto desta pesquisa nasceu do interesse em conhecer mais a fundo sobre o ato terapêutico para poder ampliar e aprimorar minha prática profissional, trabalhando cada vez mais no meu papel de diretora, no intuito de provocar e encorajar a criação grupal que ali se apresentava. Ao mesmo tempo, meu interesse era o de contribuir com outros pesquisadores que também compartilham do interesse e percepção de necessidade da maior oferta de encontros abertos para a comunidade, de oportunidades de participar de um projeto de criação conjunta e crescimento em grupo.

A teoria socionômica oferece ferramentas valiosas para realizar intervenções grupais, assim como excelente conteúdo de análises. Na seção de Referencial Teórico irei explorar os principais aspectos da teoria relacionados com os assuntos pertinentes ao tema explorado neste trabalho. Na seção metodologia apresento referenciais sobre a pesquisa científica e Psicodrama, assim como descrevo a maneira como desenvolvi a organização e as informações produzidas nas entrevistas e grupos terapêuticos, descrevendo os procedimentos de pesquisa e explicando a construção da tabela de unidades de informação e a maneira como ela foi utilizada para organização e análise dos dados obtidos nas entrevistas.

Nos resultados e discussão, apresento um texto resultante da transcrição e análise das informações construídas nas entrevistas, nos grupos de encontro, tecendo articulações com a pesquisa na literatura atual sobre o tema. O texto está dividido em itens com os temas que circundam a ideia do ato terapêutico. A escolha dos temas dos capítulos foram ressonâncias provocadas nos momentos anteriores e posteriores às entrevistas. Devido o caráter subjetivo da pesquisa qualitativa existe o reconhecimento da impossibilidade da imparcialidade do pesquisador ao selecionar e elaborar os temas. Isso posto, apresento o meu recorte e experiência sobre a modalidade de atendimento atos terapêuticos.

II. Revisão de Literatura

Tendo em vista a temática desta pesquisa, qual seja o estudo do ato terapêutico sob o enfoque da abordagem moreniana, uma breve incursão sobre os pressupostos da teoria socionômica faz-se necessária. Portanto, a revisão bibliográfica irá explorar aspectos da teoria em relação aos grupos, e ao tratamento dos mesmos ao longo da história e nos tempos atuais, iniciando com a teoria socionômica, que é a base teórica deste trabalho.

1. Psicodrama

Psicodrama é o apelido que a teoria socionômica recebeu, como discutido por Perazzo (2010), e se refere tanto à teoria, como à prática (Bustos, 2005). Segundo Perazzo (2010), a terminologia ganhou destaque pela praticidade de denominação e divulgação. Neste trabalho iremos usar a palavra Psicodrama, por ser amplamente conhecida, mantendo a letra maiúscula para diferenciar da metodologia do psicodrama.

A teoria socionômica foi criada por Jacob Levy Moreno, e entende o ser humano como um ser de relação (Perazzo, 2010). O ser se constitui a partir de contatos com o outro. Esses contatos são os vínculos que são essenciais para a manutenção das relações humanas. Os vínculos se estabelecem, se mantêm e se desfazem pela afetividade (Nery, 2003), "a afetividade pode elucidar as motivações e o sentido do desempenho dos nossos diversos papéis" (p. 18). Segundo a autora, o ser humano se estrutura a partir da ação que é o movimento em relação ao outro, ou seja, a própria afetividade. "A co-criação é a motivação básica dos vínculos. Co-criação é a criação conjunta, é a criação possibilitada pelo encontro de espontaneidades" (Nery, 2003, p. 20).

O Psicodrama estuda e trabalha com a ação (Navarro, 1999; Bustos, 2005). A palavra "drama" tem origem etimológica do grego e significa ação. Por ação, entende-se os movimentos que os seres fazem em relação a outros seres e objetos. Portanto, o objeto de estudo do Psicodrama são as relações (Nery & Conceição, 2005). Como afirma Dalmiro Bustos (2005), "o Psicodrama é uma tentativa de enfoque experimental, mensurável e métrico das relações humanas" (p. 29). Os seguidores do movimento psicodramático entendem o ser humano como seres que se estruturam a partir das relações e complementação de papéis. Segundo o autor, é a partir dessa relação que o ser se diferencia dos outros, se tornando indivíduo (Bustos, 2005).

A concepção do ser humano na visão do fundador do Psicodrama contempla os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. O ser humano faz parte de um cosmos, e portanto, é parte de um todo muito maior, sendo ele parte ativa do processo criador desse todo. "O indivíduo não se encontra sozinho, a experiência é compartilhada pelo grupo presente" (Moreno, 2001, p. 29).

O Psicodrama cresceu com Moreno, assim como Moreno cresceu com o Psicodrama. Para explicar a teoria psicodramática é importante contextualizá-la com a história de seu criador, de modo a explorá-la em seu *locus nascendi*, como sugerido pelo próprio Moreno (1987). Não obstante, antes se faz necessário contextualizar o cenário em que Moreno desenvolveu sua teoria trazendo as influências teóricas e filosóficas que serviram de inspiração e referência para o autor.

1.1 Fundamentos Filosóficos

O Psicodrama nasceu das convicções pessoais de seu criador, e para entender o seu caminho é necessário compreender as bases ideológicas que deram suporte aos seus pensamentos. Essas bases compreendem o judaísmo hassídico, a fenomenologia e o

existencialismo. Alguns dos pensadores existencialistas que influenciaram Moreno na formulação de sua prática e sua teoria sacionômica foram Buber, Kierkegaard e Sartre (Guimarães, 2000).

Moreno agrega essas bases filosóficas para ir além e formular uma compreensão mais ampla dos indivíduos e suas relações (Guimarães, 2000). Vários autores apresentam e discutem as bases epistemológicas de Moreno e tratam de identificar como cada corrente influenciou uma parte de seu pensamento. Um desses exemplos é Eugenio Martín, autor que reconhece que as contribuições de Moreno podem agregar conhecimento no âmbito da psicologia social e da psicoterapia (Martín, 1984).

O hassidismo é uma seita religiosa originária da Cabala que surgiu dentro do judaísmo ortodoxo que busca a espiritualidade pelo misticismo (Guimarães, 2000). Essa corrente é bem explicada e contextualizada no livro de Benjamin Nudel (1993), que explora as relações entre os princípios filosóficos de Moreno e o hassidismo. Ele conta que o compêndio de tradições secretas judeu-egípcio, o *Zohar*¹, assim como outros documentos antigos, trazem a ideia de que o microcosmo reproduz o macrocosmo. Isto é, que o todo está na parte e a parte está no todo. Moreno compreende o microcosmo como o indivíduo e o macrocosmo como Deus, entendendo que um pedaço de Deus está em cada um de nós.

Assim como a doutrina hassídica, Moreno acredita em um Deus próximo, em contato direto com os seres humanos. Para o hassidismo e para o Psicodrama, a via de acesso a Deus é o contato com os outros, com a natureza, com o mundo, consigo mesmo. E a melhor forma de expressar a divindade é por meio da alegria, da arte, da música, da dança, do teatro. A vivência da divindade sai do terreno da expiação, culpa e dor, características do rabinismo tradicional, e

¹ *Zorah* é um dos livros canônicos do Judaísmo, e um dos principais trabalhos da Cabala.

abre espaço para a manifestação do prazer, da alegria e da partilha, como formas privilegiadas de reverenciar o Criador (Nudel, 1993).

Com a fenomenologia, Moreno compartilha a ideia de que as experiências são únicas e de que a análise das mesmas deve ser feita a partir do ponto de vista do indivíduo que as vivencia. A fenomenologia estuda a consciência e realiza uma investigação subjetiva dos fenômenos (Guimarães, 2000). As coisas, imagens, relações, atos só podem ser compreendidas se existir uma consciência que os conceba. O maior interesse da fenomenologia, bem como de Moreno, não é o mundo concreto, mas sim como cada pessoa o compreende e vive sua experiência subjetiva.

O existencialismo foi um movimento que se fortaleceu no período pós-guerra, e reafirma o pensamento de liberdade e individualidade do sujeito, preconizando a existência sobre a essência. Essa corrente entende o ser humano como um ser pleno, dotado de ações, sentimentos, pensamento e vivência pessoal. O indivíduo é responsável e livre para dar forma e significar sua vida em um movimento dinâmico (Guimarães, 2000). Tal pensamento compôs o entendimento que Moreno desenvolveu a respeito das pessoas e suas relações. Essa visão de homem autônomo, livre e criativo está na base da antropologia filosófica do Psicodrama.

Martin Buber teve influência marcante na obra de Moreno (Guimarães, 2000), embora a influência do filósofo religioso sobre Moreno seja devida à coincidência de ambos terem sido instruídos no hassidismo. Buber foi o primeiro teórico a afirmar que a existência se dá a partir das interações, dos encontros. Ele introduziu as palavras-princípio da relação dialógica de eu-tu e eu-isso. Essa relação dialógica traduz as formas de existir do ser no mundo, e se fundamenta a partir das relações que estabelece, seja com outros seres humanos, seja com objetos. A palavra-princípio eu-tu compreende a verdadeira relação de encontro. Ela engloba outras dimensões que o tempo e o espaço, é vivencial e caracterizada pelo movimento e adaptação (Luczinski & Ancora-Lopez, 2010). Buber determina o valor inestimável do diálogo no

estabelecimento das relações e manutenção de seu desdobramento, ao mesmo tempo em que, assim como Moreno, entende que uma relação eu-isso representa um esmorecer da relação eu-tu (Fonseca, 1980).

Assim como Moreno, a obra de Søren Kierkegaard foi muito influenciada pela sua vida pessoal (Guimarães, 2000). Ambos eram dotados de pensamentos proféticos e messiânicos (Martín, 1984). A ideologia kierkeegadiana considerava de suma importância a parte subjetiva das pessoas e levantou a bandeira da individualidade e responsabilidades do sujeito. Moreno incorporou aos seus pensamentos a sugestão de análise existencial de Kierkegaard, e também aproveitou a ideia de que não existe predeterminação em relação às pessoas, que por si possuem infinitas possibilidades.

A ideia de Jean-Paul Sartre de liberdade do sujeito e a independência de um deus controlador também contribuiu para a teoria de Moreno. Ele acrescenta a visão histórica no conceito de subjetividade de Sartre, inspirando-se nas ideias de Marx e Husserl. Moreno faz uma crítica a Marx por ele trabalhar com grandes massas e esquecer os pequenos grupos, mas concorda com o autor no sentido de estudar a existência, não partindo do conceito ideal de ser humano, mas a partir das condições reais e socioeconômicas do sujeito (Nudel, 1993).

O teatro de Stanislavsky foi outra grande influência na obra de Moreno. Stanislavsky criticou a estrutura fixa do teatro e a falta de improvisação por parte dos atores. Ele ensinou seus atores a valorizar seus sentimentos e emoções para que a encenação parecesse mais autêntica, e também elaborou a técnica da improvisação para ajudar os atores a se conectarem com o personagem nos ensaios (Sawyer, 2003). Moreno apreciava muito as ideias do diretor de teatro e também reconheceu a importância da improvisação dos atores. Antes de ser conhecido pelo seu trabalho terapêutico com a teoria sociométrica, Moreno se consolidou como diretor de teatro com seu grupo de improvisação teatral em Viena. Mas vamos olhar para essa história desde o seu início.

1.2. Jacob Levy Moreno

A história de Moreno é contada por vários autores, cada um deles dá um enfoque diferente para sua pesquisa e encontramos algumas divergências de datas. Moreno (1987), em seu livro “Psicodrama”, um dos mais importantes deixados por ele, conta sua história. Knobel (2004) traz uma ampla discussão e leitura da história e discute as repercussões para a teoria sicionômica da vida de Moreno e de sua família. Mas o grande biógrafo de Moreno foi Rene Marineau (1992). A última esposa de Moreno, Zerka Moreno, também deixou muitas contribuições de relatos da vida e obra de Moreno em seu livro Realidade Suplementar e a Arte de Curar (Moreno, 2001). Zerka teve papel fundamental em ajudar Moreno a formalizar e escrever o seu trabalho. Devemos muito a Zerka por isso.

A família de Moreno, de judeus de origem sefardita², saiu da Romênia fugida da guerra entre a Rússia e a Turquia. Moreno afirma ter nascido a bordo de um navio sem bandeira e sem nacionalidade, no dia 16 de maio de 1892. Porém, registros mostram que na realidade ele nasceu em 18 de maio de 1889 em Bucareste, na Romênia. Sua representação subjetiva da realidade faz parte da sua verdade poética e psicodramática. Acreditava que a realidade suplementar, descrita por ele, ao reescrever a história de seu nascimento, permitiria ao leitor uma compreensão mais profunda de sua teoria e seu posicionamento como cidadão do mundo (Knobel, 2004). Além disso, há explicações nada casuais para a escolha que Moreno faz dos detalhes de sua autobiografia que coincidem com importantes fatos históricos de sua origem, como por exemplo, a do êxodo do povo judeu sefardita da Península Ibérica, cujo édito de expulsão expirava em 16 de maio 1492 (Marineau, 1992).

Moreno foi criado pela mãe, Paulina. Ela tinha uma personalidade extrovertida, e logo que migrou para a Áustria, aprendeu o alemão e teve sucesso em interagir com os habitantes de

² Judeus originários da Espanha e Portugal, expulsos da Península Ibérica em 1490 pelos Reis Católicos.

Viena (Knobel, 2004). Há um dado curioso da biografia de Moreno que traz possíveis explicações para a construção caracterológica do personagem criador do Psicodrama. Conta-se que quando Moreno era ainda bebê, ele sofreu de uma doença muito grave que quase o levou à morte. Um dia, sentada em frente de casa com o filho muito adoentado no colo, Paulina recebe a visita de uma cigana que profetiza que seu bebê não apenas iria sobreviver, mas iria se tornar um grande homem e realizaria grandes proezas para o mundo (Marineau, 1992). Talvez esse episódio tenha contribuído para os pensamentos megalomaniacos de Moreno de querer curar o mundo inteiro.

Um dos marcos do Psicodrama, considerados por Moreno, foi uma brincadeira que ele teve com seus amigos quando tinha 4 anos, ainda em Bucareste (Moreno, 1987). Nessa ocasião, Moreno ocupava um trono construído com cadeiras empilhadas em cima de uma mesa, representando Deus no firmamento. Estando na posição de Deus, foi questionado por um de seus amiguinhos, no papel de anjo, de que se ele era Deus, logo, deveria voar. Sem pensar duas vezes, ao pular de cima do trono, Moreno quebra o seu braço (Knobel, 2004). Mais tarde, Moreno elabora essa sua experiência e considera o Psicodrama como a “terapia para os deuses caídos”, invocando todo o potencial criador que possuímos (Moreno, 2001). Também a partir dessa experiência, Moreno levanta reflexões sobre o ego-auxiliar e o seu papel na cena (Moreno, 1987).

Quando Moreno tinha 5 anos, sua família mudou-se para Viena, onde Moreno morou até a sua vida adulta. Na escola, Moreno era dedicado, estudioso, e não demorou para se tornar o aluno preferido dos professores. Dessa forma, ele garantiu sua integração com a cultura da cidade e da época (Knobel, 2004). O pai de Moreno, Nissin Levy Moreno, trabalhava como comerciante e viajava constantemente pela Europa, passando pouco tempo com a família. Mesmo assim, durante a infância, Moreno era muito ligado ao pai, e participou de duas viagens com ele que estreitaram seus laços (Knobel, 2004). Segundo a autora, com a crise da

instabilidade política, muito clientes deixaram de pagar pelos produtos de Nissin, que tinha que trabalhar cada vez mais e, por tal motivo, passa a ser cada vez menos presente na família, criando uma crise conjugal e familiar.

Sob os impactos dos conflitos políticos existentes em Viena na época, na disputa entre os partidos Social Democrata, Social Cristão e Liberal e a crise familiar, a família de Moreno se vê forçada a mudar para Berlim. Moreno não se adaptou à cidade e, com a autorização dos pais, voltou para Viena onde morou sozinho. A família também não obteve êxito em Berlim e tiveram que mudar novamente, momento esse em que o pai de Moreno abandona a família e desaparece definitivamente. Há indícios de que ele morreu em Constantinopla, em 1925, essa história é contada no livro de Knobel (2004).

Knobel (2004) ainda conta que a separação dos pais causou grande impacto em Moreno, que desde então, iniciou uma tentativa de superação, quando começou a acreditar que era um sujeito extraordinário e que possuía uma missão para o mundo. Ele deveria se identificar como cidadão do mundo e chamou esse seu estágio de megalomania normal. Passou por uma depressão que durou dois anos, quando rompeu com o resto da família por acreditar que o sumiço do pai foi responsabilidade da mãe. Durante esse tempo, Moreno se dedicou ao estudo do misticismo e de biografias de grandes santos e profetas.

Aos 18 anos, deixou a barba crescer, costume somente dos mais velhos na época, e adotou uma capa verde escura, tornando-se uma figura de fácil reconhecimento nas ruas de Viena, por sua barba ruiva, olhos azuis, capa verde e atitudes serenas (Marineau, 1992). Durante um longo período, Moreno passava suas tardes interagindo com as crianças nos jardins, contando e encenando histórias (Moreno, 2001), ele considerou esse momento com outro marco no nascimento do Psicodrama (Moreno, 1987). A sociedade não entendeu esse seu movimento com as crianças como positivo, e ele foi proibido de continuar sua interação com elas, com alegações de ser um pedófilo (Knobel, 2004).

Nessa época, por volta de 1909, Moreno conhece o grande amigo Chaim Kellmer, e juntos, criam a Casa do Encontro, lugar para abrigar famílias e pessoas refugiadas. A casa abrigava uma comunidade baseada no misticismo e em valores altruístas de amor incondicional. Eles ajudavam as pessoas refugiadas e expatriadas a se adaptarem à nova cidade, ajudando na busca de empregos, na obtenção de documentação e assistência médica. Nessa casa, Moreno tinha ideias de valorização do momento como fator constituinte na inclusão total do ser. O valor e a aceitação do momento foram uma das bases dos pensamentos e práticas que ele iria desenvolver no futuro (Knobel, 2004).

No ano seguinte, Moreno regulariza sua situação de ensino, pois havia abandonado a escola nos seus últimos anos, e consegue se inscrever na Escola de Medicina de Viena, promessa que havia feito a seu pai aos 10 anos de idade, quando soube da doença de um dos irmãos. Durante o curso, Moreno sempre deu maior importância aos processos imaginativos, jogos e contato com a natureza, ao invés dos estudos em livros (Knobel, 2004). Segundo a autora, ele vivia essa crença desde que interagiu com as crianças dos jardins de Viena, e procurou praticar de forma diferenciada a medicina que aprendia.

Em 1913, Moreno se sensibiliza com a situação das prostitutas de Viena e cria um grupo para que elas pudessem se ajudar mutuamente, resultando na formação de um sindicato para que pudessem exigir seus direitos (Marineau, 1992). Também realizou grupos com advogados, e a partir dessas experiências, percebe como um grupo pode ter um efeito transformador nas pessoas. Nesse momento, também sofre julgamentos da sociedade puritana, que encerram os projetos (Knobel, 2004).

Pela falta de sua nacionalidade definida, Moreno não é convocado para o exército e segue sua prática médica em campos de concentração de judeus (Knobel, 2004), onde começa a entender os movimentos e dinâmicas grupais, suas incompatibilidades e suas afinidades, como articuladores da vida social. Ele realiza modificações na composição de membros dentro dos

grupos, afirmando que a cooperação e ajuda mútua aumentam muito quando o grupo é organizado com base em suas afinidades.

Quando se formou, em 1917, Moreno aceitou o convite do prefeito de Vöslau³ para trabalhar como chefe da saúde pública onde cuidou dos trabalhadores da cidade. Realizava essa prática anonimamente, não tinha interesses por bens materiais, abdicou de sexo e não cobrava as consultas, ganhando fama como o médico do povo (Knobel, 2004). Nessa época, Moreno também estava envolvido em movimentos de vanguarda no teatro. Segundo Knobel (2004), Viena estava em estágio de fervor intelectual e foi palco para as grandes mudanças políticas.

Em suas visitas a Viena, Moreno se reunia com intelectuais da época para discutir soluções para a crise da sociedade. O filósofo Martin Buber foi um dos intelectuais que participava das reuniões⁴. Por volta de 1918, esse grupo de intelectuais fundou um jornal mensal chamado *Daimon*, em que Moreno foi editor (Marineau, 1992). Alguns dos textos publicados tratavam do potencial criador e das responsabilidades humana, os textos tinham inspirações místicas, e foi um dos momentos em que Moreno começou a aprofundar o conceito de encontro (Knobel, 2004).

"As Palavras do Pai" foi o primeiro livro escrito por Moreno. Essa produção é considerada uma expressão do misticismo, e fala sobre a relação do ser humano com Deus. Não é um texto religioso e sim, uma declaração da proximidade de similaridade entre Deus e o homem (Knobel, 2004). Nesse livro, Moreno coloca a importância do indivíduo na manutenção e no cuidado com a natureza, em um papel de co-criação com Deus, e na compreensão da noção de que somos todos parte do universo e, portanto, somos todos um só. Moreno deixa clara a

³ Pequeno vilarejo próximo a cidade de Viena.

⁴ Também participavam os poetas Franz Werfel e Peter Altenberg, o sociólogo Max Scheler, o dramaturgo Georg Kaiser, os escritores marxistas Gustave Landeauer, Hugo Sonnenschein e Ernest Toller, além dos tchecos Max Brod, Roberto Musil, Otokar Brezina e Franz Kafka (Knobel, 2004).

complementaridade das relações e a completa comunhão que temos com o divino, introduzindo o conceito de centelha divina.

Moreno via muitas limitações em trabalhar somente com a fala das pessoas, reconhecendo que a mensagem dependia do entendimento do receptor e, portanto, não poderia existir uma linguagem universal. Ele procurou uma maneira diferente de explorar a subjetividade das pessoas e encontrou no teatro um meio mais flexível, como a própria vida, para se trabalhar as questões pessoais (Moreno, 2001). Ele foi inspirado na ideia de catarse de Aristóteles, que é a mobilização de afetos e a comoção dramática provocada por atos teatrais, tema explorado no artigo de Wilson Castello de Almeida (2010).

A catarse é um termo com vasta utilização, tanto na psicologia como em outros campos de pensamento (Almeida, W. C., 2010). Na psicologia, catarse está ligada a emoções, sentimentos e a uma liberação da tensão. A catarse precede um momento de liberdade, mobilização de estados profundos de consciência. A catarse do teatro tradicional foi considerada por Moreno como catarse estética, que tinha efeito somente na plateia (Moreno, 2001). Ele foi além ao considerar a catarse de integração que pressupõe o estado catártico compartilhado e vivido pelo grupo. “Entende-se por catarse de integração o fenômeno que possibilita a liberação de papéis cristalizados em impressões inadequadas e a consequência facilidade em assumir novas condutas” (Nery, Costa e Conceição, 2006, p. 306). Wilson Castello de Almeida (2010) ressalta que:

o resultado do efeito catártico (ou catársico) é movimento, transformação, mudança, criação e criatividade, simbolização de questões vitais, humanização, ampliação dos vínculos pessoais, incremento da espontaneidade, expressão de qualidade do campo relacional, ampliação da consciência, construção de melhores modelos de sociabilidade, evolução mental, adequação do comportamento,

apuro da capacidade reflexiva, equilíbrio entre áreas instintivas e dispositivos defensivos, enriquecimento dos papéis, superação dos estágios regredidos (p. 14)

Zerka Moreno (2001) conta que nessa etapa da juventude, juntamente com um grupo de atores, Moreno funda um grupo de teatro espontâneo que chamou de criaturgia, ao invés da dramaturgia. Trata-se de método que inova a estrutura cênica, eliminando o texto dramático, aproximando os atores da plateia que é participante, centralizando o palco e horizontalizando as relações, provendo a criação no mesmo instante da apresentação. Ele introduz o gênero do improvisado, dando a oportunidade para os atores expressarem suas questões de maneira espontânea e criativa (Moreno, 2001).

Suas performances de teatro espontâneo não eram bem aceitas pela sociedade, que fazia críticas quando o trabalho espontâneo não se desenrolava em maneiras surpreendentes, e desacreditavam da veracidade do trabalho espontâneo, da ausência de ensaio, quando as encenações se mostravam grandes revelações e desdobramentos (Moreno, 2001). Em resposta a isso, Moreno desenvolve a técnica do Jornal Vivo, em que as cenas aconteciam com o tema do jornal entregue no dia em questão, de forma a assegurar a ausência de ensaios para os atos.

No dia 1º de abril de 1921, Moreno realizou o que ele considerou o primeiro sociodrama público. Viena estava em um estado de instabilidade de governo, e nesse dia, Moreno colocou um trono no palco para um público de mais de mil pessoas, e as convidou para se sentar no trono do rei e propor medidas para a sociedade, a plateia seria o júri (Knobel, 2004). Após várias tentativas de voluntários no papel de rei e nenhuma aceitação da plateia, o evento termina com grande frustração da sociedade que não admite nenhum líder. Assim como muitas das suas propostas revolucionárias, esta não teve boa aceitação do público, que fez duras críticas ao trabalho do diretor (Marineau, 1992). Porém, esse fato não desmotivou Moreno de prosseguir com sua investigação de engajamento social e relações grupais.

Moreno percebeu o poder terapêutico que o teatro espontâneo causava ao observar sua principal atriz, Bárbara. Ela costumava desempenhar vários papéis românticos, femininos, de fragilidade e doçura. George, um poeta que era assíduo em frequentar os espetáculos de Moreno e grande fã de Bárbara, se apaixonou pela atriz e se casou com ela. Porém, se frustrou ao constatar que, na vida conjugal, Bárbara não apresentava nenhum daqueles comportamentos meigos que ela habitualmente encenava nos atos, mas pelo contrário, era furiosa e destemperada. George procurou o conselho de Moreno, que se propôs a ajudar o casal (Knobel, 2004).

Moreno então, propôs para Bárbara que desempenhasse um papel diferenciado, pedindo naquele dia, que ela representasse o papel de uma prostituta em conflito com o cafetão. Sua atuação nesse dia foi surpreendente e totalmente diferente da maneira romantizada com que ela vinha desempenhando os papéis. Ela xingou, chutou, bateu e gritou, e a plateia ficou convencida de que ela estava de fato apavorada. Moreno continuou atribuindo papéis diferenciados para Bárbara, enquanto George fazia atualizações para Moreno sobre a melhora gradativa de seu comportamento em casa, afirmando que ela continuava tendo algumas crises de raiva em casa, mas que estas tinham perdido a intensidade, e que muitas vezes, eles conseguiam rir da situação ao encontrá-la semelhante a uma das cenas que ela havia feito (Knobel, 2004).

Moreno percebeu no teatro um espaço para a criação. O clima emocional favorável permite que a pessoa se reinvente e crie os diferentes papéis propostos na cena dramática, facilitando ao ator que ele desbloqueie suas resistências internas. Esse espaço de liberdade tem o poder de revelar a espontaneidade (Moreno, 1987). Moreno mistura o teatro com a vida privada e ajuda seus atores no treino de emoções e sensações dos personagens, ampliando sua experiência que acaba influenciando o funcionamento pessoal fora das cenas (Knobel, 2004). Segundo o próprio “descobri no “teatro terapêutico” uma solução mais simples, ou seja, a facilidade de alcançar uma espontaneidade total” (Moreno, 2012, p. 14). Durante o tempo em

que Moreno dirigiu o grupo de teatro espontâneo, ele começou a estruturar sua prática e aperfeiçoar suas técnicas, verificando as contribuições para a qualidade da cena e para os efeitos terapêuticos nos participantes (Knobel, 2004).

Em 1925, para fugir da perseguição nazista, Moreno refugiou-se nos Estados Unidos, lugar em que ele começou a consolidar seus pensamentos e a desenvolver a teoria socionômica (Marineau, 1992). Ele teve a oportunidade de trabalhar em uma prisão feminina em Hudson, onde desenvolveu e aprimorou o conceito e o teste sociométrico (Knobel, 2004). Na escola para moças, aprimorou seu conceito de espontaneidade. Realizou intervenções no sanatório de Beacon e realizava performances de teatro espontâneo em Nova Iorque. Realizou diversos trabalhos e, em 1942, criou a Sociedade de Psicodrama. Marineau (1992) conta que Moreno fez diversas viagens e visitas a Universidades para difundir suas ideias e ampliar o uso do Psicodrama na solução de conflitos grupais.

A última produção de Moreno foi sua autobiografia. Ele morreu em 1974, aos 84 anos e honrou a profecia da velha cigana que um dia assegurou para sua mãe que ele seria um grande homem (Marineau, 1992). Em sua lápide, pediu para que fosse escrito: “Aqui jaz aquele que levou alegria para a psiquiatria”.

1.3 Teoria Socionômica

A socionomia é dividida em três ramos: (1) a sociodinâmica, que estuda a organização grupal (Malaquias, 2012), como alianças, lideranças e papéis sociais. Algumas leis sociodinâmicas são observadas a partir da afetividade grupal. As escolhas sociométricas produzem movimentos no grupo como polaridades e isolamentos de alguns indivíduos (Nery, 2008). Segundo a autora, os indivíduos com baixo status sociométrico sofrem maiores injustiças, enquanto que quem tem mais privilégio tende a acumular cada vez mais benesses.

Esse efeito acontece em todas as classes econômicas e culturais e cria a pobreza e a riqueza emocional (Nery, 2008).

O segundo ramo, (2) a sociometria estuda a posição dos membros no grupo, investigando como os afetos dos grupos se organizam (Malaquias 2012). O teste sociométrico proposto por Moreno foi uma de suas maiores contribuições, por ser um instrumento que revela o *status* das relações de um grupo (Knobel, 2004). Sua teoria sociométrica é utilizada até hoje para entender e medir grupos e é também usada em programação de redes sociais, “sendo utilizada como método de representação e análise de dados relacionais em múltiplos domínios científicos” (Pedro, & Ferreira, 2012, p. 2). Por fim, (3) a sociatria, que é o tratamento de grupos com o uso dos métodos de ação que são conhecidos como psicodrama, sociodrama, *role-playing*, *playback theater*, psicodrama interno e jogos dramáticos.

A socionomia estuda as relações interpessoais (Malaquias, 2012), entendendo o ser humano como um ser em relação (Perazzo, 2010) que se constitui a partir do contato com o outro. Tais contatos são os vínculos que são essenciais para a manutenção das relações humanas (Bustos, 2005). Os vínculos se estabelecem, se mantêm e se desfazem pela afetividade (Nery, 2003). Segundo a autora, o ser humano se estrutura a partir da afetividade das relações. As pessoas possuem atributos subjetivos, como cognição, atitude, história pessoal e afetividade, e intersubjetivos, papéis sociais, vínculo, contexto, cultura, interação, que se manifestam em forma de papéis sociais (Nery, 2008).

A teoria de papéis desenvolvida por Moreno é um dos pilares de toda a teoria sacionômica (Moreno, 1987; Nery, 2010). O comportamento das pessoas é o próprio desempenho dos diversos papéis que se organizam, se flexionando com seus complementares (Moreno, 1987). Segundo o autor, os papéis sociais vêm antes da noção de eu do indivíduo. Quando nascemos, antes mesmo de existir um eu definido, começamos o desempenho de papéis fisiológicos ou psicossomáticos. Com o amadurecimento, papéis mais complexos vão se

desenvolvendo, adquirindo conteúdo e expressão, até a formação do eu (Moreno, 1987). Nossos primeiros papéis são auxiliados pela relação com a ego-auxiliar primária, que normalmente é a mãe (Guimarães, 2000). Os papéis compreendem os comportamentos sociais esperados do indivíduo e são a menor unidade da cultura. Estudar os papéis sociais amplia a compreensão do indivíduo, pois são a forma de funcionamento em dado momento que estruturam o ser humano (Perazzo, 2010).

Os papéis sociais estruturam o ser, eles são pontos cristalizados de comportamentos e se relacionam sempre de forma complementar (Moreno, 1987). Um papel não existe sem o seu complementar, como não existe uma mãe sem filho, ou um opressor sem um oprimido. Os vínculos que promovem essa complementaridade de papéis ajudam os seres a saírem de um estágio caótico para um funcionamento unitário. O vínculo estabelece um limite entre o eu e o outro, permitindo os relacionamentos complementares. Moreno entende três tipos de papéis: psicossomáticos, psicodramáticos e sociais. Hoje temos as ideias de papéis latentes e papéis históricos. "Além do aprendizado dos papéis, o aprendizado emocional nos vínculos ajudará a nos compreendermos e a liberar nossos potenciais criativos." (Nery, 2003, p. 18)

Para Moreno, a espontaneidade é a questão central da sociedade. Ela é a força de atração e repulsão entre as pessoas, é um mecanismo adaptativo, catalisador da criatividade, mecanismo de sobrevivência e equilíbrio biopsicossocial do indivíduo (Nery, 2010). Na definição simples de Moreno (2001), ele diz que espontaneidade é a capacidade do indivíduo de apresentar uma nova resposta para velhos problemas, de maneira adequada, integrando os envolvidos. A espontaneidade também inclui considerações éticas e morais e controle consciente a partir de reflexão. Espontaneidade é o indicador de saúde. Moreno acreditava que os organismos mais espontâneos são mais capazes de se adaptar adequadamente, são os que vão prosperar (Moreno, 1992).

Como explica Zerka Moreno (2001), a conserva cultural é o resultado da espontaneidade congelada no tempo. As conservas podem causar um bloqueio na espontaneidade ou podem ser um incentivo. Dessa forma, a espontaneidade e a criatividade são essenciais para o devido equilíbrio e gestão do momento. Moreno acreditava que a conserva cultural, criada pelos constantes ensaios dos atores, limitava a integração deles com sua própria subjetividade, e prejudicava o transparecer dos aspectos humanos dos atores, o que afastava o teatro de seu objetivo maior. Moreno acreditava que, se eles expusessem seus próprios problemas e preocupações, juntamente com a catarse de quem assiste à cena, poderiam chegar a uma catarse de integração.

Encontro é o conceito central da teoria moreniana. Ele é existencial, e implica em toda a existência no aqui-agora, conhecer intuitivo no silêncio. A mudança social se dá através do potencial espontâneo do grupo, superar ou abandonar valores, valores que levam à realização, é através do encontro. O encontro se dá pela tele que é troca afetiva e é a unidade de medida da relação. Ela representa uma taxa de interação, determinando a posição afetiva da pessoa no grupo. Segundo Moreno (1987), é o fator sociogravitacional entre indivíduos que promove agrupamentos de pessoas. As intervenções sociométricas visam a liberar a espontaneidade-criatividade e a capacidade de reinventar sua história pessoal (Nery et al., 2006). Moreno acreditava que era no encontro que acontecia a catarse de integração, portanto suas práticas tinham por objetivo levar o grupo para esse lugar comum.

1.4 Sessão Sociátrica

A metodologia psicodramática compreende contextos, elementos, etapas e técnicas que auxiliam o profissional "na leitura dos fenômenos grupais e no manejo técnico" (Malaquias, 2012). O trabalho psicodramático é realizado, considerando a realidade suplementar. Ela é uma realidade cósmica onde tudo é possível (Moreno, 2001). Não tem barreira de tempo e o limite

é a imaginação. Segundo a autora, nesse contexto do "como se" estão presentes o passado e o futuro, é um lugar mágico em que tudo ganha vida e tudo pode acontecer. Ela é um instrumento cênico, é o próprio palco do ato teatral ou da dramatização.

A realidade suplementar é usada como espaço de cura (Moreno, 2001), um espaço seguro em que a pessoa pode vivenciar suas questões e receber o devido apoio emocional para encarar as questões. Em seu livro, Moreno (1978) afirma que a única maneira que temos para resolver uma questão é estando presente na situação, e o teatro e a realidade suplementar são o instrumento que permite que a pessoa reproduza de forma mais fiel a situação de modo que ela possa, dentro do problema, resolver sua questão. A realidade suplementar é um facilitador do empoderamento e transformação das pessoas (Moreno, 2001).

Segundo Perazzo (2010), a realidade suplementar nos leva para o plano da fantasia e se mostra uma ferramenta poderosa para acessar o intangível, e reconstruir modelos, pensamentos, valores, atitudes e comportamentos. Ela oferece ao grupo um lugar confortável e seguro para se reorganizar. As técnicas facilitam e traduzem as comunicações permitindo aos participantes se colocarem de maneira plena e verdadeira. Por onde passa, o Psicodrama toca corações e mobiliza pessoas dentro desse espaço imaginário do como se, onde tudo é possível.

1.4.1 Contextos

Moreno considerava três contextos: o social, o grupal e o dramático (Malaquias, 2012). O contexto social compreende os papéis sociais que desempenhamos no dia a dia, e as relações complementares que desenvolvemos. Eles são visíveis e caracterizados com o tempo pela conserva cultural. O contexto grupal diz respeito ao espaço criado por um grupo, seja ele físico ou subjetivo, que envolve as comunicações e papéis que surgem a partir das relações estabelecidas dentro do grupo, assim como as conversas co-conscientes e co-inconscientes.

O contexto dramático acontece no palco dramático durante a prática, é o espaço do "como se" onde se desenrolam as cenas, e onde os ego-auxiliares assumem papéis que interagem com o protagonista. O contexto dramático é o espaço de realidade suplementar, em que os sujeitos, ao se sentirem aquecidos e contidos, irão buscar apresentar e criar a ação e é o lugar onde os papéis psicodramáticos ganham espaço para se desenvolver em sua espontaneidade.

1.4.2 Elementos

Moreno considera cinco elementos presentes na prática, são eles: o diretor, o ego-auxiliar, o protagonista, a plateia e o cenário (Malaquias, 2012; Nery, 2010). O diretor é o produtor e coordenador do grupo, tem a função de colaborar para que o grupo desenvolva o trabalho, tendo cuidado e expertise para realizar o feito. "Embora em papel hierárquico diferenciado, é um membro do grupo que vive empaticamente os dramas que emergem" (Nery, 2010, p. 123). O ego-auxiliar está a serviço do grupo e do diretor (Malaquias, 2012), e pode ser treinado ou não (Nery, 2010). Treinado é o profissional colaborador da prática, podendo ser mais de uma pessoa. O ego-auxiliar não treinado é qualquer membro do grupo que venha a participar e contribuir com a produção sociodramática. A dupla de ego-auxiliar e diretor é denominada unidade funcional (Nery, 2010).

O protagonista é o representante emocional grupal do drama trazido pelo grupo naquele determinado momento, "que se dará sempre por intermédio de personagens, reais ou simbólicas, metafóricas, exclusivas do contexto dramático" (Alves, 1999, p. 91). A plateia são todos os membros presentes restantes e possuem o papel ativo de interagir e colaborar com a produção, diferente de uma plateia passiva que somente assiste. O cenário ou palco, é o espaço dramático do "como se", onde a ação acontece (Nery, 2010).

1.4.3 Etapas

A prática sugerida por Moreno segue quatro etapas, como explicadas por vários autores, sendo um exemplo, Bustos (2005). A primeira etapa é o aquecimento que, por sua vez tem dois momentos, inicialmente se realiza o aquecimento inespecífico, para aquecimento físico e preparo para a ação. Em seguida, é realizado o aquecimento específico que também tem o propósito de preparar para a ação, mas já é direcionado para o tema em questão e preparo da cena. A segunda etapa é a dramatização, com a emergência do protagonista e do tema protagônico, o diretor utiliza as técnicas psicodramáticas para ajudar o protagonista a desenvolver sua cena e buscar chegar a uma cena reparadora (Nery, 2010).

A terceira etapa é o compartilhar ou *sharing*. Nesse momento, os participantes do grupo compartilham seus sentimentos e como a cena apresentada tem relação com suas vidas pessoais e questões. Bustos (2005) chama a atenção para que esse momento não seja contaminado por uma comunicação de julgamentos, críticas e resoluções e sim, que seja um momento de identificação em que os membros do grupo expressem como aquela prática se relaciona com a sua vida. Esse é o momento em que acontece a catarse de integração.

A quarta etapa, chamada processamento, tem caráter didático de analisar a prática sob a luz da teoria psicodramática e observar qualidades e sugestões de melhoria. Segundo Bustos (2005), tem maior incidência em grupos formados por profissionais da área que têm interesse em aprofundar o conhecimento a respeito da prática. Diferente do compartilhar, o processamento tem caráter técnico, demanda um distanciamento em termos racionais, representando uma "ampliação da vivência afetiva" (Aguiar & Tassinari, 1999, p. 114).

1.4.4 Técnicas

Em seu livro, Maria da Penha Nery (2010) descreve com clareza as técnicas psicodramáticas. Elas são: duplo, solilóquio, espelho, inversão de papel e interpolação de

resistência. No duplo, o ego-auxiliar ajuda o protagonista a expressar um sentimento ou pensamento que está tendo dificuldade, assumindo o lugar do protagonista e dando voz à sua angústia. A técnica do solilóquio consiste no personagem realizar os seus pensamentos em voz alta para que possam ser compartilhados com os outros atores e com a plateia. A técnica do espelho promove o afastamento da pessoa do personagem, permitindo que ele se olhe de fora da cena. A interpolação de resistência consiste em acrescentar um elemento novo e inesperado na cena para provocar a reação espontânea dos atores.

A inversão de papéis é a técnica mais terapêutica, pois resulta no aprendizado de papéis sociais (Nery, 2010). Ela consiste em colocar o ator para olhar o mundo sob o olhar, os pensamentos, crenças e valores do outro. Ela amplia o olhar do mundo e do outro e melhora a capacidade imaginativa e intuitiva. Essa técnica traz conteúdos inconscientes capazes de ampliar a capacidade empática e fazer o encontro acontecer.

1.5 Ato Terapêutico

Na socionomia, o ato terapêutico é comumente chamado de psicodrama público (Bustos, 2005; Wechsler & Monteiro, 2014). Bustos (2005) conta que Moreno costumava trabalhar neste modelo, caracterizado por sessões breves com grupos que não tivessem continuidade prolongada. Modalidades como axiodrama (Campos, Sarda, Dias, & Cunha, 2010), jornal vivo (Wechsler, 2014), grupos temáticos (Almeida, C. M. C. D., 2010) também se caracterizam por uma intervenção que se desenvolve em um único encontro. Nos textos, Campos et al. (2010) trazem relatos que demonstram o potencial do ato em promover a revisão de valores, "ampliar e viver a escolha dos valores, possibilitando a saída do discurso para a ação" (Campos et al., 2010, p. 4), e a responsabilidade "quanto a produção de modos de subjetivação" (Wechsler, 2014, p. 84) e no "resgate da unificação entre o ser e a ação" (Wechsler, 2014, p. 87).

O ato único (*single session*, ou *single act*) tem sido aplicado em todo o mundo, e tem mostrado uma melhora na flexibilidade, na criatividade, na saúde mental e psicológica e na espontaneidade, como mostra a revisão bibliográfica de Paul e Ommeren (2013) que não especificam a abordagem teórica e sim o manejo técnico da prática. Eles chamam a atenção para a necessidade de que cada ato único seja adaptado cuidadosamente de forma a contemplar as necessidades de cada cultura específica, em um contexto macro, a sociedade, as civilizações ou micro, grupos, família.

A metodologia também é utilizada por Costa, Guimarães, Pessina e Sudbrack (2007) em seu estudo, e se mostra muito interessante, tendo em vista sua praticidade em oferecer suporte e empoderamento em uma única intervenção para várias pessoas ao mesmo tempo, se mostrando uma prática econômica e sustentável. O ato terapêutico não possui compromisso com outros atendimentos e deve apresentar uma conclusão no mesmo dia, sendo realizado de maneira "intensa, potente e focal" (Costa et al., 2007, p. 105). Segundo as autoras, o trabalho com *single session* deve contar com o máximo de investimento técnico, pessoal e metodológico, por parte dos profissionais. Elas ainda enumeram vários estudiosos que vêm investindo nessa proposta no mundo.

A potência do ato é referida no artigo de Alves (2014) que traz um relato de grupo realizado em ato que trouxe novos significados para a protagonista que teve a oportunidade de ressignificar situações que aconteceram em sua vida. Apesar da falta de continuidade, percebemos no relato, como uma sessão única pode apresentar potência transformadora nos indivíduos. Nery (2010) afirma que a vivência psicodramática promove "aprendizagens interacional e afetiva, ampliação da consciência crítica social e da politicidade do estudante, liberação da sua espontaneidade-criatividade e criação conjunta do saber" (p. 118). Em sua experiência, Perazzo (2012) afirma que os procedimentos psicodramáticos são capazes de

desfazer o isolamento das pessoas em alguns minutos. Segundo Navarro (1999), o tempo reduzido cria um "aumento do senso de responsabilidade pessoal para mudanças" (p. 133).

O ato terapêutico não tem a intenção de substituir o processo terapêutico, e sim ser uma ferramenta complementar para o trabalho psicológico dos indivíduos. A sociedade necessita de espaços alternativos de encontro e compartilhar, para que possam se empoderar e tomar um papel mais ativo de decisão e participação na construção de seus grupos e comunidades. Busnello (1986) já falava da importância de estudos que procurem entender e discutir os grupos e suas aplicações em psicoterapia, "em todo o mundo se trata de buscar o trabalho cooperativo e em equipe, para atingir o aperfeiçoamento das instituições sociais que procuram a melhoria das condições das sociedades humanas" (p. 20). Nos tempos atuais, Motta (2014) chama a atenção para o desafio dos profissionais em promover a reunião dos conhecimentos científicos e populares em busca da criação conjunta como sugestão ou aposta para um reinventar do cotidiano, contando com a participação de todos nas decisões e "na construção de um mundo melhor e menos injusto" (p. 57).

2. A Vida em Grupo

O ser humano é um animal coletivo, isso quer dizer que, desde o seu nascimento, está inserido em uma cultura, e se organiza em grupos (Osório, 1986). Desde os primórdios, essa organização é essencial para a sobrevivência da espécie, e para tanto, as pessoas se juntaram em tribos e famílias (Harari, 2015). Knobel (2011) remonta aos tempos antigos para explicar a tendência humana de se agrupar e se manter junto segundo as afinidades. "No campo social, cultural e afetivo, os grupos lutam por direitos, seduzem, criam ideologias e discursam para manter privilégios e conquistar territórios e saberes" (Nery, 2010, p. 46).

O ser humano é um ser "co-criador do universo e autor da sua própria história" (Romano, 2011, p. 125). Na visão do fundador do Psicodrama, a concepção do ser humano vai além de seus aspectos biológico, psicológicos e sociais (Moreno, 1987). Para Moreno (1987), o ser humano faz parte de um cosmos e, portanto, é parte de um todo muito maior, sendo ele parte ativa do processo criador desse todo. Segundo Zerka Moreno (2001), o indivíduo compartilha a experiência com o grupo, “ninguém atua sozinho, somos coautores aqui na Terra e é particularmente nisso que temos grandes dificuldades e obstáculos a superar” (p.24).

Adamopoulos (2002) discute o "universalismo" da história dos relacionamentos para explicar uma possível razão de aspectos perceptivos comportamentais. Ele afirma que o ser humano tem a tendência a classificar os objetos e ideias como boas ou ruins, fortes ou fracas, rápidas ou devagar e isso é resultado da avaliação que deveríamos fazer nos primórdios da sociedade para sobreviver às ameaças constantes da natureza. Para o autor, os seres humanos se relacionam para manter uma rede de trocas ativa, e assim, sobreviver e prosperar no mundo, afirmando que o comportamento social é baseado na troca de recursos físicos, mentais e intelectuais. Nery (2008) afirma que o indivíduo desenvolve mecanismos de defesa social de memória de atitudes que favorecem o entrosamento como grupo. A autora também fala que o co-consciente e co-inconsciente são intercâmbios mentais criados pelas pessoas, fatores que possibilitam a evolução psíquica dos indivíduos e grupos.

O grupo é um organismo vivo (Perazzo, 2010), ele trabalha em prol da sua manutenção e sobrevivência, assim como as células possuem suas diferentes organelas com suas funções diferenciadas, os indivíduos se organizam dentro dos grupos, assumindo papéis e funções, se arranjando com as modificações que acontecem, sempre com o interesse de se manter e se fortalecer. Nery (2010) exemplifica esse fenômeno, afirmando que o grupo se protege de novidades, criando atitudes específicas em relação aos novatos. Romano (2011) também coloca a função das redes sociais na manutenção da saúde dos indivíduos. A autora afirma que "o

grupo social é de extrema importância para a busca da qualidade de vida de um indivíduo para a manutenção de sua saúde física e mental." (p. 132).

Segundo Perazzo (2010), “quando um grupo se forma, ele passa a ser regido por leis que lhe são próprias” (p. 59), essas leis se diferem de leis individuais e pertencem ao grupo. Busnello (1986) fala de “normas específicas do grupo” (p. 19). A autora coloca como o grupo é importante na definição individual e fortalecimento, assim como no controle e regulamentação das atitudes das pessoas. Atitudes, crenças e normas são a base de qualquer cultura ou grupo. Podemos entender que são elas mesmas que definem a unidade grupal e facilitam o caminhar em união de seus participantes. Os indivíduos de um mesmo grupo são impelidos a seguir os padrões de seu grupo para obter atenção, proteção, e sentir a satisfação de pertencimento essenciais para qualquer ser humano (Levy, West, & Rosenthal, 2012). Nery (2003) afirma que, assim como os indivíduos que o compõe, o grupo está sempre em busca de sua homeostase, conduta esta ligada à afetividade.

Moreno (1987) considera a existência de um co-inconsciente sendo ele, uma das dimensões na vida relacional que é o conhecimento subjetivo compartilhado entre os grupos de pessoas. Knobel (2011) afirma que pessoas que possuem convivência "acabam desenvolvendo conteúdos psíquicos e formas compartilhadas de subjetividade que constituem os estados co-conscientes e co-inconscientes" (p.139). O estado co-inconsciente é compartilhado, eles são importantes para o grupo, agilizando e otimizando a comunicação, "a duração e a intensidade das relações são proporcionais à coesão" (Knobel, 2011, p. 140). Os seres humanos estão sempre conectados em grupos, e segundo Moreno (1987), é neles onde adoecem e se curam.

2.1 Evolução do Tratamento de Grupos

O início do tratamento em grupos aconteceu no início do século XX com pacientes tuberculosos e tinha o objetivo de potencializar a melhora, a partir da convivência harmoniosa

e cooperativa, como conta Camara (1987). No início, os grupos eram conduzidos no modelo de aulas educativas, no sentido de ensinar práticas de saúde e vida em comunidade (Russo, 1999). Posteriormente, se expandiu para outros tipos de enfermidades e novos objetivos para com o grupo (Camara, 1987).

Até a década de 1930, muitas pesquisas sobre intervenção em grupo foram realizadas, contudo foi depois disso que elas começaram a ser sistematizadas e formalizadas (Russo, 1999). Estudos sobre dinâmicas de grupos surgiram da concepção de técnicas e métodos que se aplicavam a grupos. A combinação entre a tecnologia, os valores da sociedade, a tendência à solução racional favoreceu tal surgimento (Busnello, 1986). Segundo a autora, a onda de trabalhar com grupos se expandiu para outros profissionais como educadores, administradores e assistentes sociais. Desde essa época, a sociedade apresentava demandas de trabalhos cooperativos e aperfeiçoamento social, o que justificava o trabalho e a pesquisa com grupos (Busnello, 1986). Para a autora, o grupo cumpre as funções de criar um ideal de funcionamento e um sentimento de identidade.

Os trabalhos de Kurt Lewin foram de grande importância para a expansão do estudo e tratamento de grupos. Lewin afirmava que não se podia separar a ação da pesquisa em psicologia social (Russo, 1999), e levou em consideração a dinâmica tanto dos indivíduos como do meio (Camara, 1987). O amadurecimento da sociedade, assim como a abertura das instituições de ensino, permitiu que profissionais de diferentes formações se unissem para discutir e descobrir como lidar com grupos, passando a pesquisa para o campo social (Busnello, 1986).

Nos anos 1960, o mundo passou por um reexame dos principais valores e premissas da cultura, "o descarte torna-se uma tônica e o novo é algo sempre esperado" (Navarro, 1999, p. 130). Nesse momento, o trabalho com grupos foi influenciado por estudos desenvolvidos na Segunda Guerra Mundial, inicialmente com o interesse de observar lideranças e nas formas de

organização dos grupos e suas direções, se expandindo para programas de treinamento e habilidades, e no estabelecimento de relações humanas positivas (Fonseca, 1999). O estudo sobre grupos envolvia o entendimento de como os indivíduos se relacionam entre si e com o grupo, assim como a influência que o grupo possui neles (Osório, 1986). Nesse momento, muitas linhas da psicologia aprofundaram seus estudos na abordagem grupal, tais como, a psicoterapia psicanalítica, a grupoanálise, a gestalt-terapia, análise transacional e o próprio Psicodrama (Fonseca, 1999).

A psicoterapia de grupo teve seu auge nos anos 1970, concomitante com o movimento hippie. O mundo todo estava vivendo uma tendência à criação de comunidades terapêuticas⁵, tendência iniciada por Maxwell Jones na Inglaterra e posteriormente por todo o mundo ocidental (Fonseca, 1999). O autor também acrescenta que nessa época o movimento antipsiquiátrico se fortaleceu e ajudou na humanização dos serviços em saúde, diminuição do preconceito em relação aos doentes mentais e o início da terapia familiar. Nesse ano, no Brasil, acontecia um congresso de Psicodrama que movimentou e envolveu a cidade de São Paulo, chamando atenção para o tratamento em grupo (Rodrigues, 2010).

Nos anos 1980, a psicoterapia de grupo esmoreceu, houve um desinteresse dos pesquisadores, dos profissionais e conseqüentemente, na procura pelo serviço (Fonseca, 1999). O autor coloca que nessa época houve uma forte tendência ao individualismo, na valorização do privado no lugar do público, as repúblicas são trocadas por apartamentos individuais, a terapia de grupo pela terapia individual e se fortalece o culto à beleza e à saúde. Como reação a essa tendência, Osório (1986) traz em seu livro a proposta de reanimar e revalorizar a prática e a pesquisa da grupoterapia.

⁵ As comunidades terapêuticas originárias por Maxwell Jones nada tinham a ver com as atuais comunidades terapêuticas de cunho religioso destinado ao recolhimento de usuários de drogas.

Com a chegada dos anos 1990, a tecnologia se aprimorou e os cientistas começaram a isolar componentes químicos e criar remédios com ações pontuais no cérebro. Foi chamada de "década do cérebro" por Fonseca (1999, p. 9), e a sociedade compreende e explica os fenômenos do ponto de vista bioquímico e genético. O autor afirma que a tendência a abordagens de caráter diretos e breves continuarão se desenvolver, constatando que a oferta de processos terapêuticos grupais diminui, enquanto o emprego de técnicas grupais em grupos pontuais, como treinamentos, seleção de pessoal e *workshop* vêm aumentando.

2.2 Cenário Atual

Já na segunda década do século XXI, vivemos um momento em que os avanços tecnológicos acontecem de forma rápida, a comunicação é instantânea e com abrangência mundial. A *internet* ganha espaço e concentra cada vez mais as atividades em redes sociais. Vemos um distanciamento (Navarro, 1999) e uma tendência ao isolamento e enfraquecimento do grupo, do compartilhar e da co-criação (Perazzo, 2010). A sociedade tem demanda de processos rápidos, curas prontas, e melhora da eficiência de tratamentos (Campos et al. 2010). "A perda da habilidade de sermos protagonistas da história, de usufruirmos nossas práticas de poder para a nossa construção humana, resulta em nossa automação e robotização" (Nery, 2003, p. 27), processo já previsto por Moreno no século passado (Rodrigues, 2010).

A vida moderna é marcada pela efemeridade, o consumismo e a globalização, em que os bens de consumo são mais valorizados que as relações interpessoais, "o que importa é consumir sem pensar nas consequências das compulsões estimuladas pelo mundo moderno. Essas compulsões levam cada vez mais à individualidade e ao isolamento afetivo como forma de proteção" (Colombo, 2012, p. 27). A autora afirma que a construção do sujeito moderno é um resultado da "era dos excessos" (p. 27) e imediatismo que vivemos. O modo de vida moderno afeta "a construção de identidades, de relações sociais e vínculos afetivos" (p. 31)

Campos et al. (2009) reconhecem "a necessidade de uma sociedade e a sua luta por uma vida digna, um valor supremo, onde a alegria, a espontaneidade e a criatividade possam ser a mola propulsora do desenvolvimento" (p. 4). Nery et al. (2006) apontam a prática sicionômica como favorável nas intervenções comunitárias, contribuindo para a cidadania e para o empoderamento pessoal. Rodrigues (2010) concorda afirmando que o psicodrama e o sociodrama são ferramentas que promovem a "sustentabilidade social, econômica e psicológica dos grupos" (p. 4).

Para Davoli, Batista e Nilson (2012), é imprescindível manter o compromisso de "contribuir para que as pessoas se reconheçam cada vez mais como sujeitos sociais, políticos e históricos, como agentes e criadores da realidade em que vivem" (p.173). A democratização do Psicodrama se faz com a abertura de espaços para a sociedade trabalhar de forma grupal e psicodramática, os conflitos inerentes do contexto atual que, por sua vez, amplifica a consciência quanto ao papel de cidadão participante da sociedade civil (Kim, 2013).

III. Objetivo

1. Objetivo Principal de Estudo

O objetivo da pesquisa é descrever as principais características de um ato psicodramático, aspectos sociodinâmicos, descritores e manejos, a fim de melhor compreender tal modalidade de atendimento.

2. Objetivos Secundários

Identificar características específicas de um ato terapêutico.

Diferenciar ato e processo terapêutico.

Discutir o que faz um ato ser terapêutico.

Descobrir atitudes e comportamentos da unidade funcional que colaboram para o desenvolvimento do ato.

3. Perguntas Norteadoras

O que caracteriza um ato terapêutico?

Qual a diferença entre processo e ato terapêutico?

O que faz um encontro ser terapêutico?

Qual o papel da unidade funcional na boa execução de um ato terapêutico?

IV. Metodologia

1. Metodologia de Pesquisa

1.1 Pesquisa Qualitativa

Quando se realiza uma pesquisa sobre cuidado à saúde do ser humano se fala, necessariamente, do caráter subjetivo da prática, considerando que a qualidade da intervenção é algo que somente o sujeito pode comentar a partir da sua perspectiva. Dessa forma, é preciso uma metodologia que ajude a compreender o fenômeno, não em seus aspectos gerais, mas em sua individualidade e, mais do que isso, tenha a intenção de ir além e devolver algum benefício prático para sociedade. Os potenciais da metodologia socionômica vão muito além dos propósitos interventivos, pois proporciona ferramentas de compreensão e análise das relações interpessoais, de forma que não existe modo mais apropriado para fazer a leitura e análise dos dados nesse caso.

Na pesquisa qualitativa, o interesse não é em quantas vezes um fenômeno ocorre, e sim qual a atribuição de significado que o sujeito de pesquisa traz para tal experiência (Nery & Costa, 2007). A pesquisa qualitativa preconiza a subjetividade do indivíduo. Tal pesquisa propõe uma forma de pensar o mundo, a partir da voz de quem está realmente implicado no fato e tem realmente algo a dizer a respeito (Nery & Costa, 2008). Valoriza o singular e a individualidade do sujeito, reconhecendo a qualidade, não somente no fator numérico, mas detém-se no olhar aprofundado das diferentes peças que compõem a rede de relações, ampliando a compreensão em profundidade e não distância (Nery et al., 2006).

A pesquisa qualitativa não possui a ambição de trazer verdades absolutas. Realiza trabalho de observação dos fenômenos e, principalmente, algum serviço de melhoria (Nery & Costa, 2007; Ferreira, Calvoso, & Gonzales, 2002). "A busca da pesquisa nesse modelo de

ciência não é tanto pela verdade, pela explicação, mas sim pelos limites das verdades e suas possibilidades de transformação" (Nogueira & Brito, 2009, p. 145). A saída é "o desenvolvimento de metodologias que assumam ser situações de construção de sentido e estejam voltadas para favorecer a melhoria da condição humana, mesmo que tais trabalhos contenham riscos de imprecisões" (Ferreira et al., 2002, p. 242). "A pesquisa é, pois, um processo interacional sujeito observador/sujeito observado" (Nery & Costa, 2007, p. 126), pois é implicada necessariamente pela subjetividade do pesquisador, dos participantes e pela intersubjetividade entre todos, e é nessa interação que se criam os sentidos. "Há a decisão de se dar vez e voz às emoções e subjetividade dos pesquisadores" (Costa, Penso, & Almeida, 2006, p. 176).

Segundo Contro (2009), a pesquisa qualitativa pressupõe uma "mútua interferência entre sujeito e objeto" (p. 18), os processos subjetivos dos sujeitos acontecem ao mesmo tempo e a pesquisa deve se ocupar de compreender o desenvolver da criação, "seria apreender as configurações subjetivas na sua dimensão de criatividade em decurso" (p. 18). Nery e Wechsler (2010) afirmam que a subjetividade do pesquisador está sempre presente na construção do conhecimento. Não obstante, a análise individual de um pesquisador não limita a capacidade de investigação e abstração do estudo, muito menos o potencial de contribuir com a compreensão do fenômeno (Nogueira & Brito, 2009).

1.2 Psicodrama como Método de Pesquisa

O Psicodrama traz uma riqueza muito grande de vocabulários e teorias para a compreensão dos fenômenos relacionais. Ele é um método de ação terapêutica e também uma metodologia de pesquisa (Nery & Costa, 2008). Ao incentivar a expressão da voz de todos os seus participantes no processo de criação grupal, em busca de compreensões e resoluções das questões presentes, a socionomia propõe colocar como foco a dinâmica afetiva do grupo e

entender que somente uma visão múltipla dos fenômenos é capaz de trazer entendimentos comuns (Conceição & Auad, 2010).

O psicodrama é uma metodologia de investigação e intervenção em grupo, pois ajuda na manifestação dos conflitos latentes criando oportunidade de desenvolver maneiras de lidar com eles (Lucca & Schmidt, 2004). "Um método de pesquisa interventiva, que busca compreender os processos grupais e intervir em uma de suas situações-problema, por meio da ação/comunicação das pessoas" (Nery et al., 2006, p. 305). Segundo Conceição e Auad (2010) a epistemologia socionômica tem o "objetivo de superar a dicotomia da pesquisa quantitativa/qualitativa, ao privilegiar a participação dos sujeitos na situação." (p. 133).

Toloi e Souza (2015) afirmam que o sociodrama é um procedimento dinâmico e terapêutico que viabiliza maior expressão dos sentimentos e pensamentos internos, uma alternativa criativa para a co-construção do conhecimento a partir da espontaneidade dos sujeitos. As autoras destacam o sociodrama temático como procedimento de pesquisa que proporciona tanto uma intervenção terapêutica, como uma investigação científica, se mostrando "útil no campo da investigação em clínica-social" (p. 16).

Segundo Nery e Wechsler (2010) o trabalho socionômico é realizado no campo da intersubjetividade, possuindo perspectiva política e ideológica. Para as autoras, a partir da interdependência das partes e na construção conjunta é possível realizar a leitura do grupo. Nery e Costa (2007) afirmam que a metodologia de pesquisa qualitativa socionômica contribui para o fortalecimento pessoal e desconstrução institucional. Dessa forma se torna a melhor aposta tanto como metodologia de pesquisa, como para análise de dados, uma vez que considera o homem como um ser em relação e a pesquisa foca no que há entre os sujeitos, na busca de observar justamente os aspectos relacionais da prática, indo de encontro com o próprio propósito do Psicodrama.

2. Objeto de Estudo

O objeto de pesquisa do presente estudo é o ato terapêutico que consiste na modalidade de atendimento que se caracteriza por uma intervenção única realizada por psicólogos, que possui início, meio e fim, no intervalo de poucas horas. Diferente de outras pesquisas que analisam o fenômeno da prática, a análise aqui é da prática em si, modalidade de atendimento já reportada por diversos autores como Bustos (2005), Costa et al. (2007), Perazzo (2010), Nery (2010), Almeida, C. M. C. D. (2010), Wechsler e Monteiro (2014), Tolo e Souza (2015), Alves (2014), entre outros.

Buscou-se caracterizá-lo, diferenciá-lo do processo, trazer suas especificidades e sugestões de manejos, assim como trazer assuntos específicos sobre os temas relacionados, a partir da experiência de especialistas que realizam atos terapêuticos há muitos anos. Somados às observações advindas da realização de dois atos terapêuticos, teceu-se uma conversa com a teoria apresentada na revisão de literatura.

3. Coleta de Dados

A coleta de dados da pesquisa socionômica traz diversos desafios, já que se busca captar aspectos relacionais e afetivos, os quais se manifestam de outras formas além da linguagem verbal, como micro gestos e posturas. Para tal é imprescindível que o registro da sessão seja realizado por meio de vídeo e gravação de áudio (Nery et al., 2006). Além disso, a atuação do pesquisador deve ser mais ativa, contando com experiência clínica para o uso de instrumentos adequados na coleta de informações (Nery & Costa, 2008). Nery et al. (2006) apontam que na coleta de dados devem ser observadas as posições e atuação de todos os participantes, incluindo

a unidade funcional, as cenas trazidas e os sentimentos e falas apresentados, estando eles relacionados ou não ao tema central.

As entrevistas e observação de participantes são instrumentos que permitem a externalização de representações sociais que são pensamentos, ações e sentimentos expressos categorizados no sentido de explicar, justificar ou questionar a realidade (Lucca & Schmidt, 2004). Em sua pesquisa, Lucca e Schmidt (2004) também apostaram na realização de atividades grupais para a coleta de dados acreditando "ser possível por meio destas, a intercomunicação dos participantes e a manifestação coletiva acerca do cotidiano" (p. 0). Tolo e Souza (2015) afirmam que a prática da co-construção possibilita a expressão de conteúdos pessoais sendo possível o vislumbamento da realidade psíquica e investigação profunda das dinâmicas e padrões sociais presentes.

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada de duas formas: (1) entrevistas semiestruturadas com especialistas do Psicodrama e (2) atos terapêuticos. Ambas as formas de coleta contaram com gravação de vídeo e áudio e posteriormente foram integralmente transcritas.

3.1 Entrevistas

A seleção dos especialistas foi realizada por conveniência. O critério de seleção dos entrevistados foi por indicação e disponibilidade. Cada entrevistado realizou indicações de profissionais que apresentavam vasta experiência com atos psicodramáticos, até encerrarem as vagas. Após cada contato com o profissional, era questionado se teriam indicação de outros profissionais que também trabalhavam com atos terapêuticos e tinham bastante experiência no assunto. Alguns dos especialistas participantes desta pesquisa foram indicados mais de uma vez, bem como os especialistas se indicaram entre si.

As entrevistas semiestruturadas foram baseadas na experiência pessoal dos especialistas, sendo conversas livres, com intuito de recolher o conhecimento dentro de sua autenticidade, espontaneidade e liberdade de expressão. Elas seguiram um roteiro de entrevista, encontrado no Apêndice 1 deste trabalho. No entanto, muitas perguntas não foram realizadas em razão do assunto já ter sido abordado pelo especialista previamente, em respostas anteriores. Os principais assuntos investigados foram: a experiência pessoal com atos terapêuticos, a diferença de ato e processo, a diferença de Psicodrama clínico e não clínico, o aquecimento do diretor e do grupo, a influência de ter ou não um tema previamente estipulado, as atitudes, características e os comportamentos do diretor e do ego-auxiliar que favorecem ou não a realização de um ato, o sucesso ou não dele, a sua qualidade terapêutica e a avaliação do encontro tanto entre a equipe de profissionais como para com os participantes.

As entrevistas ocorreram entre os dias 8 de setembro e 24 de novembro de 2017. Tiveram uma duração média de 54 minutos. No total foram realizadas seis entrevistas, sendo cinco delas realizadas por Skype com um psicodramatista, e uma das entrevistas realizadas pessoalmente, com dois psicodramatistas, simultaneamente, na cidade de São Paulo. Totalizando sete especialistas entrevistados, quatro mulheres e três homens. Todas as entrevistas foram filmadas, gravadas e transcritas na íntegra.

Tabela 1. *Relação de especialistas, suas características e forma de contato.*

Especialista	Gênero	Formação	Meio
E1	M	Psiquiatra	Skype
E2	F	Psicóloga	Skype
E3	F	Psicóloga	Skype
E4	M	Psicólogo	Skype
E5	F	Psicóloga	Presencial
E6	F	Psicóloga	Skype
E7	M	Psicólogo	Presencial

Todos os especialistas são psicodramatistas há mais de 10 anos, possuem experiência clínica em consultório e experiência na realização de atos públicos e possuem trabalhos publicados. Eles mostraram interesse em participar e contribuir com o conhecimento acerca da temática. A fala trazida pelos especialistas está em consonância com o que pede a bibliografia estudada, mostrando que eles estão afinados com a teoria, como mostra nossa seção de resultados e discussão.

3.2 Grupos Terapêuticos

Para ilustrar aspectos levantados pela pesquisa foram realizados dois grupos, que aconteceram nos dias 22 de novembro e 21 de dezembro de 2017. Cada grupo contou com a presença de dois participantes, um homem e uma mulher em cada dia. A divulgação dos grupos foi realizada pela *internet* por *e-mail* e pela página no *Facebook*, *Instagram* e *Blog*. Os sujeitos participaram do grupo espontaneamente e foram devidamente informados dos acordos éticos da pesquisa, tais como sigilo, voluntariedade em participar e possibilidade de retirar o consentimento a qualquer momento, tendo concordado em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Tabela 2. *Relação de participante dos grupos.*

Participante	Gênero	Idade	Tema
G1.1	F	67	E essa tal assertividade?
G1.2	M	57	E essa tal assertividade?
G2.1	F	33	O que será do amanhã?
G2.2	M	23	O que será do amanhã?

Os dois grupos começaram com um contrato terapêutico, momento de explicar como funciona o grupo, o caráter breve da sessão, o respeito com a fala do outro, o convite aos

participantes a cuidarem uns dos outros, se engajarem em realizar alguma criação conjunta e esclarecerem as eventuais dúvidas. Em seguida, cada um dos participantes falou como se relacionava com o tema, o motivo da ida ao encontro e suas expectativas. Dentro dessa conversa, foi pedido que eles trouxessem uma cena concreta em que vivenciaram aquilo que trouxeram nos comentários iniciais. Os participantes, então, escolhiam qual das duas cenas gostariam de ver trabalhada e iniciava-se o aquecimento específico, momento de preparar a cena, montando os personagens e o cenário.

Na medida que a cena é construída, inicia-se a dramatização, em que os personagens presentes interagem e desenvolvem uma história. Nesse momento, tanto o ego-auxiliar como o outro participante, também ego-auxiliar, assumem o papel de algum personagem da trama (por indicação do diretor, ou espontaneamente), e o diretor se coloca junto ao protagonista, utilizando-se das técnicas psicodramáticas, principalmente duplos, algumas vezes colocando-o em outros papéis ou tirando-o da cena para ver de fora, com técnicas de inversão de papéis e espelho, buscando alguma forma diferente de lidar com a questão trazida. O diretor e os egos-auxiliares ajudam o protagonista a encontrar novas maneiras de lidar com a situação, procurando encontrar uma cena reparatória para o que foi trazido.

No primeiro grupo, devido ao tempo, só foi possível realizar o aprofundamento de uma cena. A segunda cena foi comentada e relacionada com a cena realizada, de maneira verbal, na última etapa do compartilhar. No segundo grupo, as duas cenas foram realizadas chegando a um desfecho. Os participantes de ambos os grupos fizeram o papel de ego-auxiliar, participando da cena do outro como personagem. No momento do compartilhar, nos dois grupos, os participantes trouxeram impressões e sentimentos a respeito da experiência vivida. Depois de um mês decorrido do grupo, os participantes receberam por *e-mail* a pergunta: "o que eu levei do encontro?".

4. Análise dos Dados

A análise de dados é a compilação e organização das informações com o objetivo de criar novos sentidos a partir dos diferentes elementos e aspectos levantados. Na análise é possível perceber qual o lado da dinâmica que não muda (Nery & Costa, 2007) e também trazer à tona estados co-conscientes e co-inconscientes dos grupos observados, a partir da leitura sociométrica dos fenômenos grupais (Nery et al., 2006). Busca-se organizar os achados com o objetivo de análise e interpretação posterior, somadas à criatividade do pesquisador de criar conexões com a teoria e elaborar conceitos, a partir do que foi observado (Nogueira & Brito, 2009).

Coffey e Atkinson (1996) descrevem o método de codificação como estratégia de análise para a pesquisa qualitativa, uma maneira de organizar, gerenciar e resgatar os pontos chave dos dados. Eles explicam que o processo de segmentação do texto separa as informações em porções que tenham relação entre si e que sejam grandes o suficiente para possuir um sentido, para então serem organizadas e recontextualizadas. Segundo os autores, identificar tais segmentos é o primeiro passo para a codificação. Para Saldaña (2015), o código é, normalmente, uma palavra ou frase curta, que traz a essência dos dados capturados, tanto do discurso como dos dados visuais, da mesma forma que o título de um trabalho representa para o trabalho. Para o autor, codificar não é um ato interpretativo e não é uma ciência precisa.

A codificação vai muito além da categorização da informação, pois envolve conceituação dos dados e levantamento de questões. Nela, quebram-se os dados em partes relevantes e abre-se a discussão para a interpretação, e cada segmento pode receber mais de um código (Coffey & Atkinson, 1996). Segundo os autores, os códigos que são criados pelo pesquisador investigador, podem ser relacionados com os objetivos de pesquisa, ou podem ser aspectos observados nos dados, assim como podem ser criados a priori ou a posteriori. Para

eles, os códigos por si só não representam, a princípio, grandes descobertas, assim como não representam a versão final de análise, sendo somente o ponto de partida.

As entrevistas deste estudo foram transcritas na íntegra em um arquivo *Word*. O texto foi justificado e recuado de forma a ocupar metade da página e em seguida, impresso. Foi lido e segmentado em seus assuntos presentes dentro das ideias trazidas pelo especialista. Cada segmento, ou pedaço de informação do texto, recebeu um código referente à ideia trazida de forma que, praticamente, todas as linhas receberam um ou mais códigos. Os códigos se reportam ao assunto da fala, respondendo aos questionamentos: o que esse trecho diz? Que informação está contida? Sobre o que e o que está sendo trazido? Alguns exemplos de códigos são: "manejo do diretor", "movimentos do grupo", "objetivo do ato" ou "o que precisa acontecer em um ato".

Após codificar todas as entrevistas, os códigos foram colocados em uma tabela de *Excel*, somando 2156 linhas. Na coluna à direita, denominada elaboração, para cada código buscou-se informação no texto, parafraseando os entrevistados e usando algumas palavras-chave dos mesmos. Os exemplos para os códigos mencionados acima: manejo do diretor - trabalhar no aqui e agora, movimentos do grupo - o grupo vai por direções inesperadas, objetivo do ato - não é produzir grupo é produzir grupalidade, o que precisa acontecer em um ato - os participantes criarem pontos de vista a partir do que experimentou. As duas colunas (códigos e elaboração) somadas compuseram uma unidade de informação.

Para facilitar o resgate da unidade de informação no texto, em colunas ao lado esquerdo, colocou-se uma numeração para cada linha da tabela, seguido de numeração individual para cada entrevistado, seu nome, o número da página impressa em que o código se encontra e uma numeração dos códigos por página. Além disso, acrescentou-se uma coluna com a pergunta iniciadora da resposta. Em seguida, foram levantadas 14 categorias, a partir de assuntos que ficaram em evidência na subjetividade da pesquisadora, após a coleta dos dados, e criadas uma

coluna para cada categoria. Com base nessas categorias foram estruturados os itens dos resultados. As categorias foram: (1) aqui e agora, (2) espontaneidade, (3) aquecimento, (4) diretor, (5) ego-auxiliar, (6) protagonista, (7) grupo, (8) diferença de ato para processo, (9) diferença de Psicodrama terapêutico e socioeducacional, (10) técnicas, (11) temas, (12) avaliação, (13) objetivo e (14) sucesso.

Cada linha foi relida e analisada, realizando marcações nas colunas correspondentes às categorias que aquela unidade de informação trazia, ou seja, quando a linha trazia o assunto de uma ou mais categoria, ela recebia um x. Por fim, utilizando a ferramenta de ordenação alfabética do programa *Excel* foi possível escolher uma coluna e reorganizar a tabela a partir da categoria desejada, de modo que todas as unidades de informações que receberam uma marcação naquela categoria, se agrupam no início da grade de análise, trazendo todo o conteúdo das entrevistas referentes àquele assunto.

A ferramenta do *Excel* também permite filtrar em consequência de mais colunas, de forma a ser possível filtrar qualquer categoria em relação a outras, por exemplo, se desejar filtrar a categoria "aquecimento" juntamente com a categoria "diretor", irá obter todas as unidades de informações obtidas de todas as entrevistas condensadas. Tal procedimento foi utilizado para agrupar as informações e criar correlações entre os assuntos, buscando correspondência, paralelismo e nexos entre as categorias. Cabe ressaltar que a construção da grade aconteceu de maneira espontânea, baseada na maneira que a pesquisadora encontrou para ser capaz de olhar para as inúmeras informações obtidas e conseguir contemplar o máximo do conteúdo trazido.

A fim de esclarecer e demonstrar a organização da grade de análise de dados foi realizada uma síntese, acrescentada aos apêndices deste trabalho (Apêndice 4). Para a súmula, as colunas de contagem foram excluídas e a tabela foi reduzida a cerca de 3% de seu tamanho inicial, buscando manter alguma representatividade dos assuntos trazidos. A redução da tabela tem o objetivo apenas de ilustrar o resultado da sistematização nesse formato, visto que sua

redução é proporcional à perda de dados obtidos. Cada linha que representa uma unidade de informação tem o seu valor na análise e sistematização do conteúdo, posto que a soma dos semelhantes exprime a força e intensidade que aquela informação foi reportada. As possibilidades de condensação e análise das informações são incontáveis. A escolha pela construção da grade, está ligada à experiência, e característica pessoal da pesquisadora, tal aspecto subjetivo do pesquisador está sempre presente na pesquisa qualitativa, como preveem os estudos (Contro, 2009; Costa et al, 2006; Lucca, & Schmidt, 2004; Nery, & Costa, 2007; Nogueira & Brito, 2009).

5. Aspectos Éticos da Pesquisa

A pesquisa com seres humanos demanda cuidados especiais. Ela não pode se restringir a uma mera coleta de dados se pretende atender de alguma forma a uma população. Todo cuidado é pouco e todas as normas éticas devem ser levadas rigorosamente em conta. A ética deve ser entendida como responsabilidade social (Nery & Costa, 2007). "As preocupações éticas se voltam para a importância do compromisso do pesquisador com as influências e consequências da ação da pesquisa sobre o grupo pesquisado." (Nery & Costa, 2008, p. 244).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética da UnB com o CAAE 70321617.5.0000.5540. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, encontrado no Apêndice 2 e 3 no final deste trabalho, da mesma forma que foram devidamente informados das implicações e condições de participação da pesquisa, assim como seus nomes foram omitidos para garantir o sigilo.

V Resultados e Discussão

Assim como Moreno o fez, todo este trabalho foi construído buscando-se a prática. Realizei entrevistas com colegas mais experientes, e mesmo contando com um roteiro de entrevista, me coloquei em estado de presença, construindo conhecimento em relação, produzindo encontro e gerando ricos aprendizados. Mais um exemplo como a prática e a presença transformam o indivíduo. O relato apresentado é uma compilação de todos os conteúdos trazidos pelos especialistas que representam a opinião e filtro que optei por ressaltar.

Nesta seção serão apresentadas as falas dos participantes especialistas entrevistados em discussão com a teoria socionômica, assim como o relato dos grupos realizados que ilustram os conteúdos levantados a respeito do ato terapêutico em itens. Iniciamos a seção discutindo os resultados referentes aos atores que compõem o ato, sendo eles (1) o indivíduo grupo, (2) o diretor, (3) o ego-auxiliar e (4) a unidade funcional, que representa a dupla de diretor e ego-auxiliar.

A segunda parte da seção discorre sobre o ato terapêutico. O texto está dividido em itens com os assuntos pertinentes ao tema, sendo eles: (1) o que é o ato terapêutico, trazendo características, e a diferenciação com o processo terapêutico; (2) o para quê do ato que representa o objetivo do ato, (3) terapêutico ou pedagógico? que trata sobre a diferença do Psicodrama clínico e o socioeducacional, (4) caminhos metodológicos a seguir que tratam sobre possíveis maneiras de usar as técnicas e métodos do Psicodrama, (5) o protagonismo que trata sobre o personagem coletivo representante criado pelo grupo, abrangendo também o tema protagônico, (6) onde? Aqui e agora! Que trata sobre o aspecto aqui agora da teoria psicodramática, (7) espontaneidade: o caminho e o fim, que enfoca o aspecto criatividade-espontaneidade da teoria, (8) Psicodrama e seu componente artístico, que trata da relação da prática socionômica com as artes; (9) para começar: aquecimento, que discorre sobre essa

importante etapa da prática, trazendo tanto o aquecimento da unidade funcional, como o aquecimento do grupo; (10) temáticos ou não, ressaltando as diferenças e características de atos que possuem ou não tema prévio definido; (11) sucesso para quem discute o que seria o sucesso de um ato; e por fim (12) avaliação do ato; que trata da sua avaliação com os participantes e com a equipe de profissionais.

1. Atores

Tendo em vista que um ato não existe sem o ator (Moreno, 1987), iniciamos falando primeiro daqueles para quem o ato se destina. Os atores correspondem a todos os indivíduos que compõe o ato, sendo eles o grupo, o diretor e o ego auxiliar. Levando em consideração que a compreensão do ato se dá, não do entendimento dos indivíduos e sim da compreensão do que acontece entre eles (Nery & Wechsler, 2010).

O grupo é o grande protagonista da prática psicodramática. Moreno (1987) acreditava que o indivíduo adocece em grupo assim como se cura em grupo. Para saber o que devemos fazer e como devemos trabalhar, precisamos primeiro saber a quem se destina aquela intervenção, conhecer nosso sujeito e suas demandas. Assim, o primeiro item se destina a quem estamos a serviço, o indivíduo-grupo, na intenção de trazer maior compreensão, para então discutir maneiras de lidar com ele.

Os itens seguintes são diretor e ego-auxiliar. Os dois temas foram alvo de investigação desde o início do projeto, com enfoque no papel de diretor, sob a hipótese de que em suas posições de relativo poder têm possibilidades de realizar manejos mais ou menos adequados que contribuem com a criação grupal. O tema foi investigado nas entrevistas, levantando condutas, sentimentos, comportamentos e atitudes que o diretor e o ego-auxiliar devem ter para facilitar a realização de um ato terapêutico. Os textos não têm pretensão e não correspondem a

manuais de atuação e sim, a sugestões a partir da experiência de pessoas que exercem tal papel há tempo suficiente para estarem criando nele.

O último item refere-se aos resultados e discussão a respeito da unidade funcional, trazendo reflexões sobre a experiência obtida a partir dos dois grupos realizados para ilustrar esta pesquisa e o modelo de unidade funcional praticado.

1.1 Indivíduo-Grupo

Somos seres sociais (Moreno, 1987), nossa personalidade resulta dos papéis que desempenhamos e dos vínculos que desenvolvemos (Nery, 2003). Embora tenhamos nossa individualidade, "nem a história individual é muito individual, é uma história de um agenciamento coletivo, em que eu vivo a partir de um aspecto" (E3). A fala, os gestos, a ação, são sempre coletivos (E1), a história pessoal é social (E3). "O coletivo tem a ver com uma multiplicidade em ação" (E1), para o especialista E1, a coletividade é mais que um conjunto de pessoas. E3 concorda com isso afirmando que a prática é mais ampla que a questão do protagonista (E3). Os seres humanos compartilham angústias (E4), e se identificam com suas emoções (E6). "A questão do papel pegava todo mundo, entendeu?" (E2). "No fundo a gente está mexendo com pessoas, tá mexendo com sentimentos " (E4).

O grupo é um ser vivo, "um ser que tem movimentos" (E3). "O que cada grupo vai ver, o que cada um vai fazer, vai depender de variáveis" (E4). A disposição dos indivíduos varia tornando o resultado totalmente imprevisível, de forma que cada grupo é único em sua dinâmica (E4), apesar disso "é interessante como cada grupo traz coisas semelhantes" (E2). O grupo pode ir para direções inesperadas (E4) que vai se encaminhar de algum jeito único e específico para aquelas pessoas naquele momento. O grupo tem movimento de "montanha russa" (E4) em que o diretor "sobe (...) e vai" (E4). Os conflitos são inerentes, aparecem no grupo naturalmente (E4). Segundo E4, é próprio do movimento do grupo se auto ajustar, se encaminhando para as

tensões, às vezes saindo delas e às vezes não. Nery (2010) também fala sobre o movimento natural do grupo de se organizar e ajustar, assim como Fleury (1999).

O grupo possui conversas no co-consciente e no co-inconsciente (E2). O exercício de participar de grupo produz reações emocionais em que as pessoas se mobilizam, ficam incomodadas, felizes, chateadas, irritadas (E4). “Nem todas se gostam dentro de um psicodrama” (E2), isso faz parte do movimento normal do grupo, mas o fato não significa que não possa haver intensidade, e que aquelas pessoas não possam criar novos sentidos para a experiência, “a vida interessante ela também acontece na dor” (E2). E3 afirma que algumas pessoas podem se incomodar e não voltar mais, enquanto outras apresentam mudanças evidentes a partir da participação do grupo, e isso também faz parte do movimento natural de qualquer grupo. “Tem uma inteligência coletiva ali que se constrói em ato e que dá conta de lidar com a situação” (E1).

Por vezes, o grupo apresenta tendência defensiva de evitar o foco, a cena escolhida “pode facilmente ser dispersa para outros tipos de cenas” (E6), não aprofundar, “sem entrar no cerne da questão” (E4), havendo contaminação da cena protagônica (E6). Os especialistas (E1, E2, E3 e E4) observam resistência das pessoas, como vergonha de encenar e a perda de concentração do que é para ser feito além de trazerem exemplos de pessoas que cortam o meio da cena, desviando o foco e paralisando o trabalho. Espera-se uma noção básica de participar de um grupo (E2), “não atrapalhar, (...) não perturbar”, mas o grupo pode ir para direções inesperadas e isso não deve ser entendido como interrupção ou atrapalhando o grupo, e sim, como fazendo parte do movimento do grupo, integrando as muitas cenas que estão sempre acontecendo no mesmo (E2, E3).

Alguns participantes vão para o encontro para ver a atuação do diretor, outros pela experiência em grupo (E6). Independente da motivação que os trouxeram para o encontro, espera-se “compromisso da pessoa, não, legal, de regras ao trabalho, por educação, mas por

tesão, por tempo, entusiasmo, por vida interessante” (E2). O mais importante é que as pessoas entrem em estado de presença e façam aliança de trabalho (E2). No compartilhar das angústias "as pessoas vão se sentindo cada vez mais confortáveis em se exporem, (...) e identificadas e não solitárias nessa exposição" (E6), as pessoas ficam fortes e empoderadas quando percebem que "não estão desprotegidas, que elas estão num ambiente em que todos estão buscando de alguma forma ajuda" (E6).

O grupo é oportunidade de existir, "ele abre um espaço de visibilidade e dizibilidade incomum de ser experimentado" (E2). "Só o fato da pessoa ir lá já me parece sempre muito interessante" (E2). Os participantes ganham voz, só de estarem presentes (E2, E3, E6) e são estimulados a defenderem seus critérios (E3). Os tímidos, acostumados com a invisibilidade, têm uma oportunidade de vivenciar outro lugar no grupo (E2). O encontro traz empoderamento, no sentido colocado por E2 "a gente começar a mandar mais nos acontecimentos". Ou como no exemplo trazido por E3, contando sobre um participante tímido: "as pessoas falavam: ah fala aí, ou! E ele quieto, quieto e depois ele até falava porque o outro mandava ele falar, depois de um certo momento, ele falava, fala alguma coisa aí, eu não quero falar!" (E3). "A gente só consegue fazer da vida uma coisa boa se a gente bota a coroa na cabeça" (E2). Segundo a especialista, é um processo demorado e difícil, e muitas vezes não alcançado.

Segundo E1, "noção de grupos, ela ainda é uma instituição. (...) Você institui o grupo, (...) o grupo visto como uma estrutura, posições subjetivas, dadas, (...), papéis pré-definidos". O grupo tende a criar identidades. Para o especialista, "isso vira um ponto de subjetivação a partir do qual a pessoa se narra" (E1), ficando enclausurada nos papéis pré-definidos, perdendo o corpo e suas posições subjetivas. "Ah, eu sou fulano, eu sou médico, eu sou beltrano eu sou professor, depois você não desmonta mais essas identidades, sabe, assim, depois ela começa a ficar flutuando no contexto grupal e você não tira mais isso daí" (E1). As pessoas se limitam a uma posição impossibilitando o desenvolvimento de novos papéis. Este fato também é relatado

por Fleury (1999), que afirma que a cristalização dos papéis dificulta a busca por novas posições. Por isso, a importância de “fugir um pouco dessa lógica identitária” (E1), ou ao menos se esforçar para que elas não prevaleçam.

O especialista E1 discute a diferença da criação de um grupo ou “grupalidade” (E1). De acordo com ele, os grupos possuem definição, é um conceito concreto, possui estrutura, já a grupalidade, “ela não é conceito representativo” (E1), não tem imagem ou corpo, tem a ver com funcionamento. Grupalidade é a dimensão corporal da “atmosfera coletiva” (E1), é o que conecta, que “está entre os corpos” (E1). A grupalidade “traz uma coisa mais carnal, (...) mais terra, (...) mais carne mesmo, mais corpos em relação” (E1). Segundo o especialista, ela funciona a partir do encontro, é produzida e acontece no momento do aqui agora.

Os grupos desta pesquisa aconteceram após a realização das entrevistas, de modo que as ideias trazidas pelos especialistas foram levadas em conta durante o manejo do grupo. Procurou-se desenvolver a sensação de engajamento de todos os participantes, convidando-os a serem agentes terapêuticos uns dos outros, a trabalharem na construção conjunta de algo que fosse interessante e proveitoso para todos. Acredita-se que quanto mais os membros do grupo estiverem em consonância, mais eles serão capazes de criar em cima de suas questões, buscando valorizar a produção de todos, mais que as pessoas individualmente. Para Alves (2014), quanto maior for o envolvimento das pessoas, maior a influência no processo de cura, e o diretor deve se esforçar ao longo de todo o encontro para promover isso.

A especialista E2 afirma que atos terapêuticos tendem a atrair pessoas que já estão em processo terapêutico. Nossos participantes também possuíam tal característica. Todos os participantes dos grupos estavam ligados à psicologia, dois deles eram psicodramatistas, um estudante de Psicodrama e uma estudante de psicologia. Acredita-se que esse fato contribuiu para a criação do clima de acolhimento e entrega na criação grupal. Nos dois grupos foi possível observar a maneira como os participantes se ajustavam para manter a rede de cuidado do

começo ao fim do encontro. Todos participaram das cenas uns dos outros se emprestando para os papéis e colocando sua subjetividade “tu me chamou pra cena, eu fui pra cena” (G1.1). Ao final de cada grupo, as duplas de participantes deram abraços longos e agradeceram, mutuamente, a ajuda. No compartilhar relataram. “Grupo é massa mesmo. Muito rico. (...) Grupo é forte, mais intenso” (G2.1). Esse potencial grupal é o que sustenta e dá vida para o trabalho dos Encontros Terapêuticos e o meu próprio papel profissional.

1.2 Diretor

A figura do diretor é essencial, "senão vira bagunça" (E2). Apesar disso, é importante sair da visão hegemônica muito tecnicista em que se acredita que sem a figura do diretor um encontro não funciona (E1). “Sem minha presença vai ser um caos” (E1), para o especialista, essa é a “fala de ditadores” e quebra a proposta principal de criação grupal do Psicodrama. O diretor "acaba ocupando, se deixar, um lugar de poder muito grande no grupo, desde definir o que é adequado, o que não é adequado, quais são as leis, as regras que podem vigorar naquele contexto" (E1). Segundo E6, "distribuindo um pouco essa função nossa de dono ou dona do saber, (...) ou daquele que cura, a gente vai distribuindo um pouco essas funções de compartilhar, se identificar, (...) de ajudar a expressar os sentimentos" (E6). "Uma relação de exercício de poder, não se ama, não se diverte, não se experimenta co-criação, (...) não se encontra relação de afeto" (E2).

Para E4, o diretor deve ter "essa atitude de uma certa soltura", que "também está associada também a essa ideia de não estar tão no centro" (E4), ter uma postura menos ativa e possuir a intenção de não dominar a sessão no papel de diretor, mantendo sempre o foco no grupo (E4). Ele deve sempre ocupar essa posição, afinal o conteúdo do grupo é mais interessante do que o caminho do diretor (E4). Quando o grupo vai para ver a atuação do diretor, ele não produz co-criação. Para E4, o trabalho do “diretor estrela” é “um trabalho um pouco furado” no

sentido de “é como ir num show para você ver o sujeito cantar”. O especialista diretor deve sair do centro e dos holofotes, “o centro está no grupo” (E4).

O diretor deve não tentar ter controle do grupo (E4). Para a especialista E3, o diretor deve ter abertura e sensibilidade de perceber os movimentos do grupo e usar técnicas para trazer o movimento real do grupo. Ter confiança no grupo, afinal "você tem que bancar isso e segurar essa onda, é pra lá que o grupo está indo" (E4). Deixar fluir e "surfear um pouco" (E4) no movimento do grupo. Em função dos movimentos irregulares e inesperados do grupo e falta de linearidade, estar presente no aqui agora é fundamental para que ele consiga olhar para o grupo, ver como as pessoas estão, buscar sinais dos conteúdos trazidos pelas pessoas (E4).

O diretor deve abdicar do lugar de julgamento certo e errado. E1 afirma que uma pessoa nunca consegue se desvestir totalmente de suas crenças e pensamentos, porém o esforço do diretor é se esvaziar ao máximo "pra poder caber o que aparece" (E1). Ele não deve ter uma leitura definida do grupo (E1). "Levar a coisa mais pronta, acho que isso é um jeito da gente se proteger do que está por vim" (E1). Pode se planejar, mas não ficar rígido na proposta (E1, E3, E6). O diretor deve focar em se limpar dos vieses pessoais e se apropriar do processo do grupo, "minimamente, me apropriar um pouco desse processo, tentando ao mesmo tempo me limpar um pouco dos vieses que eu possa ter a respeito daquilo" (E1). Nesse sentido, "correr um pouco mais de risco (...), suportar essa viagem que não sei aonde vai dar" (E4).

O diretor deve ser capaz de conseguir atuar no cenário inesperado do dia (E4, E6), possuir capacidade de se adaptar ao momento (E1), lidando com as variáveis externas e internas (E4). Tudo pode acontecer em um grupo e o diretor deve se adaptar, se deixando levar pela situação (E2). O diretor deve concentrar-se em estar presente e não tentar entender o durante (E2). Envolve "não querer chegar perto dos sentidos a priori" (E2), "é essa atitude de imersão" (E4). Para E2, mesmo sem entender nada deve continuar, "sem memória, sem desejo e sem

reflexão" (E2). Assumir o papel passivo colocando o grupo em um papel ativo (E3). O diretor não dá o caminho, "o diretor tem que estar atrás do grupo, não tem que estar a frente" (E3).

O diretor é o primeiro a se expor ao grupo, segundo E2, se mostrando, ele gera confiança e cria elos. O entusiasmo em participar deve partir do diretor que irá dar o exemplo e a permissão para os presentes (E2). Para a especialista, criar o compromisso com campo intensivo com o grupo e mantê-lo por todo o tempo. Estar presente por vontade de estar ali, estimulando o comprometimento e engajamento dos participantes, dando permissão de fala e convite para se entregar, sem medo de ser inadequado (E2). Para então fazer, juntamente com todos os membros do grupo, um contrato de compromisso, de respeito e seriedade com o trabalho, trazendo a responsabilidade para o grupo (E2).

Normalmente, o primeiro papel do diretor é o papel de promotor do evento (E7). É ele quem produz as condições necessárias para que o ato aconteça (E3). Tem a responsabilidade de definir o espaço, a data e o horário, criando a condição do encontro (E3, E7). O produtor do evento tem o papel de informar às pessoas que o evento vai acontecer, informar suas condições, se será aberto, se terá custo, e o que as pessoas devem fazer para participar (E7). Contudo, esse papel pode ser realizado por outra pessoa, sendo o diretor, um convidado (E4).

O diretor trabalha na observação de fenômenos sociométricos, em buscar sinais de desgaste e vulnerabilidades, respeitando como as pessoas estão e estando atento nas defesas e manutenção da conserva do grupo e criando um ambiente seguro (E6). Trazer personagens para o grupo na tentativa de desmontar a pouca confiança que temos no mundo, fazendo nascer atores criativos cada vez mais capacitados na empatia, na expressão dos sentimentos e no cuidado mútuo (E2). "Quanto mais eu tiver conseguido fazer cenas, personagens que tem duplos sentidos, triplos sentidos e etc. e tal e que não fiquem presos numa única leitura, né, eu acho que mais favorecendo as pessoas que estão ali no trabalho eu tô, (...) eu acho que a ideia é justamente isso de sair dessa noção de totalidade" (E1). Ele deve ajudar o grupo a encontrar

novos caminhos para lidar com o problema, "ajudar as pessoas a se expressarem" (E6), e "de se expressar, daquilo que tá mais contido, (...) que tá sendo difícil de se expressar" (E6), ajudar a encontrar uma saída para o problema, não direcionando o final mas, criando juntos (E6).

Para E6, o papel do diretor é "mais racional, mais de comando, que tem a ver com a função de pai, muito entre aspas falando, né". Todavia, "tem que ter uma coisa desprendida, despojada" (E3), improvisando quando necessário, seguindo a falta de linearidade do grupo (E2), deve ter fluidez no trabalho para lidar com as faltas, "essa fluidez eu acho muito importante, fluidez, (...) sem medo. (...) sem medo de errar, (...), sem medo de ser feliz" (E5). "Ter uma obsessividade pra perceber" (E3) e identificar pontos-chave na cena "no meio de uma determinada cena, um determinado pedacinho ali que pode se puxar e mostrar uma nova realidade" (E3). Deve apresentar espontaneidade (E5), percepção (E1, E3), plasticidade (E4), curiosidade (E7) e sensibilidade (E2).

O diretor ajuda as pessoas a perceberem questões e sentimentos semelhantes entre si, ajudando as pessoas a encontrarem situações que as façam sentir como a outra pessoa, "vai ensinar a (...) compartilhar, se identificar, que é buscar algo dentro de si para ter empatia com o outro" (E6). Tal medida contribui na identificação das pessoas, para que sintam "que elas não estão desprotegidas, que elas estão num ambiente em que todos estão buscando, de alguma forma, ajuda. Ou seja, todos vulneráveis, frágeis e é justamente nessa vulnerabilidade, nessa fragilidade, (...) que as pessoas vão ficar fortes, vão se sentir fortes e empoderadas" (E6).

Para a especialista E6, o compartilhar deve ser praticado ao longo de todas as etapas do encontro. Ela coloca algumas perguntas para direcionar os participantes a praticarem o compartilhar incluem: o que você tem a ver com isso? O que esse papel tem a ver comigo? Você se sente assim? Quando a pessoa encontra um sentimento similar dentro dela, ela não julga, não desqualifica (E6). Toloí e Souza (2015) incentivam a oferta de contextos protegidos

para a expressão de sentimentos e conteúdos de maneira espontânea, ou seja, de acordo com a escolha dos participantes de se exporem.

Em um ato terapêutico, o comportamento do diretor costuma ser mais diretivo, no sentido de conduzir para o compartilhar constante de todos os participantes em todas as etapas do encontro (E6). O ato é "muito focado na possibilidade deles se ajudarem, de todos darem algum suporte, né? Então, muitas vezes o diretor tem que ser um pouco mais diretivo justamente para direcionar para esses objetivos" (E6). Existe uma dificuldade de definir o limiar entre controle e direção, "não é tão diretivo, mas ao mesmo tempo é um pouco mais diretivo (risos)" (E6). A ação é "mais ativa, mais racional, dentro do que se percebe para onde o grupo vai se direcionar" (E6). A especialista E6 reforça que o diretor deve realizar "um trabalho um pouco mais diretivo e não invasivo", sempre respeitar o momento do grupo, colocar limite em atitudes conservadas, interromper quando necessário e promover o treinamento do falar e do ouvir.

Um ato demanda de um diretor energia, concentração, trabalho pessoal, respirar, imaginar e se conectar com as suas próprias questões (E6). A disposição de abertura para os afetos e para o que está acontecendo é uma atitude esperada do diretor (E1 e E4). A atitude mais importante é a de imersão no grupo, "essa coisa de você se jogar mesmo" (E4). Como pular "num abismo" (E3) "é um *bung jump*" (E3). "Tenho que abrir mão do controle, quer dizer, embora eu tecnicamente tenha que estar frente dirigindo" (E4). Às vezes acontece de sentir insegurança de não saber para onde o grupo está indo, mas é importante acreditar e confiar que o grupo vai chegar em alguma produção interessante por ele mesmo (E3). A especialista traz um exemplo em que participou de um grupo sem direção nenhuma "e de repente o grupo tava inventando uma história" (E3).

O diretor deve "ter uma certa envergadura para deixar vim o que tem que vir" (E1), ter sensibilidade de observar os movimentos do grupo e curiosidade para a investigação (E7). Para E7, quanto mais curiosa, mais a pessoa vai em busca de informações e, aumentando, com isso,

a conexão com os personagens e o grupo, "quanto mais curioso ou mais curiosa você for, mais você pode avançar em relação ao desconhecido, tanto em extensão, como em profundidade." (E7). "Não querer chegar perto dos sentidos a priori, e sim, que é contraponto ficar ligado nesse ponto intensivo, aonde tem intensidade, aonde tem vida interessante, aonde tem vida desinteressante, aonde tem descompromisso com o trabalho no sentido de fazer do aqui agora, o quantas vidas eu viver, você vai tá aqui, né" (E2). "Não perguntar e ouvir a resposta, é ver um olho brilhar, né? Então, é ver a vida pulsante" (E2).

O diretor deve ter conhecimento técnico e instrumentos que mantenham o grupo unido, trabalhando e criando juntos (E3, E6), mas ele se coloca no caos e precisa "suportar viver sem a verdade última" (E2). E1 levanta que muitas vezes o discurso de psicodramatista não coincide com a prática clínica, sendo o discurso coletivo de co-construção e, na hora da prática, impõe o seu caminho, levando tudo pronto. Segundo E6, o aperfeiçoamento constante e continuado do diretor é de extrema valia, para que ele não leve suas próprias cenas, ou fique preso em seus valores e ideologias (E6). Também para trabalhar suas inseguranças, a busca pelo sucesso e validação pessoal criam tensão e fazem perder a espontaneidade, assim como a inseguranças de questionar o vão pensar a respeito do trabalho prejudica a entrega ao grupo (E3, E7).

De acordo com E4, por não termos total controle da prática, muitas vezes sentimos angústia e ansiedade. Igualmente, quando temos grande expectativa da prática ou de um resultado, assumimos naturalmente uma postura de cobrança que prejudica o fluir da criação (E6). "Isso tomando a frente da gente, a gente perde a espontaneidade, perde a presença" (E6). O diretor deve estar em contato com as suas emoções e se trabalhar terapeuticamente para que elas não prevaleçam (E6). Segundo E1, "a gente confia muito pouco no mundo" e o diretor deve exercitar a capacidade de fazer sobressair o poder criador do grupo para se ajustar sem se colocar no lugar de suposto saber que irá trazer soluções.

Para E7, a insegurança propicia ao diretor a levar atividades, jogos e planejamentos previamente estipulados, se apegando a protocolos prontos ao invés de se apoiar no grupo. "É mais fácil você levar coisa pronta do que você enfrentar o aqui agora sem saber exatamente o que vai acontecer" (E7). O diretor não deve se basear nas conservas culturais e sim trabalhar sua segurança para ser cada vez mais capaz de chegar no grupo e perceber o que juntos irão criar (E7). A especialista E2 critica diretores que fazem o exercício da disciplina trazendo uma prática com rigidez e desconsiderando os desejos do grupo. Tais diretores rígidos querem determinar o caminho e forçar sair o que ele deseja, não levando em consideração o que vem no grupo na hora (E4)

"Quando você chega com um aquecimento pronto, cria às vezes um conflito, ou cria uma subjetividade de uma autoridade que já é contra uma espontaneidade" (E3), "não está dirigindo nada" (E7). Para a especialista E3, um diretor que planeja e espera algo do grupo e que já espera um final, nem precisa do grupo para isso "acontecer o que você queria, você não precisava fazer, né, escreve um texto em casa" (E3). "Não adianta o diretor ir lá pensar tudo o que ele quer e ir lá fazer" (E3), pois pode criar um mal-estar geral, da mesma forma que não compartilhar a proposta com o grupo e tentar impor uma atividade pode prejudicar o engajamento do grupo, como relatado por E3. A intenção de dirigir o grupo é para que ele se movimente, o diretor deve prover recursos para tal (E3).

O treino ajuda o diretor a ter certo distanciamento (E2), ser capaz de se esvaziar para a imersão no grupo (E4). Quanto mais treinado, maior a contribuição para que a cena se encaminhe para algum aprendizado grupal (E6). A espontaneidade vem muito em função da experiência, sendo quanto mais treinamento, mais espontaneidade (E7). Pessoas com mais experiências têm mais facilidade de ter altos níveis de espontaneidade (E5). A experiência permite chegar em um grupo sem qualquer preparação (E7). Segundo Menezes e Santos (2013),

o diretor deve ter “clareza e domínio da técnica a ser desenvolvida” (p. 181) para melhor conduzir um ato.

Uma pessoa interessada em aprimorar o seu trabalho deve realizar educação continuada, supervisões e psicoterapia (E6). Para nossos especialistas, aprendemos sendo leitor, sendo espectador (E4), sendo participante, sendo ego-auxiliar (E3), participando de atos terapêuticos, pegando ideias de outros diretores (E6). O aperfeiçoamento se dá pelo sim e pelo não, para E6 e E3, a prática ruim também ensina o que não se deve fazer. O diretor deve usar todo o seu treinamento para elaborar práticas na hora de forma criativa e espontânea (E6). Com o tempo, ele constrói um repertório interno, conseguindo fazer a leitura do grupo e saber o que fazer na hora (E3), sem deixar se envolver com suas próprias questões (E6). Perazzo (2012) ressalta a importância da agilidade técnica do diretor. Afirma que quanto maior a incorporação da técnica, maior será a capacidade do diretor de ser espontâneo e se adaptar ao que possa vir.

E3 afirma que saber teatro, dramaturgia e cinema ajuda na prática clínica e no manejo da cena, e E4 sugere usar arte para trabalhar o subjetivo. "Cada músico teve lá uma partitura, mas o que o maestro faz é pegar cada uma dessas partituras e colocar em conjunto" (E3). O psicodramatista carrega traços muito mais de artista do que de cientista, já que o artista corre mais risco (E4). "A arte de fazer psicodrama, né assim, é dentro dessa coisa, eu gosto de ver o lugar do diretor, mais como um artista do que um cientista, né, porque é isso, é preciso criar coisas, mesmo que não seja coisas tão inéditas, novas, mas assim, a gente traz essa possibilidade da criação que é uma arte mesmo, né, de você pegar o que você tem e ir juntando, né, *patchwork* mesmo, juntando os pedacinho e criando método, do que aplicar a técnica, aplicar a técnica, às vezes é mais pra abandonar um certo, uma certa angústia, sabe" (E1).

Através da escuta ativa e cuidadosa, o terapeuta visa a estabelecer uma relação verdadeira, mesmo que breve, com os pacientes. Ele deve estar pronto para acolher todas as dimensões, biopsicossociais e espirituais do sujeito, contribuindo com a elaboração das

experiências e a integração de todas estas esferas do ser humano, ajudando-a a elaborar suas experiências, integrando as facetas. Essa integração só é possível no encontro com outra pessoa, sendo o terapeuta alguém que propõe um tipo de relação que abra as possibilidades de transformação inerentes à condição humana (Luczinski & Ancona-Lopez, 2010).

Para Paul e Ommeren (2013), é necessário um profissional que tenha flexibilidade de criatividade para lidar com as singularidades de cada grupo, contando com um arsenal de métodos e técnicas para o auxiliar. A criatividade é imprescindível na realização de atos terapêuticos, visto que o diretor deve estar atento às demandas presentes dos participantes e se adaptar com o que pode acontecer no grupo. O foco deve ser o problema e sua resolução, e não a investigação alongada do passado. O diretor possui atitude mais assertiva e direcionada e maior controle das atividades da sessão.

Estar em contato com grandes diretores de psicodrama foi um grande privilégio e ao mesmo tempo profundamente enriquecedor para o meu papel profissional e pessoal. Não poderia ser diferente, afinal são pessoas que trabalham com espontaneidade e estão ali com corações abertos, à serviço do grupo na intenção que todos saiam da experiência um pouco diferente de como entrou, e assim ocorreu. Co-construímos conhecimento e de cada um aprendi algo que carregarei no meu trabalho pessoal.

1.3 Ego-Auxiliar

Assim como o diretor, o tema ego-auxiliar foi investigado nas entrevistas, questionado quando não comentado espontaneamente pelos especialistas. O ego-auxiliar é aquele que compõe a cena, contracenando e ajudando o protagonista, podendo ser treinado ou não (Moreno, 1987). Segundo Nery (2010), o ego-auxiliar treinado é um psicodramatista que atua como "diretor assistente" (p. 123), já o ego-auxiliar não treinado representa qualquer participante que venha a integrar a cena dramática.

E7 conta que quando Moreno começou a usar o ego-auxiliar, o propósito não tinha nada a ver com o que entendemos hoje "a técnica do ego-auxiliar é uma técnica que aparece antes do Psicodrama e como técnica, não é como componente do Psicodrama" (E7). Consistia no profissional de saúde acompanhar o paciente, "ele chega a essa técnica como médico psiquiatra ao constatar que melhor estar junto com a paciente, ou junto com a paciente, em situações diferentes, como auxiliar mesmo, estar juntos, o que hoje se chama de assistente acompanhante terapêutico" (E7). Segundo ele, essa função demandava treino e era sempre dada a um profissional de saúde.

O especialista E7 continua dizendo que só quando Moreno estrutura os cinco elementos do Psicodrama que o papel do ego é estruturado. Pela sua dificuldade no desempenho do papel de ego-auxiliar, Moreno sempre usava egos treinados. Foi sua última esposa, Zerka Moreno, quem começou a considerar egos não treinados para fazer as intervenções psicodramáticas. E7 afirma que a escolha por profissionais treinados como ego se dá pela dificuldade do desempenho no papel, que deve se desvestir dos elementos do próprio eu e entrar no jogo do protagonista. A experiência para entrar facilmente no papel do outro é a vantagem de ego profissional que já está treinado para não se deixar contaminar pela própria subjetividade.

Ao contrário do que possa parecer, o ego-auxiliar não auxilia o diretor e sim o protagonista (E7). Ele está junto das emoções dos personagens e do protagonista e deve ter prontidão para entrar nos personagens trazidos (E6). "O trabalho de ego-auxiliar é muito importante porque ele de algum modo, ele exige um nascimento, vamos chamar assim, um surgimento da espontaneidade, né? Ele interpola, então ele pede novas respostas, né? Super criativo, porque ali, né? Na ação" (E5). Suas propostas são feitas a partir do seu lugar, no meio da cena, ajudando a constituir um corpo grupal e dando voz para tal (E3). Para E7, a curiosidade do ego-auxiliar vai aumentar o grau de observação para assumir bem os papéis, o fator curiosidade é fundamental para o aprofundamento.

Segundo Moreno (1987), o ego-auxiliar frequentemente assume papéis resistentes, difíceis de serem desempenhados e realizam interpolações de resistência a partir desse papel, sugerindo modificações no desempenho do personagem ou uma mudança na cena. O ego-auxiliar pode ocupar vários, senão todos, os papéis (E6). Ele está dentro do grupo e dá sinais para o diretor da ressonância que sente de sua posição (E6). Segundo E6, sua função é mais maternal, de acolher as emoções e facilitar a expressão de sentimentos, ajudando o grupo a sinalizar as suas necessidades e a estarem atentos às suas emoções. Nesse movimento, ele interpola o grupo, pedindo novas respostas (E3). Ele possui uma função lúdica de catalisador da espontaneidade e criação grupal (E6).

Os nossos especialistas afirmam que às vezes trabalham com egos, e às vezes trabalham sozinhos, no sentido de levar um colega ou uma equipe de terapeutas. Segundo a especialista E3, em um grupo, todos são ego, ou pelo menos possuem o potencial de ser. A diferença reside naqueles que também são profissionais, ou estão em vias de se tornar. Quando o ego-auxiliar é treinado, temos uma expectativa diferente quanto ao seu papel (Nery, 2010). Além de estar junto ao grupo, ele também irá ajudar o diretor na organização e coordenação do evento. Ele terá a sua percepção do grupo que será compartilhada com a equipe para maiores elaborações após a prática (E6, E7).

E7 afirma que o ego tem que entrar na onda do protagonista e não necessariamente obedecer ao diretor. Por isso, ele deve se sentir à vontade para propor, dentro da sua parcialidade, a partir do seu papel, o diretor deve considerar o que o ego traz para a cena, se ele propôs tem um motivo, e ele deve ter essa abertura. Segundo E3, diretores autoritários que querem determinar o caminho, e não deixam os seus egos-auxiliares se expressarem, perdem a visão da parcialidade do ego-auxiliar que vê de dentro do grupo. Por outro lado, E5 coloca que um ego-auxiliar que desanda, rouba a cena e tenta transformá-la em sua cena protagônica está extrapolando o seu papel e desvanece o diretor.

1.4 Unidade Funcional

A unidade funcional é a "equipe de terapeutas, com diferenciação ou não de papéis e funções, que realizam juntos, no mesmo espaço e tempo, uma atividade" (Neto, 1999, p. 59). Ela tem a função de potencializar o aprendizado terapêutico do grupo (Moreno, 1987). Normalmente é composta por diretor e ego-auxiliar em que ambos devem ajudar os personagens a atuarem na cena de maneira comprometida (E2). Ambos integram o corpo grupal, contribuindo da criação que será realizada no momento (E1).

Algumas unidades funcionais apresentam sintonia grande (E3). Para a especialista, um "casamento bacana" (E3) acontece quando um complementa o outro, acontece quase uma leitura de pensamento em que um consegue trazer o conteúdo do outro intuitivamente e o ego-auxiliar consegue fazer o que o diretor está pensando. Nesse tipo de relação pressupõe-se uma grande confiança no papel um do outro. Para Nery (2010), é importante que haja comunicação entre a equipe, no sentido de reformular os sentimentos e projetos dramáticos para que se desenvolva cada vez mais empatia um com o outro.

Na estrutura clássica do Psicodrama, os papéis são bem definidos. Contudo, "não existe um sujeito individuado que detêm uma certa posição e talvez a gente até brinque de ocupar essas posições na hora, né, mas isso não é o mote principal, assim, isso é mais um efeito assim, é mais consequência" (E1). O importante é criar rede de conexão entre o grupo e o que vai acontecer na hora independente dos papéis definidos (E1).

A especialista E6 traz um alerta para a codireção, que consiste nas duas pessoas no comando. Ela afirma que muitas vezes essa maneira de conduzir pode levar os participantes para caminhos diferentes, um atrapalhando o raciocínio do outro (E6). Para E6, o raciocínio "concorrente" do codiretor pode desviar o grupo e não trazer benefícios para o desenrolar do grupo. Por outro lado, uma unidade funcional dinâmica, em que os membros da equipe se

alternam no papel de diretor e ego-auxiliar e se sintam à vontade de sugerir a partir do seu lugar, pode funcionar (E3, E6). Se a dupla apresenta uma sintonia grande para o jogo de troca de papéis, sem que o grupo careça de qualquer um dos elementos, a experiência pode ser rica, como observamos nos grupos realizados para esta pesquisa.

Para E1, um jeito diferente de fazer Psicodrama é "desmontar um pouco esse lugar já dado, quem é diretor, quem é o ego" (E1). Para os especialistas E1, E3, E5 e E7 os egos auxiliares devem ter autonomia, ser mais espontâneo, ser livres para propor. "Tem muito trabalho que o diretor fala, agora faz tal coisa, pro ego-auxiliar. Aí já não é mais ego-auxiliar, é um obediente da direção, eu acho isso, eu acho que o trabalho de ego-auxiliar é muito importante porque ele, de algum modo, ele exige um nascimento, vamos chamar assim, um surgimento da espontaneidade, né? (E7). "O ego auxiliar é aquele cara que tá vendo na parcialidade e ele na parcialidade eu acho que ele tem que se sentir à vontade de propor" (E3).

A unidade funcional que realizou os grupos desta pesquisa é fruto de uma escolha sociométrica mútua, em que as duas possuem grande sintonia e gosto por trabalhar juntas. Já conduziram diversos grupos juntas, e compartilham a direção dos Encontros Terapêuticos desde 2015, de forma a terem sintonia na prática. Não trabalham com papéis definidos, inicialmente por conta da insegurança de assumir um papel, com o tempo se estabilizaram dessa maneira e aprenderam a embarcar na proposta uma da outra. Quando uma entra em um papel da cena espontaneamente, a outra assume a direção, ou quando uma sugere um caminho, a outra entra como ego-auxiliar. Ao longo de todo o encontro procuramos desenvolver o vínculo com os participantes de forma igualitária, de modo que eles possam sentir que podem contar com as duas terapeutas e com os dois elementos do diretor e do ego-auxiliar.

Como exemplo dessa troca de papéis, na cena do primeiro grupo, Ana Luísa começa dirigindo propondo a montagem da cena, até o momento que ela entra no papel de ego-auxiliar, interagindo dentro da cena com o personagem. Clara se movimenta para próximo da

protagonista e questiona como ela está se sentindo, assumindo a direção. Outro exemplo, na segunda cena do segundo grupo, Ana Luísa está ao lado do protagonista no papel de diretora, quando Clara sugere uma atividade. "Eu pensei em você definir um lugar da sala que você quer colocar o seu foco e a gente ir colocando as almofadas lá" (Clara), e assim assume a direção e dá continuidade à cena, enquanto Ana Luísa entra como ego-auxiliar nos papéis que surgem a partir da intervenção de Clara. Para realizar a troca, as duas terapeutas trabalham com confiança e entrega à proposta da outra, embarcando na ideia e entrando no vacante.

2. Ato Terapêutico

O ato terapêutico foi o foco da observação e investigação ao longo de toda a pesquisa. Os primeiros itens (2.1 e 2.2) irão ilustrar e caracterizar o ato, conteúdo obtido nas entrevistas em que foram feitas perguntas quanto às características, objetivos e diferenciação do processo. Na sequência, os especialistas trouxeram questões relativas à diferenciação entre Psicodrama clínico e socioeducacional, e sobre a relação do Psicodrama com as artes, que também foram descritas em itens (2.3 e 2.4). Tanto a espontaneidade, quanto o aqui agora, foram aspectos da teoria psicodramática bastante comentados e relacionados com o ato pelos especialistas, portanto ganharam seus itens próprios (2.5 e 2.6).

No intuito de buscar atitudes e atividades que colaborem com o desenvolvimento do ato foi investigado nas entrevistas, comportamentos relativos ao aquecimento, tanto da unidade funcional, como do grupo (2.7), manejos do grupo (2.8), fenômeno protagônico (2.9) e a influência de um tema previamente estipulado ou não (2.10). Em busca da resposta quanto ao fator terapêutico, ainda nas entrevistas, foi investigado sobre o sucesso do ato e sua avaliação (2.11 e 2.12).

Os relatos dos grupos aparecem em alguns itens, sendo levantados pontos pertinentes ao tema em questão. Eles não foram descritos na íntegra, tendo em vista o foco da pesquisa em ilustrar o ato terapêutico, mais do que trazer o conteúdo do que foi trabalho. Assim como a opinião da pesquisadora, que se funde com as frases escolhidas pelos especialistas para ilustrar o conhecimento levantado.

2.1 O quê é Ato Terapêutico

Os atos terapêuticos são encontros que possuem tempo e objetivo limitados (Bustos, 2005). Segundo o autor, "a capacidade de síntese da técnica psicodramática permite enfocar claramente fatos ou sintomas, investigar sua sequência causal e abrir portas para elaborações futuras" (p. 39). Além disso, os atos são modalidades de atendimento capazes de oferecer atendimento em maior escala para a sociedade (Costa et al., 2007; Paul & Ommeren, 2013).

Para E7, o ato é feito para os participantes, se não houver alguém, não há ato. "Mais importante do que o ato são as pessoas que estão envolvidas nisso" (E7). O público é movente, e não fixo (E4). O tamanho do grupo influencia o trabalho, assim como a maneira como cada pessoa vai "comprar a ideia", em sua criação (E4). Para E6, em qualquer trabalho grupal, a unidade funcional deve ajudar os participantes a ocupar o papel de agente terapêuticos e deve "promover o aparecimento desse homem espontâneo criativo que se debate com suas próprias reservas" (E1). Em qualquer contexto, os envolvidos devem suportar a falta de verdade única e trabalhar no aqui agora (E2).

O processo terapêutico é a maneira que os psicólogos normalmente trabalham, todos os nossos especialistas trazem suas experiências clínicas de consultório. A prática clínica aparece frequentemente como terapia em grupo, ou em pequenos processos de alguns encontros com o mesmo grupo, podendo ser grupos de uma população específica, como grupo para usuários de drogas ou pacientes com transtorno psiquiátrico, como o exemplo trazido por E1 e E4. A clínica

cotidiana apresenta uma narrativa estendida em que, muitas vezes, se dramatiza menos, usando mais os recursos verbais (E4). Segundo o especialista "são coisas bem distintas, a minha preocupação é muito diferente, embora tem isso assim que na conduta do diretor se parecem, a coisa da imersão, a coisa do distanciamento, para você poder entender" (E4).

O que caracteriza um processo é o acompanhamento e a continuidade do grupo, em grupos de terapia, as pessoas acompanham a história umas das outras (E4 e E6). Como em qualquer grupo, existem situações inusitadas que acontecem, mas que se configuram de forma "mais do cotidiano" (E4). Para E4, um processo terapêutico tem menor necessidade de aquecimento. Segundo ele, o treino traz a melhora do desempenho de papéis de forma que o aquecimento do dia a dia da prática clínica traz uma menor tensão em se aquecer para um grupo pontual.

Para E6, a rotina traz segurança da continuidade. A sequência de fatos e informações, assim como a história que será construída no grupo, faz parte do tratamento (E6). O grupo tem o amparo que terá outras oportunidades de resolver se houver conflito no grupo ou se sair angustiada de uma sessão (E6). "O processo você não tem, não tem digamos assim, uma grande preocupação com algo que não fique fechado, digamos assim, se foi aberto no grupo tanto em termos relacionais, ali entre os membros, como em termos de problemas de cada pessoa, né, envolve a continuidade" (E6).

Diferente de um processo, "o ato eu tenho a impressão que aparece como algo assim, é, cortando um pouco o cotidiano, sabe, algo que cai ali para aquele grupo, que que nós vamos fazer aqui" (E4). "Vou me preparar para aquilo, como se fosse uma coisa muito diferente" (E4). Se caracteriza por ter "início, meio e fim" (E5) em um mesmo dia, normalmente com um tempo curto (E6). "Ele tende a pegar umas pessoas que fazem um processo terapêutico ou de desenvolvimento pessoal" (E2). Para E7, "um ato não pode aparecer sozinho". O ato será voltado para essas pessoas e suas demandas, trabalhando a grupalidade do coletivo e a criação

conjunta (E1, E3). E4 afirma que um ato tem a ver necessariamente com o grupo, suas demandas e criações do momento.

"Eventualmente os temas e observações ficam em aberto no processo psicoterápico (...) Já no ato isso tudo é condensado" (E6), assim como a observação das dinâmicas grupais, e produção da coesão grupal em um curto período de tempo (E6). Segundo E6, o limite de tempo traz uma complexidade no manejo do grupo, devendo ser bem esclarecido nos primeiros momentos do encontro. Para a especialista, o trabalho é realizado um pouco de forma mais diretiva, porém não invasiva; "diretivo, mas não é invasivo. (...) respeita o momento do grupo, respeita as falas, as vezes colocando limite em determinadas falas" (E6).

"A partir da experiência, ter um pouco mais de controle, digamos assim, né? De algumas variáveis, de tal forma que não abra demais e que não adentre demais em determinadas questões que não são para aquele momento" (E6). Como profissionais, usamos o pouco de controle que temos para cuidar de não desviar o foco, estando atento para intervir quando as pessoas entram no "modus crítica de funcionamento" (E6). Os participantes também são agentes terapêuticos (E6). A especialista reforça que o foco do encontro, independente da temática abordada ou tema protagonístico que possa surgir, é o *sharing* (compartilhar) e a identificação dos participantes, "muito focado é... na possibilidade deles se ajudarem, de todos darem algum suporte, né?" (E6), por isso é imprescindível distribuir a função de cuidador e compartilhar a função de cuidador, ajudando as pessoas a se expressarem e a se cuidarem.

A vinculação das pessoas com a unidade funcional acontece no começo do encontro, ensejo em que "o diretor tem que se mostrar" (E2). O momento inicial será quando o grupo irá realizar um contrato de trabalho. O diretor deve convidar todos a serem agentes terapêuticos uns dos outros e deve investigar como as pessoas estão e suas expectativas, ajudando o grupo a identificar suas demandas (E6). Segundo E1 e E2, o trabalho não deve focar na apresentação dos indivíduos de forma profunda e sim no que aquele grupo irá criar junto; "não existe trabalho

em ato que começa a apresentar as pessoas, (...) não estou trabalhando uma dinâmica grupal, processual, isso é perda de tempo, chato, ninguém vai lembrar, os nomes que surgirem vão guardando pela intensidade do que acontecer" (E2).

Deve-se ter cuidado para não desviar o foco e entrar em outras questões não pertinentes para aquele momento, alerta E6. Segundo a especialista, existe uma preocupação de fechamento em um ato. Ela espera não terminar a sessão com sensação angustiante, ou não sair muito carregado, sentindo muito desconforto, de forma que em um ato, o diretor é mais ativo "na tentativa de fazer a coisa o mais fechada possível naquele encontro" (E6). Deve buscar cena reparatória não no sentido de resolver a questão, mas que as pessoas ao menos criem um novo sentido a respeito daquilo (E6).

Não se pode querer "chegar a um final da história" (E2) ou a uma conclusão, por que nem sempre é esse lugar que o grupo quer ir, mas caso seja possível, E6 recomenda ajudar o grupo a pensar em uma saída e encontrar cenas reparadoras, "qual seria uma saída para esse tipo de problema ou qual seria a expressão que tá contida que não foi contida expressa ainda. Então o diretor vai ser mais, vai buscar mais a cena reparatória" (E6). Recomendam sempre cuidar do acolhimento dos participantes, manter o foco no trabalho e a disponibilidade de oferecer suporte para questões que possam emergir oferecendo um espaço alternativo em outros momentos para escutá-la (E6). O diretor conta com alguns recursos técnicos e emocionais na busca por objetivar as demandas, trazendo as cenas ocultas (E3, E6). O diretor deve focar nas "expressões necessárias" (E6) dos sentimentos reprimidos (E6).

Em um ato existe uma maior incidência de eventos inesperados em relação aos processos terapêuticos, que o grupo, o ambiente e a metodologia já são familiares (E4). Segundo E4, trabalhar com atos não é simples. Não se sabe o que vai acontecer em um encontro que vai depender de muitas variáveis (E4). "Cada ato não tem nada a ver com o outro" (E4). Segundo E6, um ato, apesar de seu caráter pontual, pode desancorar questões latentes e profundas das

pessoas, da mesma forma que pode trazer uma intensidade tal que mude a vida de uma pessoa para sempre, como conta E2.

Segundo E1, "na hora que você promove um ato sacionômico lá, mesmo que ele não entre em questões da vida cotidiana de cada um, em questões mais profundas, entre aspas, vamos dizer assim, é, acho que é uma baita experiência de transformação mesmo, subjetiva de cada um, porque eles estão revendo conceitos, eles estão revendo coisas que estão cristalizadas neles isso também é produção de subjetividade, (...) isso também transforma as pessoas".

Na cidade de São Paulo, verifica-se oferta de atos terapêuticos psicodramáticos. Semanalmente, acontecendo do Centro Cultural de São Paulo (Wechsler & Monteiro, 2014) e no Centro Cultural de Diadema, e quinzenalmente no Daimon. Motta (2014) também relata experiências de grupos em Campinas. Mesmo tendo um movimento considerável em São Paulo, ainda observamos uma carência de espaços terapêuticos, "seria muito interessante que a gente conseguisse fazer isso mais vezes" (E4). Nossos especialistas, a maioria residente na cidade, contam que já tiveram muitas experiências nesses grupos.

Em Brasília, dentre outras iniciativas, acontecem os Encontros Terapêuticos, grupos temáticos mensais. Inicialmente com preço acessível, atualmente gratuito. A cada mês, um tema é proposto, e as pessoas que se identificam com a questão, aparecem. Os atos realizados para ilustrar esta pesquisa foram dois desses encontros. O primeiro tinha o tema assertividade e o segundo era sobre o futuro. Nos dois, os participantes trouxeram cenas de suas vidas relacionadas com o tema, e trabalhamos com um início, meio e fim para cada uma das cenas. Mesmo que as cenas não tenham apresentado um "final feliz", procuramos trabalhar, dentro das possibilidades, para trazer conteúdos latentes e experimentais nos papéis. Os participantes não se conheciam, mas mesmo assim, conseguimos criar um ambiente seguro e de continência para que todos exercitassem o cuidar do outro e de si.

2.2 Para quê Ato

A solidão da cidade grande traz a importância de lugares para se encontrar (E2), encontros além da proximidade de corpos, o encontro do Psicodrama, aquele que consigo ver a partir do ponto de vista do outro e outro a partir do meu (Moreno, 1987). Segundo E1, o ato deve valorizar a dimensão coletiva da prática. Provocar uma experiência coletiva de co-construção, criando novos sentidos, multiplicando a mensagem que faz sentido e transformando o mundo (E1). Wechsler (2014) afirma que a prática psicodramática tem a função de "denunciar ou refletir a existência dos dispositivos para que de fato considere-se a escolha" (p. 86), assim como a "unificação do ser e a ação" (p. 87).

"Quando a gente procura, é, estimular para que as pessoas façam, psicodrama e sociodrama é pra que elas possam descobrir maneiras melhores de viver, né?" (E7), explorando determinadas realidades, ativando os campos de força e produzindo vida interessante. Para E2, o objetivo da prática é a vida pulsante, "é ver um olho brilhar", temos que ter em mente a busca da liberdade na nossa vida. A teoria ajuda com elementos para que os participantes encontrem um mínimo de algo que alivia a dor, a ansiedade (E6). Segundo a especialista E6, o ato ajuda os participantes a treinarem formas de se expressar e dizer o contido, aquilo que está sendo difícil de expressar, produzindo um alívio existencial e relacional.

As pesquisas em Psicodrama, como a de Liberali e Grosseman (2015), mostram que os grupos psicodramáticos possuem um efeito positivo nos participantes, ao proporcionarem uma oportunidade de reflexão crítica e troca de experiências, eles influenciam na diminuição da ansiedade e do medo. Esse efeito positivo é resultante da catarse de integração, a partir da atuação dos papéis sociais que promovem a integração grupal. A catarse pode ser entendida como um evento que concede a liberação de papéis cristalizados e como resultado da capacidade de revelar novas condutas (Nery et al., 2006).

E7 conta que, ao longo de sua vida, Moreno trouxe diferentes conceitos para o psicodrama, um deles diz que o psicodrama é um "método de conseguir buscar verdades que estavam escondidas por meio da ação" (E7). Segundo o especialista E7, pelo seu caráter extremamente terapêutico, tem-se a crença de que a teoria sicionômica é somente uma forma de fazer terapia, porém, desde seu princípio, o Psicodrama possui outros propósitos que não o terapêutico. "Essa visão de Psicodrama como terapia é uma visão certa, mas incompleta, e de longe, de longe. Quando você vai pegar historicamente como é que aparece o Psicodrama, ele não tem nada a ver com a terapia, nada, isso não sou eu quem diz, é o próprio Moreno que disse (E7).

"O Psicodrama não é para doentes mentais, o Psicodrama é pra qualquer pessoa, e deveria ser ensinado e aprendido assim, e não para ser confinado a uma clínica, né" (E7). Traz a possibilidade de "expressão verdadeira" (E2) com o objetivo de revelar aquilo que está ali e não estamos vendo (E4). "Promove o aparecimento desse homem espontâneo criativo, que se debate com suas próprias conservas" (E1). Amplia os olhares e "desata (...) abre os nós" (E5), trabalhando com honestidade no aqui agora (E3), tentando sair da sociedade do espetáculo e se expressar verdadeiramente (E2).

Sua potência terapêutica está na abertura de espaço de criação grupal (E2). "Eu aprendo coisas, eu transformo coisas, e é sempre na relação que isso acontece" (E3). Criar um grupo protetivo e continente que resguarda princípios da comunicação humana com intuito de melhorá-la, ajudando as pessoas a expressarem sentimentos contidos e auxiliar o grupo a encontrar saídas para os problemas (E6). O objetivo do ato será traçado em grupo ao longo de todo o encontro, respondendo à pergunta de para que estamos aqui (E5), sendo o foco a criação acima da busca pela resolução dos conflitos (E4).

O ato é um projeto de investigação dentro de um certo tema, e todo trabalho sicionômico tem dimensão terapêutica, no sentido de transformação, criar novas modalidades,

criar aberturas e servir para a pessoa avançar em seus caminhos (E4). A prática ajuda as pessoas a se perceberem mais, rever questões pessoais, rever conceitos cristalizados, promovendo uma melhora das relações e da saúde (E1). A transformação não remete ao entendimento de causas, mas na criação de novas modalidades, quanto mais se criam espaços de abertura, mais terapêutico é o ato (E3). Vassimon e Malaquias (2014) afirmam que "quanto mais o desempenho de papéis, maior o uso da criatividade-espontaneidade como indicadora de saúde" (p. 25).

O objetivo daquela prática vai determinar a maneira como vamos conduzir o encontro. O psicodrama pode ser feito, por exemplo em um contexto de confraternização, trazido por E1, em que através de atividade lúdicas, permite que o grupo se conheça mais e realize trocas, sem adentrar questões profundas e não apropriadas para o momento. Outro exemplo é o psicodrama exploratório experimental que tem o objetivo de testar papéis e posições, explorar situações, experimentar possibilidades (E7). Ele serve para saber, por exemplo, "até que ponto ele tá preparado para tal coisa, ou para ser empregado como balconista, ou pra ser como professor," (E7). Essa proposta não tem nada a ver com terapia, não tem o objetivo de investigar ou intervir no sujeito, e sim, vivenciar e treinar (E7).

A cura vem do aprendizado, "você não vai se curar se você não aprender." (E7). Curar é captar e interiorizar um lado novo da realidade. A transformação gera conhecimento (E1). Para a especialista E3, a prática deve trazer um novo sentido para cada um dos participantes, pois quando só tem a função de reafirmar o que já sabe, não tem tanta potência, embora possa ser proveitoso, não precisa produzir algo necessariamente, mais do que isso, a potência está na experiência coletiva.

As pessoas ficam fortes e empoderadas quando percebem que não estão sozinhas, vem um sentimento de alegria, "da dor brota um riso" (E6). Segundo a especialista, elas vão se sentindo cada vez mais confortáveis para se exporem, identificadas e não solitárias dentro dessa

exposição. "Se apropriar desse incômodo, e transformar isso em energia criativa espontânea" (E2). O grupo ajuda as pessoas a terem empatia um com o outro (E6). Quando a pessoa encontra um sentimento similar dentro dela, ela não julga, não desqualifica, "é compartilhar, se identificar, que é buscar algo dentro de si para ter empatia com o outro" (E6). A unidade funcional deve ajudar as pessoas a encontrarem situações que as façam sentir como a outra pessoa, buscando pontos de vulnerabilidades, "é justamente nessa vulnerabilidade, nessa fragilidade, (...) que as pessoas vão ficar forte, vão se sentir fortes e empoderadas" (E6).

Para E1, o psicodrama pode ser usado para quebrar a ruptura da lógica conservada. "A dicotomia entre o indivíduo e a sociedade, isso vai aparecer o tempo inteiro, né, então eu acho que essas coisas, a gente precisa se desfazer o mais rápido possível no Psicodrama, senão a gente nunca fica no coletivo" (E1). O especialista defende a prática com a lógica pesquisa-intervenção e não pesquisa-ação. Segundo Contro (2009), a pesquisa-ação possui menor delimitação entre o investigar e o objeto de estudo, enquanto na pesquisa-intervenção se foca em "novos modos de subjetivação, na análise das instituições que atravessam o grupo, no processo criativo a engendrar inusitadas possibilidades" (p.19). Contudo, no mesmo artigo, o autor também afirma que a distinção entre as duas não é de pouca valia, já que ambas possuem o objetivo comum de "comprometimento do pesquisador para com as transformações sociais" (p. 20).

Devemos tratar as relações de poder, estando disposto a ter o mesmo nível de poder que todos os envolvidos (E7), compartilhar função de cuidador (E6), contar com a ajuda do grupo para pensar em saídas (E2), ajudando os participantes a co-criarem no grupo, sendo agentes terapêuticos deles mesmos (E6) e fazer o que o grupo quer, objetivando as demandas, trazendo as cenas ocultas, mantendo o compromisso com o campo intensivo, mesmo que não seja Psicodrama (E2). O coletivo depende de encontro, ele não é somente um conjunto de pessoas, e ele é o foco da prática (E1). Para o especialista E1, como coordenadores de grupo, devemos

sair de uma visão disciplinar que reduz os fenômenos. Produzir linhas de desvio que, eventualmente, se tornam novas conservas para então serem novamente desconstruídas (E1). A ideia é transitar entre várias perspectivas, produzindo uma clínica ampliada que se debruça além do processo de adoecimento e sim na verdade do sujeito (E1).

E2 discute saúde mental sob o vértice da vida interessante, que é alegria de viver, aquela que interessa viver. Para E2, "se trata de que a criatividade tem que saber avaliar os campos de força, com os quais eu preciso contrapor em algum momento para poder eu fazer o meu universo, ou achar linhas de fuga pra conhecer". Algum distanciamento é necessário, "não quer dizer negar a sociedade, não quer dizer negar as regras, as estruturas, nada disso, mas quer dizer ter distanciamento para não depender tanto, e não pagar o sapo" (E2).

Importante ressaltar que o ato terapêutico retratado neste trabalho refere-se ao ato terapêutico realizado por psicodramatistas, podendo também ser chamado como ato psicodramático, que é a aposta pessoal da pesquisadora como teoria e instrumento que trata a respeito da compreensão e tratamento de grupos, contudo não se pode entender que somente psicodramatistas, psicólogos ou psiquiatras possuem propriedade para centralizar todo o conhecimento a respeito de tal modalidade. Como mostra a pesquisa de Paul e Ommerem (2013), o ato terapêutico pode ser realizado dentro de outras abordagens e manejos.

Ademais, existe uma outra dimensão em um ato terapêutico que precisa ser considerada. Um ato terapêutico pode representar qualquer encontro que pode acontecer fora do contexto clínico em situações e eventos do cotidiano, momentos que provocam alguma transformação nos indivíduos envolvidos, sendo terapêutico. Encontros como esses podem acontecer em qualquer lugar e momento, com duas ou mais pessoas, independente do contexto e propósito.

Quando Moreno (1983) traz sua compreensão de encontro, em que "te olharei com teus olhos, e tu me olharás com os meus" (p. 249) ele coloca em palavras a mágica que acontece na conexão verdadeira e profunda, que normalmente se apresenta de forma momentânea e fugaz.

O encontro espontâneo não depende de lugar, nem de aquecimento, ele simplesmente acontece, todavia tais momentos não acontecem com regularidade. Dessa forma, encontros como os grupos desta pesquisa criam os espaços que proporcionam e facilitam o encontro de Moreno.

2.3 Terapêutico ou Pedagógico?

Os anos 1980 "criou uma cisão histórica no Psicodrama" (E1) que separou a formação terapêutica da pedagógica. Para nosso especialista E1, separar os dois criou uma ruptura no Psicodrama, estabelecendo uma hierarquia entre as duas áreas, com prevalência no terapêutico. Essa opinião é compartilhada na literatura por Bareicha (1999), que afirma que "particularmente não concordamos com as nomenclaturas "psicodrama terapêutico" e "psicodrama pedagógico", que classicamente diferenciam suas utilizações. O psicodrama, como o entendemos, é sempre terapêutico, artístico e educativo" (p. 133). Atualmente a terminologia "pedagógico" foi substituída por socioeducacional. Em 2002 a nomenclatura de pedagógico mudou para socioeducacional.

Há quem diga que o terapêutico é mais profundo que o socioeducacional, contudo, segundo E1, "a ética do Psicodrama é uma só, é favorecer esse surgimento do homem espontâneo, criativo". Não se pode falar em psicodrama clínico porque é incompleto (E7). Todo trabalho sacionômico carrega, além das dimensões terapêutica e pedagógica, como explica E7: "A primeira rama, digamos assim, o primeiro elemento, se for falar numa árvore, o primeiro ramo da árvore do psicodrama não é o terapêutico, é o chamado exploratório-experimental, ou seja, puxando o (...) que o sujeito pode fazer psicodrama, ele pode fazer psicodrama para explorar o mundo, para explorar determinada realidade, ou para experimentar, (...) com sentido de detectar, pra saber até que ponto a pessoa tá preparada para tal coisa. Isso é experimental. Isso não tem nada a ver com terapia, não está se falando em curar ninguém de nada, tá claro isso? Bom, aí você tem o tronco, o ramo, que é considerado como principal, que é o terapêutico,

no ramo terapêutico, Moreno fala em quatro ramos, que precisam ser levados em conta, (...) a prevenção é a primeira, quem faz terapia tem que saber prevenção, como é que faz para prevenir que a pessoa fique doente, tá? Prevenção. Segundo, diagnóstico, já que não conseguiu prevenir, então agora vamos ver qualé o problema que você tem, né? Então você faz psicodrama para estabelecer um diagnóstico. Depois faz psicodrama para tratar, pro tratamento, e se não der certo, e tiver recaída, (...) aí você faz a tal reabilitação. Tá? Então, no, aí você tá no campo da terapia, agora vamos pegar o terceiro, o terceiro é didático pedagógico. Para que você faz um psicodrama didático pedagógico, para ensinar e para aprender, alguma coisa, você não está preocupado se vai se curar, se ela é maluca, se ela é maniaco depressiva, você não tá nada preocupado com isso, você tá preocupado em que a pessoa possa aprender e ensinar" (E7).

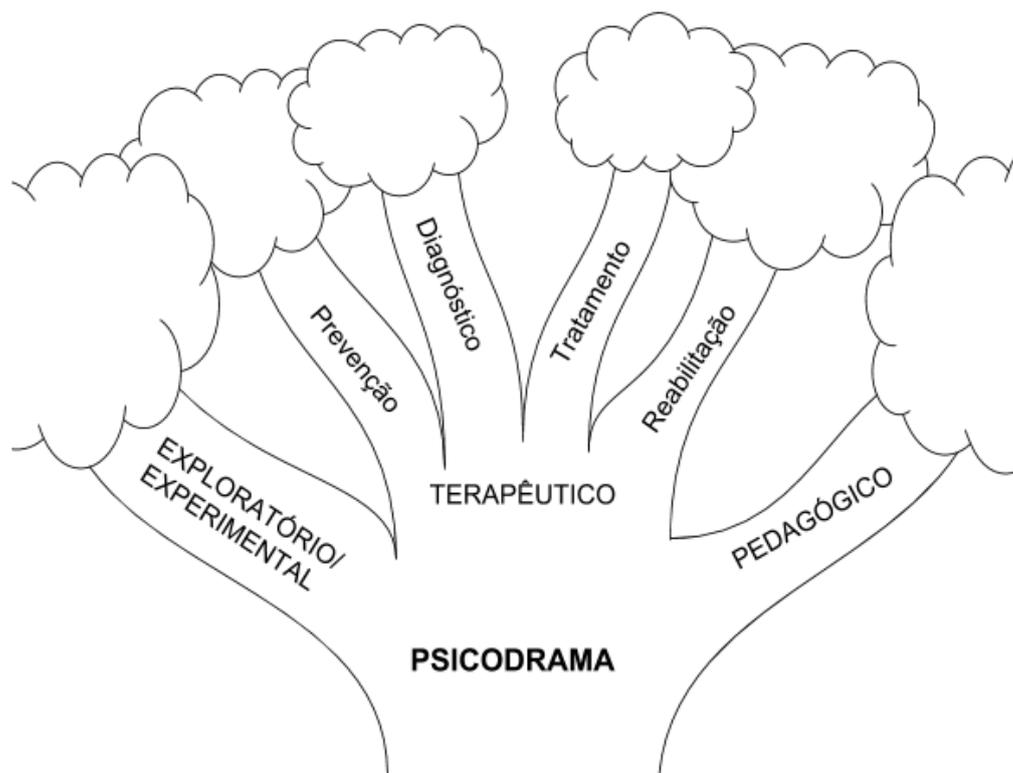


Figura 1 - Representação dos aspectos do psicodrama sugerido por E7.

"Espera que seja terapêutico sempre, né?" (E5), apesar de existirem diferentes contextos e propostas de trabalho que possam ser denominadas, a priori ou a posteriori, terapêuticas ou pedagógicas, o caráter terapêutico e pedagógico está presente em qualquer prática psicodramática (E5). "Ele tem a potência de ser terapêutico, sócio, porque se trata entre pessoas e educativo, eu aprendo coisas, eu transformo coisas, e é sempre na relação que isso acontece" (E3). Da mesma forma que ocorrem muitos aprendizados em uma prática terapêutica, a transformação gera conhecimento (E1). Todo psicodrama carrega todos os aspectos (E3).

Aprender é terapêutico (E4). Ser terapêutico significa ajudar as pessoas a avançar, superar, se perceber mais, servindo para a pessoa avançar, se perceber mais, encontrar seu equilíbrio (E7). Pra E4, o efeito dos dois é o mesmo. Terapêutico é pedagógico, pedagógico é terapêutico "a coisa educativa é justamente a atitude de aprender" (E4). E7 demonstra isso pegando uma folha de papel, denominando a parte de cima como pedagógico e a de baixo como terapêutico e falando: "Você consegue separar?" (E7). "Nada me garante, que aquele, as minhas intervenções socioeducativas não serão terapêuticas" (E3), na prática não tem diferença o tipo de abordagem, o ponto a ser focado é a demanda da pessoa. A metodologia de trabalho é sempre a mesma seja para terapêutico quanto pedagógico (E3).

O contexto e a demanda do grupo vão influenciar para uma tendência terapêutica ou pedagógica (E1), assim como um determinado tema (E7). A formação do diretor também influencia na maneira como ele entende o indivíduo (E3), "essa adjetivação depende igualmente da intenção adotada pelo diretor e da interpretação e significado atribuído por quem participou da vivência" (Bareicha, 1999, p. 133). Cada um tem sua forma de conduzir e entender o sujeito (E7). Mesmo assim, nada garante que um contexto pedagógico não provoque efeitos terapêuticos ou vice-versa.

Mesmo não concordando com a divisão, afirmando sua multiplicidade, E3 coloca que o psicodrama denominado terapêutico é voltado para questões pessoais. O foco é mais a história

pessoal do indivíduo, mesmo ela não sendo tão individual assim (E3). O grupo irá "pesquisar dentro do próprio sujeito, dentro da própria história, né, as questões que estão gerando algum tipo de psico-sociopatologia" (E3). Para a especialista, quanto mais se criam espaços de abertura, mais terapêutico o efeito. Já o psicodrama socioeducacional, de modo geral, é realizado em contextos públicos ou educacionais (E5). Ele é voltado para um problema do todo, da comunidade (E5). Para E6, a prática socioeducacional se constitui, geralmente, por sociodrama e jogos dramáticos, com temas do grupo e da sociedade. A construção grupal será voltada para um problema do todo, em que as pessoas vão se expor, mas até tal ponto (E6).

Quando em um treinamento de empresa, como por exemplo, colocado por E4, ou trabalho em escolas e instituições, em que o resultado é previsto, pronto e esperado, pode-se atribuir um caráter socioeducacional a priori, sem excluir a possibilidade daquela intervenção também apresentar um caráter terapêutico. Segundo E2, "é interessante você produzir umas ceninhas conservas, de pessoas com a mesma questão", ou seja, trazer cenas prontas voltadas para o grupo, sociedade, papel de cidadão, dentro da demanda previamente estipulada, ou daquilo que o grupo constrói no dia, porque "se você já traz a empacação e o conflito dali, às vezes você consegue potencializar muito a eficiência do seu trabalho" (E2).

2.4 Psicodrama e seu Componente Artístico

O Psicodrama possui uma íntima conexão com as artes, tanto por se utilizar de atividades artísticas que podem nos ajudar em diversos momentos de um ato (E4), como pelo seu componente artístico e cênico (E7). "A conexão com a arte, é (...) assim, a arte não tem uma proposta num primeiro momento de ensinar necessariamente, de passar uma mensagem necessariamente, ela desvela mundo, ela inventa mundos, então eu sempre penso no Psicodrama mais próximo da arte" (E4). Segundo Davoli (1997), o ponto de partida do artista é seu estado

espontâneo interior, que não é fixo nem rígido, e sim fluido e rítmico, como as subidas e descidas da vida.

O especialista E4 relata que utiliza, frequentemente, a arte como aquecimento, usando por exemplo, textos, poesias, músicas, cenas de filmes. Ele afirma serem atividades que trazem grande carga emocional e que já iniciam o encontro trazendo conteúdos para com os participantes, em busca do tema protagônico daquele momento. Para E3, o teatro traz exercícios físicos que facilitam a produção da cena além de diversas atividades que ajudam o grupo a evidenciar o que precisa ser evidenciado.

Segundo E4, o psicodrama não pode se reduzir a uma atividade meramente intelectual. E7 concorda, afirmando que o "psicodrama tem um lado, tem uma componente artística, justamente por estar tratando com criatividade, com espontaneidade, com curiosidade" (E7), é uma prática que "busca a liberdade em nossas vidas" (E3). Ainda segundo a especialista E3, a riqueza do psicodrama está na questão cênica, "quanto mais eu ajudo uma cena a ficar forte, mais estas cenas, que é uma cena que vai ficando mais estética, no sentido de você poder identificar os inúmeros conteúdos que tem, (...) quanto mais eu soubesse disso, mais terapêutico ia ser a minha intervenção, terapêutico no sentido da transformação, né, não terapêutico no sentido de eu entender, né essa coisa casuística de eu sou assim porque isso, mas eu criando modalidades novas para essa pessoa, criando aberturas" (E3).

O papel do diretor é metaforizado com o do artista por E4, no sentido de se deixar levar na produção da arte sem pensar muito antes o que vai fazer, ou planejar, e se deixar levar pelo momento da criação e se permitir mudar os planos no meio do processo, lembrando que não é o diretor que vai produzir a arte, e sim o grupo. E3 traz outra metáfora do diretor atuando como um maestro, em que cada músico tem a sua partitura e o maestro orchestra para que todos estejam combinados. Para a especialista, ele deve ter estudos de teatro, a compreensão da dramaturgia, noção de montagem de cena, e estética do teatro (E3).

A arte não é racional a princípio, não tem uma proposta a priori (E4). "A arte não tem uma proposta num primeiro momento de ensinar, necessariamente, de passar uma mensagem necessariamente" (E4). Não se pode esperar uma estética a priori, "não dá pra esperar que o quadro vai sair de um jeito bonitinho" (E4). A arte pode ter vários objetivos, podendo ser adaptada para o autor dela e para o público. Segundo Bareicha (1999), o Psicodrama se propõe a romper barreiras a partir da recuperação de conteúdo emocional e da elaboração simbólica de questões da sociedade, assim como "o papel da arte sempre teve algo de subversivo e de inovador" (p. 121).

2.5 Onde? Aqui e Agora!

Só existe o aqui e o agora, tudo que possuímos ao nosso alcance está nesse exato instante (E1, Moreno, 1987). A teoria sacionômica tem como base a compreensão que só é possível atuar no aqui agora, já que tudo está e só existe no aqui e agora. Segundo Moreno (1987) o passado e o presente somente são percebidos no aqui agora. Para o nosso especialista E1, "não é falar sobre o que aconteceu lá em outrora, mas o que está acontecendo aqui entre nós, aqui agora" (E1), "porque o que acontece lá eu tenho muito pouca potência pra fazer alguma coisa, mas no que acontece aqui agora, essa eu tenho" (E1).

O trabalho psicodramático é realizado no aqui e agora, utilizando conteúdos latentes que estão mobilizando os participantes naquele momento. O que o grupo traz e faz durante o encontro tem a ver com o aqui e agora, "senão a gente fala sobre coisas que não estão acontecendo, a gente fica só presumindo o imaginário, e aí isso não interessa muito mais" (E1). Um exemplo disso é uma mesma atividade realizada em dois grupos de contextos diferentes que trazem uma construção bem diferente uma da outra, trazido por E4.

O trabalho no aqui e agora não só demanda, mas ajuda na prática da espontaneidade (E5). A capacidade de se adaptar e dar novas respostas contribui muito no ajuste das situações

inesperadas do dia a dia (E4) e esse treino é feito quanto mais presente a pessoa se faz (E2). Nossa especialista E2, ressalta que é fundamental para o diretor ajudar o grupo a também adentrar esse estado de presença, segundo ela: "o diretor primeiro tem que se mostrar, (...) pra que as pessoas confiem. Mostrar mesmo!" (E2).

O ato não está isolado do mundo, ele é diretamente afetado por fenômenos externos que possam acontecer, "acontecem coisas muito doidas" (E4). O especialista coloca que fatores externos que incluem eventos climáticos, como chuvas muito fortes, ou um dia muito quente, trazem participantes já mobilizados de alguma forma. O especialista também chama a atenção para a imprevisibilidade, em atos terapêuticos, quanto à configuração física do ambiente, formato, iluminação, o tamanho do grupo e determinados participantes que possam aparecer. E4 conta que outros imprevistos acontecem no momento como indisponibilidade do local, ou acontecimentos que não estão claros podem influenciar o grupo. Esses fatores externos podem afetar todos os envolvidos no grupo e o trabalho em si, dessa forma, o diretor deve ter uma grande capacidade de lidar com imprevistos e estar aberto para receber as demandas do grupo e deixá-lo encontrar suas saídas.

E1 afirma que o contexto de psicodrama público, em lugares abertos, como na rua, pode trazer ainda mais situações inesperadas, como pessoas que chegam e saem no meio da atividade, ou ainda que irrompem no meio da atividade, mudando o foco. Segundo E4, esse tipo de trabalho demanda maior habilidade técnica e espontânea do diretor para favorecer a criação grupal. Datner, Giro e Nonoya (2014) contam uma experiência tensa e inusitada de difícil manejo com uma participante que interrompia o grupo com cantorias, aparentemente fora de contexto.

Como colocado pelos nossos especialistas, um grupo sempre traz um caráter de inesperado. Tudo pode acontecer quando se trata de seres humanos. O diretor assume um risco absoluto de se virar com o que pode acontecer (E4). O grupo vai determinar, na hora, o rumo

do trabalho (E4). Um grupo conta sempre com a imprevisibilidade do momento e "a gente não sabe o que vai dar" (E4). Em concordância com a literatura, Guimarães (2017) afirma que o fator aqui agora é essencial na compreensão dos indivíduos no processo, tanto em extensão, como em profundidade.

2.6 Espontaneidade: o Caminho e o Fim

Como cidadãos, somos submetidos a poderes maiores, limitantes para a nossa atuação, muitas vezes, assumindo o papel ressentido-passivo, "um comportamento passivo, ressentido, reclamão que fica pedindo para o poder algo" (E2). A vida é cheia de problemas inerentes, "não existe sociedade utópica que vai resolver tudo, há contradição entre indivíduo e sociedade sempre" (E2), dessa forma não existe somente um jeito certo de conceber as relações humanas, outras populações trazem outros paradigmas (E2). A compreensão e tratamento das relações humanas não pode se basear em valores pessoais, pois cada um tem suas importâncias (E2). Na investigação dos tus internalizados, espera-se contribuir para que o indivíduo ressignifique seu contrapapel, de não reagir de forma ressentida, mas agir espontaneamente (E2).

A especialista E2 comenta sobre Zaratrusta, dizendo que "o homem é inferior a uma mosca, né? (...) porque ele fica achando que ele tem uma sabedoria, ele fica se achando, né? Na verdade, ele não tem chifre, ele não tem garra, e aí, em cima disso ele tem um complexo de inferioridade, (risos) com relação aos outros animais. (...) Então ele diz, que daí ele fica inventando ciência pra se achar, etc. e tal, mas para sobreviver, ele além de ficar interpretando o mundo para tentar controlar, porque ele só tem córtex não ter força física, coitado, e perdeu essa capacidade de perceber o mundo como mosca, como veado diante do sangue de um animal que quer comer, fica numa falação, perde a realidade e fica tentando se adaptar ao *status quo*" (E2).

A velocidade contemporânea é um relógio que atormenta o ritmo da sociedade (E2). Todo ser humano tem seus momentos de desequilíbrio (E2). A sociedade é cheia de críticas e julgamento (E6). Tais comportamentos conservados são tendências naturais, "a sociedade que me produziu assim" (E5), pronto para colocar a culpa no outro. Por isso, novas propostas são tão difíceis de serem aceitas. Na vida em sociedade, é importante saber o limite do outro, para se prevenir e realizar uma adequação na sua verdade, "adequação enquanto percepção de que se eu não quero alguma coisa eu tenho que saber o tamanho da resistência do outro" (E2). Segundo Nery (2003), "a espontaneidade-criatividade nos liberta do determinismo absoluto, que nos aprisiona em nossos condicionamentos, afirmando-nos sujeito de nossa história" (p. 20).

Para Moreno (1987), a espontaneidade é fator fundamental para a saúde e a sobrevivência do indivíduo. Apesar de muitas vezes mal compreendida pelo uso comum da palavra que muitas vezes remete à impulsividade, o significado da palavra espontaneidade pressupõe prontidão e adequação de resposta, uma nova resposta a problemas antigos (Gonzalez, 2012). Segundo o autor, o treino e desenvolvimento da espontaneidade ajudam o sujeito a "aumentar a abertura à experiência, reduzir as inibições e promover o bem-estar psicológico" (p. 42).

O Psicodrama trata com criatividade, espontaneidade e curiosidade, podendo estes serem entendidos como partes de um mesmo objetivo (E7). O foco do Psicodrama é fazer crescer o ser espontâneo e criativo (E1). A espontaneidade é a "luta que a própria pessoa vai fazendo para resistir às imposições que vêm de fora e conseguir fazer predominar a sua maneira de ver, o seu caminho, a sua vontade" (E7). Segundo E2, "a criatividade tem que saber avaliar os campos de força com os quais eu preciso contrapor em algum momento para poder eu fazer o meu universo ou achar linhas de fuga para conhecer".

Espontaneidade tem a ver com rapidez e prontidão para colocar para fora imediatamente, "ter uma resposta na hora ali" (E5). Ser espontâneo facilita viver o aqui agora (E5). A abertura de se adaptar ao momento e deixar vir o que deve aparecer e não pensar o que fazer antes disso. (E1, E2, E3, E4, E5). Para E5, a espontaneidade ajuda no imprevisto de se adaptar às circunstâncias e trazer uma resposta no aqui e agora de forma automática e nova. Tanto o diretor, como o ego-auxiliar ajudam o grupo a fazer surgir e fortalecer a espontaneidade no ato (E5).

A espontaneidade nos ajuda a estar preparado para o aqui e agora, ela ajuda muito no "suportar viver sem a verdade última" (E2). Como conta a especialista (E2), por sermos extremamente frágeis, criamos a ciência e regras para nos sentirmos seguros a partir do controle que supostamente temos do mundo. Pois, nesse movimento acabamos por perder a nossa mais valiosa característica que é a espontaneidade e a capacidade de adaptação e superação diante das situações.

A espontaneidade pode ser desenvolvida em função da experiência, no caso, quanto mais treinamento, mais espontaneidade (E7 e E6). Pessoas com mais experiências têm mais facilidade de atingir altos níveis de espontaneidade (E7). A experiência permite chegar em um grupo sem qualquer preparação, e usar todo o treinamento para elaborar práticas na hora, de forma criativa e espontânea (E5). Segundo E7, os níveis de espontaneidade variam em cada indivíduo, algumas pessoas são mais espontâneas que outras. Não se pode esperar que os níveis de espontaneidade sejam os mesmos, pessoas que treinam a espontaneidade há mais tempo, possuem níveis maiores dela. Ainda, algumas pessoas apresentam rapidez na aprendizagem, outras estão mais dispostas para a ação, enquanto outras vão e ficam mais resistentes (E7). Ainda, para E5, a espontaneidade tem a ver com a maneira como a pessoa foi educada, no sentido de liberdade adquirida de ser espontâneo. A espontaneidade também tem a ver com humor, na medida em que ele traz a permissão de ter "a resposta na hora ali" (E5).

Um diretor de Psicodrama precisa considerar que, na hora da intervenção, pode ser que tenha que improvisar e sua espontaneidade o ajudará nesse sentido (E5). Espontaneidade ajuda na adaptação a situações externas que acontecem sem aviso, ajuda a lidar com contextos e públicos com que não estamos familiarizados, ajuda na abertura para se adaptar ao grupo e receber o que ele tem para propor "(E4). O diretor perde sua espontaneidade quando suas preocupações e expectativas tomam conta (E6). A espontaneidade flui mais quando não se preocupa com erros e se sente seguro, "tem mais segurança assim mesmo acertando, errando, não sei se tem erros, de qualquer modo, acho que flui mais a espontaneidade no ato" (E5).

2.7 Para Começar: Aquecimento

Segundo Monteiro (2014), o aquecimento "conduz o indivíduo a uma liberdade de expressão de forma criativa e facilitadora à ação". Usualmente dividido em aquecimento inespecífico e específico, como propôs Moreno (1987), não obstante outros autores ampliam a compreensão da etapa do aquecimento, como Davoli (1997), que indica cinco momentos diferentes do aquecimento, sendo eles a ambientação, grupalização, preparação para o papel de ator, preparação para o papel de autor, e preparação da plateia, e Santos e Conceição (2014) que colocam também cinco etapas: aquecimento físico/ fisiológicos, aquecimento intelectual/ racional, aquecimentos mentais e imaginários, aquecimento da cena, aquecimento no intrapsíquico.

Desde o convite inicial ou ideia para realizar um grupo, o diretor já começa a se aquecer, segundo os nossos especialistas. Ele pensa antes, se conecta com a proposta e com o contexto do evento (E4 e E6). Segundo Perazzo (2010), o aquecimento é de grande importância para que as pessoas alcancem um estado espontâneo "capaz de resgatar a verdade psicodramática e poética do protagonista" (p. 142). Para Davoli (1997), "é como uma terra que precisa ser semeada" (p. 55), quanto melhor você preparar a terra para a planta, melhor ela irá germinar.

Para nossos especialistas e para a literatura, o aquecimento do diretor começa muito antes do ato em si (E4, E6, Monteiro, 2014). Marino (2014) também relata uma experiência em que o aquecimento da unidade funcional começou muito antes do dia do grupo. Segundo E1, tal aquecimento inclui tentar entender o processo do grupo, com informações prévias do movimento do grupo. E4 e E6 afirmam que o diretor se organiza para a atividade, fazendo ensaios mentais, se conectando com as suas próprias questões e incômodos. O planejamento faz parte do aquecimento do diretor (E1, E3, E4). Muitas vezes, o planejamento demanda um esforço do diretor nessa gestação da ideia (E4). Segundo o especialista, nesse momento ele trava "diálogos internos" (E4) sobre os seus próprios sentimentos e como conduzir a prática. Monteiro (2014) relata ter pensado primeiro no título, depois buscando textos a respeito, com intuito de se aquecer e se preparar para o encontro.

A preparação começa no pensar antes da atividade sobre o contexto do evento, procurando entrar no grupo sabendo pelo menos porque o procuraram (E3). Como já dito em itens anteriores, levar coisas muito prontas muitas vezes não é eficiente, devido ao fator inesperado de um grupo, sendo o ideal não se preparar tanto e ver o que aparece na hora (E2, E3, E7). O diretor deve incorporar os eventos que acontecem, como inserir pessoas que chegam depois do horário ou contribuições que algum ego-auxiliar treinado ou não venha a fazer (E3). "Eu percebo o que tá rolando ali no grupo na hora que eu chego, a hora que o grupo tá se constituindo e aí, às vezes eu invento alguma coisa na hora" (E1). Deve captar os indicadores do momento, ver as ações das pessoas e pegar o embalo da criação no momento, mantendo sempre o convite para criar juntos (E1).

Segundo E6, o diretor se aquece a partir das experiências pessoais, entrando em contato com as emoções que surgem a partir do pensamento do que pode surgir na prática. O aquecimento do diretor é fundamental, "um tempinho pelo menos para você, respirar e imaginar" (E6). Ainda segundo a especialista, ele nunca deve coordenar um grupo sem preparo

pessoal interno, pois o grupo traz resgates a lembranças e emoções que não devem interferir no trabalho grupal. Para E1, o diretor deve ser capaz de se limpar dos seus vieses pessoais, integrar o grupo e construir a grupalidade.

Como no começo da profissão, as pessoas tendem a apresentar maiores níveis de insegurança quanto à direção do grupo, é comum que elas se preparem ainda mais e levem atividades prontas e programadas. Nesse momento também, talvez seja mais seguro manter os papéis de diretor e ego-auxiliar bem delimitados. Segundo o especialista E7, com o tempo e com o treino da espontaneidade, o diretor vai sendo cada vez mais capaz de chegar sem qualquer planejamento para contribuir com o grupo. Não obstante, a escolha por levar jogos como iniciadores na etapa do aquecimento é uma opção que também traz diversos desdobramentos de trabalho para o terapeuta, como demonstra Monteiro (2014).

Os nossos especialistas, por vezes, planejam o ato e, por vezes, não. Todavia, o planejamento "frequentemente não serve para nada" (E4), pois ele não é baseado no que realmente temos de ferramentas disponíveis (E3). Tais ferramentas só estão visíveis no momento que o grupo estiver junto (E3). Segundo nosso especialista (E1), o diretor deve se esvaziar de seus pré-conceitos para acolher o que está por vir, segundo ele: "nesse tempo do meu aquecimento, eu tento ir me esvaziando, pra poder caber o que está por vir sem eu ter uma leitura já e já uma definição do que eu tenho que fazer" (E1).

Para E2, melhor do que levar atividades prontas é esperar para ver como as pessoas vem aquecidas e dispostas a fazer o que. O especialista E7 chama a atenção para a importância de se levar em consideração que, para aquecer o grupo, deve se considerar os diferentes níveis de aquecimento de diferentes intensidades que cada pessoa chega a apresentar. Chegar com aquecimento pronto pode criar conflito, criar subjetividade de autoridade e ir contra a espontaneidade natural do grupo (E3). A estratégia de intervenção vem da demanda e da resposta de para que estamos aqui (E5).

No grupo realizado para esta pesquisa, não foi feito planejamento prévio de atividades, no sentido de escolher atividades ou jogos para aquecer o grupo, apenas uma conversa entre a unidade funcional sobre o tema e como ele ressoava dentro da nossa própria experiência pessoal e clínica, como sugerido pelos especialistas. O plano para o encontro era buscar uma cena relacionada com o tema e captar o que o grupo gostaria de fazer com ela. Em ambos os grupos, após a conversa inicial sobre o tema, os participantes trouxeram cenas concretas que foram levadas para o espaço dramático para aprofundamento. Seguindo o percurso de conhecer o cenário e os personagens presentes na cena, o intuito foi de desenvolver o papel a desempenhar por meio do seu treino e experimentações de maneiras diferentes de lidar com a situação, e buscar algum final para aquela cena dentro das possibilidades e desejos.

Com os participantes, o aquecimento ajuda a melhorar a disposição das pessoas, quebrando resistências (E4). Ele é o momento "de estabelecer relação de confiança" (E2). O aquecimento do grupo é o início de abrir a relação, na formação da conexão, inicialmente dos participantes com a unidade funcional e posteriormente entre os membros do grupo (E2). "Fazer aquecimentos para trabalhar com honestidade" (E3). E3 coloca que o aquecimento intelectual e técnico deve ser feito para cada elemento, grupo, ator, diretor, plateia, conteúdo e deve ser mantido e restabelecido ao longo de todos os momentos do encontro, dando um jeito de incluir quem possa ter chegado depois do início, em contextos públicos.

O aquecimento se dá a partir dos afetos que mobilizam (E2, E4, E6), quanto mais o assunto mobilizar, mais as pessoas se aquecem (E2). Segundo Perazzo (2010), a relação terapeuta-paciente pode ser o iniciador da atividade. Para os especialistas, às vezes se aquece o grupo de maneira clássica, com jogos e atividades, às vezes a dramatização começa no meio do nada, o importante é manter o aquecimento do grupo conforme ele se movimenta. Segundo Alves (2014), o aquecimento é a preparação para a entrada no desconhecido e entrada no ato espontâneo. O aquecimento inespecífico tem o objetivo de preparar os indivíduos fisio e

psiquicamente para o aquecimento específico, que por sua vez, já faz parte do contexto dramático e prepara os indivíduos para a dramatização. Assim como Davoli (1997) trouxe a metáfora do aquecimento como preparo da terra para plantio, Bustos (2005) coloca a comparação com jogadores de futebol, que sem se aquecerem não conseguem manter a *performance* como esperado.

O contrato grupal também faz parte do aquecimento. Esse é o momento que se explica como vai funcionar o trabalho e chamar para o respeito mútuo. O contrato de trabalho é importante em qualquer proposta de grupo (Bustos, 2005). Em um ato, ele deve ser feito logo no início do encontro, preferencialmente, com todos os membros presentes, para que todos possam esclarecer as dúvidas, acrescentar combinados e concordar com as regras estabelecidas naquele momento para aquele grupo (E2). Para E5, nesse momento, o grupo começa a responder à pergunta básica de porque estamos aqui.

O contrato é a própria aliança de trabalho, em que se cria o compromisso do grupo com o momento, com o campo intensivo e com a co-criação (E2). Para a especialista E2, esse compromisso deve ser mantido ao longo de todo o encontro e reforçado quando necessário. A falta de combinado prévio pode gerar mal-estar no grupo quando é este pego despreparado (E3). Ele reforça a importância dos participantes se tratarem com respeito, ouvindo a fala um do outro e não agir com descortesia quanto ao outro e suas demandas (E2). Também é nele que o diretor deve explicar como será o trabalho e combinar como o grupo irá proceder (E2). O diretor deve se colocar à disposição para acolher demandas que possam surgir daquele ato em um momento posterior ao encontro (E6).

Para os participantes, principalmente os que não são familiarizados com o psicodrama, E2 recomenda que se faça uma breve explicação da teoria sacionômica, falando da proposta do Psicodrama, explicando sobre o contexto grupal e o contexto dramático e suas particularidades, assim como o convite para a ação e vida interessante. Também se deve combinar, previamente

com os participantes, caso venha a ocorrer uma avaliação póstuma do encontro (E6). Após o contrato, em trabalhos pontuais, por não ter continuidade, não se alongar na apresentação inicial e procurar não levar o grupo para o fortalecimento das lógicas identitárias (E1).

Segundo Nery (2010), o aquecimento é essencial ao contribuir com expressão da criatividade e espontaneidade. O processo de aquecimento pode ser feito de diversas formas, desde jogos dramáticos, ou escrever alguma coisa sobre algum tema (E6). Essas atividades são usadas para facilitar o aquecimento (E7). Outras atividades incluem arte, música, poesias, ou alguma atividade que facilite a produção da cena, como traz de exemplo nosso especialista E4. O ciclo de aquecimento, dramatização e compartilhar podem existir dentro de cada etapa (E3). O aquecimento pode consistir em uma dramatização, assim como as etapas podem se misturar (E2, E3). Segundo a literatura, ele pode constituir-se de várias atividades e se transformar em uma dramatização ou ainda partir de algo que esteja surgindo na plateia (Davoli, 2014).

Em encontros temáticos, as pessoas chegam pré-aquecidas (E2). O encontro que traz um tema de antemão já provoca uma reflexão nas pessoas que chegam com mais prontidão para a ação. Apesar disto, no primeiro grupo realizado nessa pesquisa, os participantes não chegaram mobilizados com o tema assertividade. Como aquecimento inespecífico, buscamos a definição da palavra assertividade para alinhar o entendimento e buscar o sentimento resultante da compreensão do conceito. Depois que todos concordaram com a definição, foi solicitado que eles buscassem na própria vida alguma situação que lembrasse aquela sensação que eles identificaram com o tema. Somente então, montamos a cena e os personagens, constituindo o aquecimento específico da única cena realizada.

No segundo grupo, após uma breve fala de cada um dos participantes, foi pedido que eles pensassem em uma imagem corporal que representasse como eles se sentiam em relação ao seu futuro. Nas duas cenas, partimos da imagem apresentada e dos sentimentos consequentes para trazer possíveis personagens envolvidos, a fim de investigar uma cena concreta que

pudesse ser explorada, sendo este o aquecimento inespecífico. Na primeira cena realizada, a protagonista lutava contra um personagem que a prendia nas pernas. Tal cena evoluiu para uma cena de interação com os pais, em discussão sobre o seu futuro. Neste caso, pode-se entender que todo o processo, até a evolução para a cena com os pais, que foi o momento de catarse, consistiu no aquecimento específico. A segunda cena representou o plano simbólico, sendo os personagens representados como características, não evoluindo para uma situação concreta. Nesta cena, o aquecimento específico constituiu na identificação e localização de tais personagens.

2.8 Caminhos Metodológicos a seguir

As metodologias e as técnicas psicodramáticas são instrumentos que a unidade funcional possui, "que vão ajudando a gente a fazer essa harmonização" (E6) dos personagens, da plateia, do protagonista, que facilitam o caminho do grupo em seu projeto dramático. O diretor deve ter conhecimento e preparo técnico para o manejo do grupo, mas tem algo no grupo que ele não sabe, que pertence ao grupo (E4). O grupo escolhe como quer trabalhar as questões levantadas (E2, E4). Será o momento, a demanda do grupo que irá pedir o método ou a técnica necessária (E2). Cabe ao diretor dar a permissão para o grupo escolher a metodologia que melhor couber para ser usada, podendo ser o trabalho terapêutico, o treino de papéis ou teatro espontâneo, ou qualquer outra intervenção que abarque as questões do grupo naquele momento (E2). "O grupo vai dando sinais pra gente dar a consigna" (E6) e o diretor dispõe de diversos recursos metodológicos e técnicos para agenciar o grupo (E3).

O psicodrama é uma ferramenta que trabalha com grupos e tem função terapêutica, investigativa e pedagógica (Cesarino, 2002). "O psicodrama propõe um modo de ver o mundo, uma forma de entender a realidade, de produzir conhecimentos, de transmiti-los e ressignificá-los" (Bareicha, 1999, p. 132). Busca gerar bem-estar individual e coletivo a partir de uma nova

ordem mundial com valores cosmodinâmicos (Nery & Costa, 2008). O foco não é na interpretação, e sim na criação de novas respostas (Zendron & Seminotti, 2001). O Psicodrama nos proporciona inúmeras ferramentas para trabalhar. Um dos diferenciais do Psicodrama em relação a outras terapias é a utilização de métodos que trabalham com a ação (E3).

Nas práticas relatadas por E1, diversas metodologias compõem o manejo, combinando elementos de psicodrama, de sociodrama, de retrodrama e trabalhando com dramatização ou não (E1). "Pra mim me interessa mais a criação do método em ato, então eu misturo muito o método, né, porque daí isso não exige assim, de acordo com o que está aparecendo ali em cena, né, no contexto grupal e no contexto dramático, eu vou criando um método de acordo com a necessidade do grupo" (E1). Da mesma forma, E7 utiliza a mesma folha de papel indivisível do psicodrama terapêutico e socioeducacional para dizer que o sociodrama e o psicodrama, como métodos, são inseparáveis ou, indiferenciados em seu manejo técnico e objetivo maior.

O caminho metodológico bem conhecido no Psicodrama constitui-se de aquecimento, dramatização e compartilhar, entretanto, também é relatada por E1, E2 e E3 uma prática diferenciada, que não segue a cronologia da metodologia tradicional psicodramática. "Essa cadência do Psicodrama, ela não necessariamente acontece dessa maneira, às vezes pode começar por uma dramatização" (E3). Ainda segundo nossa especialista, o ciclo de aquecimento, dramatização e compartilhar podem existir dentro de cada etapa sem o rigor da prática tradicional. Da mesma forma que várias cenas podem ser trabalhadas ao mesmo tempo e não somente a cena do protagonista, em uma abordagem multicênica, "eu sempre tô trabalhando com uma multiplicidade de cenas que estão presentes" (E3).

As técnicas ajudam o protagonista e os participantes a olharem por outros pontos de vista (E6). Segundo a especialista E6, elas ajudam na expressão das emoções e, por si só, são terapêuticas. Ainda segundo a especialista, as técnicas "vão acontecendo de maneira muito criativa e espontânea", e permeiam o ato o tempo todo, seja na fala ou durante a dramatização.

Nenhuma técnica é prioritária à outra, sendo que às vezes permeia o encontro mais o duplo, às vezes a inversão de papéis ou outras técnicas (E6). As técnicas nos oferecem um grande aporte de instrumentos, contudo, elas não devem ser utilizadas sem a devida parcimônia para não se sobressaírem à produção grupal em si (E1). O especialista E1 chama a atenção para o Psicodrama, por vezes, se apresentar como extremamente técnico e minucioso, ele lembra que não se pode confundir o rigor e cuidado com o propósito principal do grupo que é a co-criação. Perazzo (2010) também chama atenção para um excesso de teorização e "sucessão de propostas classificatórias" (p. 65) que terminam por diminuir a espontaneidade. Segundo E2, vai ser na escrita e no processamento que o sentido da técnica irá aparecer e não durante a atividade.

Segundo E1, "você não se restringir a um único conhecimento para dar conta de um fenômeno". Para o especialista E1, quando novas linhas de desvio viram conservas, temos que nos colocar na ativa para desconstruí-las novamente. "Você não se restringir a um único conhecimento para dar conta de um fenômeno, né, assim, quer dizer, e mesmo a junção de vários conhecimentos, não vão dar conta da totalidade aquele fenômeno" (E1). Transitar em várias perspectivas de conhecimento para não fazer uma leitura minimalista dos processos de grupo (E1). "Não existe um sujeito individuado que detêm uma certa posição" (E1), não existe uma lógica para explicar tudo, portanto a lógica identitária e a visão disciplinar reduz os fenômenos. Assim como, "o conhecimento nosso diretor ele é sempre situado porque ele tá sempre em alguma perspectiva do conhecimento". (E1).

Sair da visão disciplinar significa quebrar lógicas identitárias ou pelo menos procurar não as alimentar, encontrar linhas de fugas para não entrar no embate dialético, com a intenção de produzir desvios, sair da conserva e da repetição cristalizada (E1). "A psicossociologia necessita de uma abordagem pluridisciplinar e de se renovar" (Nery & Costa, 2007, p. 125). Tal atitude requer desapego a caminhos pré-moldados (E1). Fugir da noção de totalidade da lógica identitária, às vezes funciona, às vezes não, mas o diretor deve se esforçar para escapar e não

as fortificar (E1). Nery et al. (2006) concordam que a interação grupal é o foco. "É preciso transformar pra conhecer e não conhecer para transformar, né, então acho que é essa transformação que vai gerando um conhecimento" (E1).

Perazzo (2010) faz uma provocação para os pesquisadores atuais de viver, praticar, exercitar o grupo, mais do que estudar, classificar e correlacionar. O autor afirma que o futuro do Psicodrama é justamente a maneira como o entendemos e o praticamos no presente. Devemos sair do campo da razão e adentrar o campo das emoções e da vivência real, com o objetivo de realizar novas descobertas e perpetuar a prática em sua pertinência e eficácia. Bustos (2005) também afirma que existem diferentes maneiras de conduzir a prática, tendo em vista as infinitas variáveis que o Psicodrama nos fornece.

2.9 Protagonista

O protagonista é "um representante do grupo" (E1). Dentro daquela demanda levantada no momento, porém, uma vez em grupo, o protagonista deixa de ser a pessoa e passa a ser um personagem coletivo do imaginário do grupo (E1). Segundo o especialista, "o protagonista, ele nada mais é do que um certo personagem daquele imaginário coletivo que está ali, pra mim o protagonista é sempre um personagem coletivo, ele não é uma pessoa" (E1). Porque o protagonista é misturado com a questão de todos, "uma coisa mais desdobrada do que uma fotografia chapada" (E3), uma complexa rede de multiplicidade (E1). O grupo traz uma questão e o protagonista organiza e traz a dor, assim como as históricas que agonizavam as dores de seu tempo (E2). Não se pode focar nas histórias individuais, o ato é uma produção grupal (E2). O que acontece no espaço se torna propriedade de todos (Vassimon & Malaquias, 2014). Para o nosso especialista E1, o diretor deve captar os indicadores do momento e observar as ações das pessoas, pegando o embalo na criação do grupo.

No método multidimensional sugerido por Féo (2009), o caminho da sessão não consiste em encontrar um tema ou protagonista, "o que é valorizado é que ocorram instantes protagônicos sucessivos, nos diferentes ciclos de trabalho, os quais podem conter um mesmo protagonista, ou não" (p. 94). A prática é muito mais ampla que a questão do protagonista, por conta da multiplicidade que existe nos grupos e nos indivíduos (E3). Tentar encontrar um ponto comum que represente todas as demandas do grupo pode esvaziar muito o ato (E1). Para minimizar tais problemas, a especialista E6 atenta para que o diretor deve estar vigilante se aquele protagonista fala totalmente sobre o grupo, se ele mexe com a plateia, caso contrário, deve encontrar outras questões protagônicas, o que pode ser uma dificuldade na investigação terapêutica de questões que geram alguma psico ou sociopatologia.

Nos grupos realizados, optamos por escolher um protagonista para realizar a cena, sendo um protagonista no primeiro grupo e dois separados no segundo. Contudo, depois de analisá-los, pensamos que a melhor estratégia teria sido integrar as cenas, e trabalhar os dois indivíduos conjuntamente. Embora a experiência tenha sido proveitosa, reconheceu-se o risco de aprofundar em questões pessoais e sair do propósito inicial de criação grupal, com a utilização da estratégia de escolher um protagonista e trabalhar sua cena. Embora cada grupo é único, e alguns momentos, o protagonismo será a maneira pela qual o grupo está querendo prosseguir.

2.10 Temáticos ou não?

O tema é "uma desculpa" (E4), é um iniciador para a criação grupal (E2). Mesmo com um tema pré-definido, grupo que irá determinar qual será o foco trabalhado naquele momento, podendo desviar a favor de seu interesse a qualquer momento. Mesmo assim, a temática "serve como um condutor, como um farol" (E4). Ele ajuda o foco do encontro, facilitando a interação e identificação das pessoas, tendo em vista a escolha comum de todas por comparecer àquela temática (E6). A especialista afirma que ele colabora com a dramatização, no sentido de qual

assunto será tratado e ajuda na extensão do compartilhar das emoções que estão presentes a respeito do assunto (E6).

Os temas vêm de uma demanda específica e a investigação terapêutica será feita usando o assunto em questão, como foco. Podem ser demandados ou propostos. Um encontro pode ter tema predefinido ou escolhido na hora, mas de forma geral, o encontro sempre tem uma temática principal, sendo ele o tema protagônico, aquele que “está pegando mesmo” (E6). Não pode ser confundido com o tema emergente, que muitas vezes aparece primeiro por ser aquilo que queremos resolver logo, assuntos na superficialidade que possuem uma raiz mais profunda disfarçada.

Frequentemente os temas advêm de experiências pessoais. O diretor pode se basear nos próprios incômodos e mobilizações para trazer temas. A organização de determinada época ou povo e seus conflitos também trazem temas para serem trabalhados com o grupo (E2). E2 alerta que a criação de temas demanda sensibilidade, por exemplo, se você fizer um grupo com o tema impotência, é possível que ninguém queira se expor indo a um encontro e, assumindo que possui tal problema. O tema não deve declarar um problema da pessoa, por isso existe uma arte de criar temas que empoderem, contemplem as questões, porém não as denunciem, "porque você não vai discutir impotência e uso do Siales, ou Viagra, porque o cara não vai ter coragem de ir, pelo título já dá dica que ele tá usando" (E2).

O tema chama uma certa população, funciona como uma peneira sociométrica, selecionando as pessoas que compartilham uma determinada questão. Ele é um iniciador, ele convida quem está mobilizado e "convoca para aquilo que agoniza" (E2). Dessa forma, o tema reduz o tempo do aquecimento, eliminando o momento inicial de escolha. As pessoas já sabem de antemão, a temática, portanto, pensam e entram em contato com as questões e sentimentos envolvidos, chegando mais bem preparadas, pré-aquecidas e com mais prontidão para a ação (E6 e E2).

Segundo E2, o tema funciona como um duplo social da angústia da sociedade. Para Toloí e Souza (2015), o sociodrama temático é uma ferramenta valiosa para a investigação social. Ele é um método profundo de ação que favorece a expressão, ampliando a compreensão, identificando a questão comum do co-inconsciente e a trabalhando, terapeuticamente, tanto o indivíduo como o grupo.

"Se não é temático vai ser um pouco mais complexo, quando não é temático porque aí vai trabalhar mais com o aqui agora" (E6), ou seja, demanda buscar pontos de vulnerabilidade a partir da roda inicial de conversa. Segundo a especialista E6, o diretor deve observar emoções, possíveis personagens e o que esteja precisando emergir, deixando o tema brotar do grupo. "Me aquece, especialmente quando o assunto (...) pega, né" (E2). Quanto mais o tema for relacionado com as questões do grupo, maior a disposição das pessoas e o compromisso na cena.

Quando um encontro não possui um tema previamente estipulado, é tarefa do diretor e dos membros do grupo identificarem um tema para ser aprofundado na sessão (E6). Apesar de não ser de fácil leitura, esse tema remete a questões vividas no aqui agora, temas vão surgir no grupo. "Você vai ver como que tá ali a interação e partir dali é... que temas que vão surgir do próprio grupo" (E6). Segundo a especialista, a roda inicial de conversa será o momento para os participantes se expressarem e fazerem emergir uma temática grupal. O diretor deve ficar atento aos fenômenos grupais e "como que os temas estão mexendo com as pessoas" (E6) para trabalhar a questão que surgir dentro do assunto que o grupo traz.

O foco do encontro se mantém no tema e nos sentimentos relacionados a ele, podendo ser exploradas cenas relacionadas. "Focar no tema, na cena, nas emoções que o tema traz, nos personagens possíveis e que surgem ali, mas nas expressões necessárias, (...), dos personagens que são muitas vezes contidas" (E6). Para E3, idealmente, um grupo psicodramático não deve pensar o tema de antemão, o grupo deve trazer a questão latente do aqui agora, ou seja, só se sabe o tema depois de conhecer o grupo e ouvir suas demandas do momento. Para E1,

independente do tema, o ato promove benefícios, como rever as questões pessoais, mesmo que não entre em conteúdos profundos da vida cotidiana. Independente do tema, o foco no trabalho é sempre sobre o papel vivido no aqui e agora.

Os temas pensados para os grupos da pesquisa foram baseados em assuntos recorrentes que entramos em contato na nossa prática clínica. O primeiro tema foi "E essa tal assertividade?" e o segundo foi "O que será do amanhã?". O segundo tema foi escolhido devido ao fato de ser em dezembro, momento esse que muitas pessoas realizam planejamentos para o próximo ano. Optamos por fazer o tema em formato de pergunta para iniciar o questionamento do que iremos trabalhar no encontro.

Apesar do tema não ter sido a motivação da maior parte dos nossos participantes que foram para conhecer a proposta, ele conectou os participantes de forma a que, as cenas trazidas, por mais diferentes que fossem em seu cenário e personagens poderiam ser relacionadas entre si em sua essência, de maneira verbal, ao final do encontro. No primeiro grupo, os participantes não foram motivados pelo tema, e tivemos que aquecer o grupo em relação ao tema, olhando a definição de assertividade na *internet*. Já no segundo, os participantes se conectaram rapidamente com o tema e trouxeram questões relacionadas aos seus futuros próximos e angústias que estavam envolvidas. Não obstante o tema fez o seu papel de fio condutor nos dois encontros.

2.11 Sucesso para quem?

Uma das perguntas do roteiro de entrevista foi referente ao sucesso do ato, no intuito de investigar o cumprimento dos objetivos iniciais do ato e o terapêutico do ato, por assim dizer. "De sucesso só o outro pode dizer, né, não eu" (E5). Para a especialista, o sucesso só pode ser medido pela pessoa que viveu, eu posso ter achado ótimo e o outro não. "Sucesso é fez algum sentido" (E3), sucesso só avalia a esfera pessoal, e nesse ponto não podemos pensar como grupo

enquanto estamos avaliando (E3). Para a especialista E3, o sucesso se percebe na avaliação individual de cada um, se produziu algum efeito terapêutico, que é diferente em cada indivíduo. Então, tudo o que podemos saber de sucesso é se as pessoas saírem mais confortáveis e derem esse *feedback* (E6). Espera-se que as pessoas saiam um pouco melhores do que entraram, que elas consigam defender seus critérios e criem sentido na experiência (E1 e E3). Que elas tragam palavras positivas que digam que o encontro foi bom com palavras amorosas, afetuosas, reflexivas, no sentido do que viveu (E6).

O encontro é um sucesso quando tem intensidade, entusiasmo, quando mobiliza algo afetivo, faz pensar, refletir, rever valores, rever atitudes, pensar ética, quando o encontro flui, trazendo alegria e intensidade (E2). O sucesso é pensar naquilo que funciona no sentido de quebrar cristalizações do grupo (E1). As melhores experiências com atos são aquelas que nos fazem "pensar num monte de coisas" (E1). A transformação acontece não em entender causas, mas criar em novas modalidades (E3). O mérito está na experimentação (E1).

No encontro, se as pessoas "não conseguiram experimentar pra mim não funcionou" (E1). O comprometimento e engajamento dos participantes após o convite para se entregar, "não tem medo de ser inadequado" (E2). Quando o grupo está entrosado e se sente autorizado para criar e liderar, e consegue criar uma coesão, então o sucesso foi alcançado dentro no nosso objetivo de construção grupal (E1).

E3 e E6 comentam que quando acontecem experiências sem autorização do grupo, pode causar uma sensação de mal-estar em todos. Alguns trabalhos são considerados frustrantes para E4, quando o grupo não estava muito envolvido, quando as pessoas não conseguem experimentar, ou ainda, em ocasião em que o tema é esboçado e não se aprofunda. Para E3, quando fica muito na elaboração verbal do compartilhar, o encontro tem menos potência. Outro caminho não favorável, para E6, é aquele que faz as pessoas se sentirem invadidas. Por outro lado, E3 coloca que mesmo quando um ato não é de sucesso, apesar de gerar mal-estar, cria

novos sentidos. E4 afirma que a qualidade tem a ver com risco, um encontro pode produzir um mal-estar, mas, apesar disso, pode criar novos sentidos e se tornar uma experiência interessante.

Os grupos realizados foram encerrados com abraços demorados e agradecimentos entre os participantes e a unidade funcional. As palavras ditas no compartilhar foram positivas "foi bacana. Eu achei. Percebo que me ajuda essa questão de imagem, esculturas, sair da fala, porque senão eu fico só na fala, na racionalização. E pra mim me deu um conforto assim quando se integrou, me deu mais leveza, mais segurança" (G2.1). A sensação do final grupo relatada pela unidade funcional é de alegria e fortalecimento para continuar com o trabalho assim como comenta E5 "é interessante isso, porque quase sempre a gente sai assim, nossa eu fiz um trabalho maravilhoso hoje, né? Não sei. Será que foi?".

2.12 Avaliação do Ato

Segundo E7, a avaliação "é um processo que ocorre, quer se formalize quer não a qualquer momento durante o processo, não é algo que se restrinja ao final ou a um momento determinado por alguém. Por menos que a pessoa queira analisar a dimensão didático-pedagógica, a avaliação é inevitável (E7). Para E3, a avaliação é etérea, subjetiva e reside no aqui e agora, a não ser que seja registrada e documentada. Para a especialista E3, avaliar o encontro é trazer um novo sentido.

Avaliar é dar valor, é saber até quanto vale (E7). O *valer* é subjetivo, "esse valer, precisa ser avaliado do ponto de vista do sentir, de como o sujeito está se sentindo, de como o grupo está se sentindo" (E7). Por ser afetiva, a avaliação é pessoal, sendo impossível avaliar pelo outro (E3, E5, E7). Só quem sabe de si é o próprio sujeito (E5), não é possível saber as mudanças internas das pessoas (E3). E5 completa que a pessoa que vai avaliar se foi bom para ela, saindo do encontro e, percebendo se funcionou ou não para sua vida.

O Psicodrama não é uma atividade meramente intelectual, assim sendo, a avaliação se faz a partir do sentir (E7). Para o especialista E7, não é possível avaliar concretamente pois, existe uma parte intelectual e emocional na avaliação. As pessoas avaliam a partir dos sentimentos e emoções, da intensidade, do calor e dos pensamentos que surgem na experiência (E4). A avaliação das sessões é constante no sentido de "como foi pra você" (E5). Ela vai depender do propósito do trabalho (E1). Para o especialista E1, depende do interesse inicial do grupo e do que estava se propondo. Uma proposta bem definida facilita saber o que vai avaliar (E1). Ainda para o especialista, o contexto influencia na avaliação pois, tem a ver com a proposta de intervenção inicial, no sentido "se funcionou ou não funcionou, vamos dizer assim, pra vida dele" (E5).

Enquanto a avaliação pessoal está presente em todos os momentos da sessão, a avaliação grupal se concentra no compartilhar e no processamento. São momentos em que as pessoas tomam certo distanciamento para fazer uma avaliação. E6 sugere que a avaliação pode ser feita com folha com perguntas, do tipo, como estou, porque estou aqui, o que me angustia, como me relaciono com o tema. A especialista ainda sugere outra possibilidade de avaliação, realizando de forma mais objetiva, como um questionário entregue antes e depois da prática, contendo questões como: porque veio ao encontro, se pretende voltar, como estava antes do encontro e como estava depois, se mudou alguma coisa para a pessoa. E3 também traz uma experiência semelhante de avaliar a partir de um questionário entregue antes e depois da prática.

Para E4, a avaliação do encontro pode ser feita por imagens gráficas, palavras ou ainda por imagens corporais. Avalia-se o que você aprendeu desse encontro hoje, "o que você pode tá levando, o que você pode está deixando" (E6). Para E1, se as pessoas ficarem fechadas e resistentes e não fluir, se aconteceu algo, se de fato valeu a pena, se houve algum *insight*. Avaliando como eu estava antes e como está depois. Também pode ser feita a longo prazo, checando a repercussão do ato ao longo do tempo (E6).

A avaliação pode ser feita consigo mesmo, com a equipe de trabalho, ou com os participantes, na hora do compartilhar, em forma de auto avaliação (E4). Para E4, existe uma falta de interesse dos participantes no processo de avaliação mais contínuo. Segundo o especialista, já em um grupo de psicodramatistas, por exemplo, a avaliação é mais comum devido ao interesse que as pessoas têm em aprender (E4). Nesse caso, a avaliação é mais técnica, considerando aspectos da teoria e leituras de grupo (E4). Avaliações são de extrema relevância a serem realizadas com o intuito de aprimorar e propagar conhecimentos adquiridos da prática (E3)

O compartilhar pode ser feito ao longo de todas as etapas, mas ganha destaque no final da prática, por exemplo, roda final de conversa para se ter uma mínima noção de como as pessoas estão saindo, o que aprenderam e o que estão levando (E6). Prática comum dizer perguntas para verificar o que de bom as pessoas estão dando e levando para investigar mudanças que podem ter decorrido nas duas horas usuais de encontro. "E aí, gente como vocês estão?" (E5).

O compartilhar ganha o caráter avaliativo, na medida que os participantes dão o seu *feedback* (E3). Segundo E6, no compartilhar as pessoas percebem que não estão sós e compartilham o que puderam experimentar. Para E1, nesse momento é possível perceber se as pessoas experimentaram ou estão somente racionalizando a experiência. O processamento, colocado por E4, é um olhar para cena com certa distância e tempo. Ele é uma forma de avaliar o encontro a partir do aprendizado psicodramático, criando novas modalidades e aberturas (E3).

Dentre os critérios de avaliação, avalia-se o quanto a gente muda, além da capacidade das pessoas de intervirem a seu próprio favor "dele defender quais são os seus critérios, dele poder achar sentido, né, e criar o sentido" (E3). Segundo E3, os participantes que continuam a frequentar os encontros estão avaliando positivamente a experiência. A avaliação interna do diretor compreende em se questionar sobre o que fez, o que poderia ser feito, se teria que

colaborar mais com o grupo (E5). A especialista E3 conta que alguns casos específicos trazem muitas reflexões acerca do trabalho.

Uma prática que não possui avaliação tem baixa elaboração crítica (E4). Para E4, a prática sem ser elaborada, compreendida, estudada, em que não se pensa sobre o ato, se perde. São muitos os atos que vêm sendo realizados sem o devido registro e resgate para a posterioridade (E4), ao passo que quando realizadas, as avaliações podem apresentar diversas dificuldades técnicas, quando feitas por qualquer critério individual e sem rigor, não realizada sob orientação e embasamento teórico (E7).

Para E7, a avaliação é uma visão política, centralizadora do processo diagnóstico e pedagógico. A orientação política domina as instituições para estabelecer critérios mais ou menos flexíveis e profundos (E7). A instituição "quer nota" (E7) e não se "pode fugir" (E7) dela, porém para o especialista, podemos criar novas maneiras de descentralizar a avaliação, sendo dividida em igual valor por indivíduo, onde a minha palavra tem o mesmo valor da sua (E7). A prática sociométrica alimenta a esperança de uma mudança de paradigma na educação e processo avaliativo, em que prevalece uma visão horizontal do poder (E7).

Para E7, o Psicodrama não pode ser reduzido a uma ciência comportamental pois, ele possui seus componentes artísticos. "Hoje em dia, bom, são mais de não sei quantas, 400 terapias, se a gente for considerar do lado apenas terapêutico. Agora, qual é a validade disso aí, qual é a validade do Psicodrama, como é que se demonstra isso" questiona o especialista. O próprio responde afirmando que o Psicodrama apresenta rigor científico e foi validado diversas vezes como método de intervenção e análise de grupo, em vários países como Estados Unidos, Israel, Holanda, França, Áustria. "Eu procurei, no trabalho que eu fiz, montar um capítulo justamente sobre a validação do Psicodrama e olha, são, são dezenas e dezenas de trabalhos de validação que já foram feitos, nós é que muitas vezes não temos conhecimento disso" (E7). A nossa bibliografia apresentada também concorda com isso, demonstrando que o Psicodrama é

uma excelente ferramenta de pesquisa e análise de grupos (Bustos, 2005; Lucca & Schmidt, 2004; Nery et al., 2006; Perazzo, 2010; Toloí & Souza, 2015; Nery & Wechsler, 2010; Gonzales, 2012).

Com intuito de avaliar o encontro realizado, a partir da perspectiva de quem vivenciou o encontro, enviamos para os participantes a seguinte pergunta por *e-mail*: O que você levou do encontro? Buscando encontrar no olhar de quem estava presente algum indício do que possa ter sido levado do encontro, caracterizando como aspecto terapêutico do ato. Seguem as respostas:

"Primeiro quero agradecer a oportunidade de ter participado do encontro, obrigado! Percebi que você e a Clara estavam abertas e disponíveis para conduzir as cenas, foram receptivas e bem acolhedoras no primeiro momento. Isso com certeza colaborou para que as cenas seguintes fossem espontâneas e criativas. O que eu levei? Bom, levei a certeza de que o psicodrama, verdadeiramente, acessa de forma criativa os níveis profundos da psique. Sentimentos, pensamentos e percepções foram acessados por um disparador, permitindo nos relacionar e adaptar aos processos relativos a palavra "resiliência". Para mim, pensar a palavra, demonstrou que uso o silêncio para atuar de forma assertiva e resiliente. Obrigado pela experiência! Um abraço!" (Participante G1.1)

"Levei uma cena pra marcar o processo terapêutico do ano de 2017! A racionalidade como uma pedra no meu caminho e a integração dela com o resto (no fim da cena) foi muito rico pra mim. Ajudou a trabalhar essa cena que tem me atormentado nesse momento da vida." (Participante G2.1)

"Depois de alguns dias, desde o encontro que tivemos, apesar de intervalo relativamente pequeno, muitas coisas aconteceram. Dessas coisas, a busca por novidades, desafios, e persistência apesar das frustrações obtidas por meio do choque entre minhas ações e a realidade encontrada. Mesmo assim, precisei de um tempo para pensar o que levei e o que mudou desde o dia em que fui ao encontro até os dias de hoje. Refletindo, acho mesmo que levei do encontro um tipo de 'marco' ou um tipo de 'rito' para tomada de novas atitudes frente à realidade ou aos 'nãos' que encontro pela frente. Acho que eu precisava de um "porquê" e naquele dia eu vivi e legitimei meus motivos para alcançar o que sonho. Eu sei que é um processo, um processo que ainda estou vivendo cada vez que preciso dizer a mim mesma que consigo fazer o que eu quiser apesar das circunstâncias. Um processo que eu vivenciei no "faz-de-conta" durante o encontro que teve o final que eu quis. O mesmo processo que eu me convenço todos os dias a ter coragem de viver, na esperança de que na aceitação do meu processo, posso chegar a um lugar melhor. Embora o encontro que eu compareci, diga respeito, a uma intervenção pontual de algo que eu já estava vivendo, posso dizer que aquele foi um momento de legitimação dos meus "porquês" e também um marco para tomadas de atitudes que eu ainda não havia testado ou tido coragem para viver. Espero que à frente eu possa olhar para trás entendendo quais foram os marcos que me levaram ao degrau que eu me encontrar, tenha capacidade de sempre sonhar com algo novo e encontrar pessoas como você, a psicóloga Clara e o G2.1 para legitimar meus "porquês". Me sinto agradecida." (Participante G2.2).

A fala dos participantes nos mostra que apesar do caráter breve da intervenção, eles foram capazes de fazer reflexões acerca da própria e vida e percurso, que partiu do tema, mas extrapolou para outros aspectos. Um grupo no qual os participantes não se conheciam previamente, fomos capazes de criar um ambiente continente e seguro para que todos pudessem

praticar o cuidar e o ser cuidado. Quanto à avaliação do encontro, apesar de satisfatórios, estamos sempre buscando nos aperfeiçoamos no sentido de nos esvaziarmos dos vieses pessoais e estarmos entregues para aquele grupo e aquele momento. Com a intenção de ajudá-lo a se expressar de forma criativa e verdadeira dentro da necessidade que assoma no momento, aprendendo a ser acolhido dentro de sua dor, acolhendo o outro na dele e, percebendo como não estão sós.

Toda a pesquisa foi um trabalho de co-construção com a psicóloga Clara Costa Gomes, que esteve envolvida durante todas as etapas de construção da pesquisa, compartilhando seu ponto de vista e aprendendo em conjunto. A ela também foi questionada sobre o que levou do encontro e segue suas palavras:

“Cocriar esse espaço de Encontro com a Ana Luísa me traz grande alegria e satisfação, dessa forma considero possível afirmar que a experiência de realizar os Encontros vem sendo também terapêutica e engrandecedora para mim. Recebo, portanto, um tanto do que pretendemos oferecer ao nosso público. Usufruo desse espaço como lugar para treinar da minha espontaneidade, desenvolver o meu papel de diretora, aprimorar o meu papel de ego auxiliar e realizar trocas profundas, significativas e respeitadas com pessoas novas. Diante disso é possível considerar que os Encontros Terapêuticos vem sendo sucesso? Sob meu ponto de vista, sim!

Em 2015, ao nos reencontrarmos em uma supervisão da professora Penha Nery, Ana Luísa me convidou para tocarmos juntas esse projeto, desde aquele primeiro momento abracei a proposta e venho tendo experiências relevantes relacionadas aos Encontros Terapêuticos. Nessa jornada, além de oferecermos nossos encontros mensais, fomos também convidadas para realizar os Encontros Terapêuticos para alunos de psicologia da UnB, do IESB e da UDF como forma de apresentar o que é o Psicodrama, fomos ao IFB promover um encontro acerca

da autoestima dos alunos, apresentamos nossa proposta no Congresso Iberoamericano de Psicodrama em Lisboa e nos formalizamos como pesquisa científica no presente trabalho.

Sob a crença de que o Psicodrama é algo que se aprende na ação, é por meio dos Encontros Terapêuticos que venho aprendendo muito acerca do manejo de grupos por meio de nossas discussões sobre temas, das trocas de leituras, dos compartilhamentos de projetos dramáticos e das experimentações de nossas ideias. Desejo uma vida longa aos nossos Encontros Terapêuticos e que juntas possamos levá-los cada vez mais longe”. (Clara Costa Gomes)

O uso da palavra sucesso neste trabalho foge do significado comum medicalizado, competitivo e quantitativo, representando a criação de um novo sentido, a vivência de uma nova experiência. Sucesso é quando a sensação que resta é agradável, quanto as pessoas saem felizes, animadas, querendo mais. Quando os grupos não acontecem, por exemplo, nos questionando se devemos ou não dar continuidade no trabalho. Então, quando as pessoas se comprometem, se engajam, esse é o significado de sucesso. O sucesso não é, necessariamente, tem um grande insight ou chegar a resoluções fantásticas, mas estar ali juntos compartilhando, conectados. A pesquisa representou uma grande avaliação de sucesso e validação do trabalho com atos terapêuticos potencializando e motivando a persistir.

V. Considerações Finais

Neste trabalho, busquei realizar uma investigação sobre o ato terapêutico, modalidade de atendimento realizada em uma intervenção única. Para tal, juntamente com a prática dos Encontros Terapêuticos, atos que já vinha realizando na cidade, busquei, junto a especialistas da área, informações que pudessem elucidar ainda mais a maneira como essa modalidade é aplicada. Os resultados mostram que o manejo do ato terapêutico não difere muito das recomendações das práticas psicodramáticas de forma geral, contudo, apresentam a especificidade do cuidado com o caráter condensado das situações, seja em relação aos vínculos ou às resoluções de conflitos. O ato, apesar da curta duração, apresenta grande potencial em tocar as pessoas e provocar transformações, como demonstrado nos resultados deste e de outros estudos.

Moreno trouxe grandes contribuições no entendimento e tratamento de grupos. Ele sempre esteve à frente de seu tempo e seu trabalho continua sendo muito atual e apropriado para tratar os grupos, como vemos em diversos artigos que são lançados regularmente, afirmando como a prática socionômica pode contribuir para a compreensão e a intervenção em grupos em diversos contextos. A prática psicodramática é uma das maneiras de provocar e potencializar o encontro, ademais, o ato terapêutico vai muito além da atividade, representando o momento de conexão entre os indivíduos, que provoca alguma reflexão, alguma mudança, alguma criação de novo sentido e que pode acontecer em qualquer lugar e contexto.

A ação é a marca registrada do Psicodrama. Partindo desse princípio e do meu interesse pessoal em aprofundar o meu trabalho com atos terapêuticos, escolhi o caminho da ação e fui a campo em busca das pessoas que não só possuíam um vasto conhecimento sobre o assunto, mas também ajudaram a construí-lo. Tive a oportunidade de revisitar toda a teoria moreniana e consegui assistir a vitalidade com que as pessoas se apropriam dela, a desenvolvem e a mantêm

revigoradas, além de reinventadas. O contato direto com os especialistas acrescentou muito no meu papel de diretora de psicodrama, me deixando mais segura para confiar na potência da criação grupal. Pude perceber, com o Psicodrama, que apesar de ter sido formalizado na primeira metade do século passado, ele ainda se mostra como um mecanismo atualizado para trabalhar as questões sociais e pessoais, tanto em processo, como em formato de ato terapêutico.

O ato é um recorte de um momento, uma pausa na linha do tempo. Algumas horas em que pessoas se unem para criar alguma coisa juntos. A sequência de atos cria um processo por si só, formando uma história. Da mesma forma que dentro do processo, a cada dia temos atos, marcados pela especificidade e caráter inesperado do dia. O ato não substitui de forma alguma o processo psicoterapêutico. É um serviço complementar, inclusive indicado para quem faz psicoterapia e que queira desfrutar da oportunidade de elaborar questões que foram levantadas no encontro. Embora tenha caráter breve, o ato apresenta grande potencial para transformar a vida das pessoas, como mostrado neste e em outros trabalhos.

A unidade funcional, como conhecedora da técnica, tem a responsabilidade de conduzir o encontro, inteirar-se da teoria, realizar um trabalho psicológico pessoal para, sutilmente, porém não com menos cuidado, deixar que o grupo faça sua produção, facilitando e, incentivando o estado de presença das pessoas, mantendo o compromisso com o campo intensivo da prática e da produção de vida interessante. Meu propósito nesta investida foi reforçado e sigo confiante de que espaços como esse devem ser cada vez mais oferecidos para uma comunidade que deseje se fortalecer como unidade.

O exercício foi de grande importância para a minha prática, tendo me feito conhecer a teoria nas palavras de Moreno durante a especialização, e ver o que ele defendeu sendo falado na voz de profissionais do século XIX, apresentando um Psicodrama pertinente para as demandas da pós-modernidade. Em suma, fortaleceu ainda mais minha aposta no Psicodrama. Tendo feito essa incursão, enquanto realizo o meu ato terapêutico, permitiu avaliar e refazer o

que eu já vinha fazendo no desenvolvimento de meu papel de diretora e ego-auxiliar de atos terapêuticos e me deixando mais atenta aos reais propósitos da prática de co-criação, que é a criação conjunta.

O desejo do criador do Psicodrama era de ajudar as pessoas a acreditarem que sua vida poderia ser melhor. Moreno mostrou que isso seria possível se as pessoas aprimorassem sua criatividade e espontaneidade por meio da ação e inter-ação. Em suas tentativas, movimentos e investidas, o criador do Psicodrama desenvolveu uma maneira autêntica e sensível para trabalhar com grupos, nos apresentando, por meio de uma teoria aberta, consistente e rica em métodos e técnicas que facilitam a intervenção profunda e subjetiva com pessoas e grupos. Os atos terapêuticos que vêm sendo oferecidos têm se mostrado ferramentas poderosas para trabalhar a consciência pessoal, ressignificação de questões e empoderamento social. Suas intervenções vêm se mostrando como ferramentas excepcionais para trabalhar grupos, como mostram as pesquisas trazidas neste estudo.

Mas, resta a pergunta: se o ato é tão bom e terapêutico como mostra o *feedback* das pessoas, porque as pessoas não atendem ao convite de ir? Porque os encontros contam com a presença de tão poucos? Será uma questão cultural, em que precisaremos trabalhar na instituição dessa modalidade ou teremos que nos satisfazer com o cenário posto e trabalhar com os pequenos grupos que se apresentam? Ainda temos muito o que compreender sobre manejos de grupos e, principalmente nos ajustar as constantes modificações e demandas da sociedade, mas principalmente, persistir no sonho de criar uma comunidade com voz ativa, participativa e mais justa para todos.

Moreno foi uma grande referência de resiliência. Seu trabalho foi criticado desde o começo, e obstáculos sempre se apresentaram em sua trajetória. Mesmo assim, ele nunca deixou de acreditar no seu sonho e de persistir no que ele acreditava que poderia contribuir para o mundo. Nery (2010) afirma que, quando aceitamos a nossa angústia, aprendemos a viver o

equilíbrio entre a crise e o amor autêntico. Em sua vida, Moreno conseguiu isso e nos ensinou, na sua ação, como buscar isso em nós mesmos e como ajudar os outros a buscarem isso neles. Assim como Moreno, nunca deixarei de acreditar na importância de ofertar encontros de grupos como esse, mantendo a oferta dos Encontros Terapêuticos ao longo dos sete anos que já se passaram desde o começo.

Mais iniciativas de ato deveriam ser feitas. O Psicodrama foi feito para tratar nada menos do que toda a humanidade (Moreno, 1992), segundo o desejo de seu criador, e não deve ficar restrito às conservas culturais de nossos consultórios clínicos. Com esse apanhado de informações, espero contribuir com o trabalho de outros psicodramatistas. Não tenho a pretensão de realizar nenhuma afirmação ou modificar algo que já tenha sido dito, minha intenção foi corroborar com a reflexão para que, a partir de vários pontos de vista, possamos construir o conhecimento a respeito dos fenômenos grupais, e que de alguma forma sirva de incentivo para outros profissionais ampliarem a oferta de grupos terapêuticos. Também espero ter reafirmado a potência do Psicodrama enquanto instrumento político criativo de participação, emancipação e transformação social.

VI. Referências Bibliográficas

- Adamopoulos, J. (2002). Perception of Interpersonal Behaviors Across Cultures. Online *Readings in Psychology and Culture*, 5(4), 1-12.
- Aguiar, M., & Tassinari, M. (1999). O processamento em psicodrama. Em: Almeida, W.C. (org.) (1999) *Grupos: A Proposta do Psicodrama*. (pp. 111-126). São Paulo: Ágora.
- Almeida, C. M. C. D. (2010). Ato socionômico temático - Despertando consciência das ecologias pessoal, social e do ambiente natural. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18(1), 103-120.
- Almeida, W. C. (2010). Além da catarse, além da integração, a catarse de integração. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18(2), 97-106.
- Alves, L. F. R. A. (1999). O protagonista e o tema protagônico. Em: Almeida, W.C. (org.) (1999) *Grupos: A Proposta do Psicodrama*. (pp. 89-100). São Paulo: Ágora.
- Alves, S. (2014). O que me protege é também o que me faz sofrer. Em: Wechsler, M. P. F., & Monteiro, R. F. *Psicodrama em espaços públicos, práticas e reflexões*. (pp. 67-75). São Paulo: Ágora.
- Bareicha, P. (1999). Psicodrama, teatro e educação: em busca de conexões. *Linhas Críticas*, 4(7-8), 121-135
- Busnello, E. D. (1986). Dinâmica de grupo. Fundamentos, Delimitação do conceito, origens e objetivos. Em: Osório, L. C. (1986). *Grupoterapia hoje*. (pp. 15-20). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bustos, D. M. (2005). *O psicodrama: aplicações da técnica Psicodramática*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Ágora.
- Camara, M. (1987) História da psicoterapia de grupo. Em: Py, L. A. (Org.) *Grupo sobre grupo*. (pp.21-35). Rio de Janeiro: Rocco.
- Campos, M. G. C., Sarda, S. C., Dias, M. & Cunha, L. E. (2010). Axiodrama: uma possibilidade de ressignificar o tempo e a impaciência na pós-modernidade. *Textos do XVII Congresso Brasileiro de Psicodrama*, Águas de Lindóia, Febrap.
- Cesarino, A. C. (2002). Psicodrama na rua. Recuperado de: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0705200110.htm>>. Acesso em 25 de março de 2018.
- Coffey, A., & Atkinson, P. (1996). *Making sense of qualitative data: Complementary research strategies*. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc.
- Colombo, M. (2012). Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 20(1), 25-39.

- Conceição, M. I. G., & Auad, J. C. (2010). Compreendendo as relações de gênero por meio da vivência sociodramática. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18(2), 129-143.
- Contro, L. (2009). Veredas da pesquisa psicodramática: entre a pesquisa-ação crítica e a pesquisa-intervenção. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(2), 13-24.
- Costa, L. F., Guimarães, F. L., Pessina, L. M. & Sudbrack, M. F. O. (2007). Single session work: intervenção única com a família e adolescente em conflito com a lei. *Journal of Human Growth and Development*, 17(3), 104-113.
- Costa, L. F., Penso, M. A. & Almeida, T. M. C. (2006). Nos bastidores da pesquisa: dificuldades no procedimento metodológico em situações-limite. *Psico (PUCRS)*, 37(1)175-181.
- Datner, Y., Giro, N., & Nonoya, D. (2014). Psicodrama público - o trabalho nos dias de hoje. Em: Wechsler, M. P. F., & Monteiro, R. F. *Psicodrama em espaços públicos, práticas e reflexões*. (pp. 51-56). São Paulo: Ágora.
- Davoli, C. (1997). Aquecimento: caminhos para a dramatização. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 5(1) 51-61.
- Davoli, C., Batista, M. A. & Nilson, S. (2012). Psicodrama público e direção de grandes grupos. Em: Nery, M. P., & Conceição, M. I. G. (Org.) *Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos*. (pp. 173-193). São Paulo: Ágora.
- Davoli, C. (2014) Um maestro cênico ou diretor de psicodrama público. Em: Wechsler, M. P. F., & Monteiro, R. F. *Psicodrama em espaços públicos, práticas e reflexões*. (pp. 99-104) São Paulo: Ágora.
- Féo, M. D. S. (2009). Direção socionômica multidimensional AGRUPPAA e a fé tácita no eterno retorno. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(1), 87-104.
- Ferreira, R. F., Calvoso, G. G., & Gonzales, C. B. L. (2002). Caminhos da Pesquisa e a Contemporaneidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 243-250.
- Fleury, H. J. (1999). A dinâmica do grupo e suas leis. Em: Almeida, W.C. (org.) (1999) *Grupos: A Proposta do Psicodrama*. (pp. 49-57). São Paulo: Ágora.
- Fonseca, J. (1980). *Psicodrama da loucura – Correlações entre Buber e Moreno (The Psychodrama of Madness – Correlations between Buber and Moreno)*. São Paulo: Ágora
- Fonseca, J. (1999). Grupo e individualismo. Em: Almeida, W.C. (org.) (1999) *Grupos: A Proposta do Psicodrama*. (pp. 7-11). São Paulo: Ágora.
- Guimarães, L. A. (2000). Aspectos teóricos e filosóficos do psicodrama. [Versão eletrônica]. Disponível em: <http://repositorio.fagma.edu.br:8000/jspui/handle/123456789/1942>. Acesso em 2 de fevereiro de 2018.

- Guimarães, A. S. A. B. (2017) Origen y desarrollo del psicodrama como método de cambio psicossocial. *Tese de Doutorado* — Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.
- Gonzalez, A. (2012). Das relações entre espontaneidade, saúde e doença. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 20(2), 39-51
- Harari, Y. N. (2015). *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM.
- Kim, L. M. V. (2013). Intervenção sociopsicodramática: forma particular de exercício do poder político. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 25-38.
- Levy, S. R., West, T., & Rosenthal, L. (2012). The Contributing Role of Prevalent Belief Systems to Intergroup Attitudes and Behaviors. *Online Readings in Psychology and Culture*, 5(1), 1-21.
- Liberali, R. & Grosseman, S. (2015). Use of Psychodrama in medicine in Brazil: a review of the literature. *Interface (Botucatu)*, 19(54), 561-571.
- Lucca, S. R. de & Schmidt, M. L. G. (2004). Psicodrama: uma abordagem metodológica qualitativa para o estudo da saúde do trabalhador. *Psicologia para América Latina (online)*, 2(1) 0-0. ISSN 1870-350X.
- Luczinski, G. F., & Ancona-Lopez, M. (2010). A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. *Estudos Psicológicos (Campinas)*, 27(1), 75-82.
- Knobel, A. M. (2004). *Moreno em ato*. São Paulo: Ágora
- Knobel, A. M. (2011). Coconsciente e inconsciente em Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 19(2), 139-152.
- Malaquias, M. C. (2012) Teoria dos grupos e sociatria. Em: Nery, M. P., & Conceição, M. I. G. (Org.) *Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos*. (pp. 17-36). São Paulo: Ágora.
- Marineau, R. F. (1992) *Jacob Levy Moreno 1889-1974 - Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo*. São Paulo: Ágora.
- Marino, M. J. (2014) Em cena – tempos de cuidar... Em: Wechsler, M. P. F., & Monteiro, R. F. *Psicodrama em espaços públicos, práticas e reflexões*. (pp. 33-41) São Paulo: Ágora.
- Martín, E. G. J. L. (1984) *Moreno: Psicologia do Encontro*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Menezes, I. P. M. D., & Santos, S. E. D. B. (2013). Papel de Diretor de Sociodrama: competências e limitações. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 173-182.
- Monteiro, R. F. (2014). Preparo para a ação dramática - "aquecimento" Em: Wechsler, M. P. F., & Monteiro, R. F. *Psicodrama em espaços públicos, práticas e reflexões*. (pp. 115-123) São Paulo: Ágora.

- Moreno, J. L. (1983). *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo: Editora Summus.
- Moreno, J. L. (1987). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Moreno, J. L. (1992). *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. Goiânia: Dimensão.
- Moreno, J. L. (2012). *O teatro da espontaneidade*. São Paulo: Ágora.
- Moreno, Z. T. (2001). *A realidade suplementar e a arte de curar*. São Paulo: Ágora.
- Motta, J. M. C. (2014). O que é psicodrama público? Reflexões sobre uma prática em Campinas e em Cuba. Em: Wechsler, M. P. F., & Monteiro, R. F. *Psicodrama em espaços públicos, práticas e reflexões*. (pp. 57-65). São Paulo: Ágora.
- Navarro, M. P. (1999). Terapia tematizada grupal por tempo limitado. Em: Almeida, W.C. (org.) (1999) *Grupos: A Proposta do Psicodrama*. (pp. 127-139). São Paulo: Ágora.
- Nery, M. P., & Conceição, M. I. G. (2005). Sociodrama e política de cotas para negros: um método de intervenção psicológica em temas sociais. *Psicologia: ciência e profissão*, 25(1), 132-145.
- Nery, M. P., Costa, L. F., & Conceição, M. I. G. (2006). O Sociodrama como método de pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 16(35), 305-313.
- Nery, M. P., & Costa, L. F. (2007). Desafios para uma epistemologia da pesquisa com grupos. *Aletheia*, 25(1) 123-138.
- Nery, M. P. & Costa, L. F. (2008). A pesquisa em psicologia clínica: do indivíduo ao grupo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(2), 241-250.
- Nery, M. P., & Wechsler, M. P. F. (2010). Análise de sociodrama para pesquisas—Uma proposta. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18(1), 89-102.
- Nery, M. P. (2003). *Vínculo e afetividade. Caminhos das relações humanas*. São Paulo: Ágora.
- Nery, M. P. (2008). Afetividade intergrupal, política afirmativa e sistema de cotas para negros. *Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura)* — Universidade de Brasília, Brasília.
- Nery, M. P. (2010). *Grupos e intervenção em conflito*. São Paulo: Ágora.
- Neto, A. V. M. (1999). Unidade Funcional. Em: Almeida, W. C. *Grupos: a proposta do psicodrama*. (pp. 59-67). São Paulo: Editora Ágora.
- Nogueira-Martins, M. C. F., & Brito, V. C. A. (2009). Psicodrama e pesquisa. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(2), 143-155.
- Nudel, B. W. (1993). *Moreno e o hassidismo*. São Paulo: Ágora

- Osório, L. C. (1986). *Grupoterapia hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Paul, K. E. & Ommeren, M. (2013). A primer on single session therapy and its potential application in humanitarian situations. *Intervention, 11*(1), 8-23.
- Pedro, N., & Ferreira, C. V. (2012). Facebook, Física e Social Network Analysis. Em: *Livro de Atas do II Congresso Internacional TIC e Educação – em Direção à Educação 2.0*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Perazzo, S. (2010). *Psicodrama: o forro e o avesso*. São Paulo: Ágora.
- Perazzo, S. (2012). Psicodrama Grupal. Intervenções grupais. O psicodrama e seus métodos. *Psicoterapia y Psicodrama, 1*(1), 98-109.
- Rodrigues, R. (2010). Contemporaneidade. O final das utopias da pós-vanguarda. E o lugar da utopia moreniana? *XVII Congresso Brasileiro de Psicodrama*. Febrap, Águas de Lindóia, SP.
- Romano, C. T. (2011). Tempo para se relacionar: átomo social e a saúde física e mental. *Revista Brasileira de Psicodrama, 19*(1), 123-134.
- Russo, L. (1999) Breve história dos grupos terapêuticos. Em: Almeida, W. C. *Grupos: a proposta do psicodrama*. (pp. 15-34). São Paulo: Editora Ágora.
- Saldaña, J. (2015). *The coding manual for qualitative researchers*. Londres: Sage.
- Santos, A. J., & Conceição, M. I. G. (2014). Espiral psicodramático: ciência e arte do aquecimento. *Revista Brasileira de Psicodrama, 22*(1), 54-64.
- Sawyer, R. K. (2003). *Improvised dialogues: Emergence and creativity in conversation*. Westport, CT: Greenwood Publishing Group.
- Toloi, M. D. C., & Souza, R. M. D. (2015). Sociodrama temático: um procedimento de pesquisa. *Revista Brasileira de Psicodrama, 23*(1), 14-22.
- Vassimon, M. A., & Malaquias, M. C. (2014). Parece mágico. É que a vida é mágica: envolve, contagia e transforma. Em: Wechsler, M. P. F., & Monteiro, R. F. *Psicodrama em espaços públicos, práticas e reflexões*. (pp. 19-33) São Paulo: Ágora.
- Wechsler, M. p. F. (2014). Preço e/ou apreço - Jornal vivo como dispositivo ou contradispositivo? Em: Wechsler, M. P. F., & Monteiro, R. F. *Psicodrama em espaços públicos, práticas e reflexões*. (pp. 77-89). São Paulo: Ágora.
- Wechsler, M. P. F., & Monteiro, R. F. (2014). *Psicodrama em espaços públicos, práticas e reflexões*. São Paulo: Ágora.
- Zendron, C. C. & Seminotti, N. A. (2011). Papéis sociais femininos e as conservas culturais em relação ao dinheiro: cartografia de uma oficina temática de Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama, 19*(1), 103-113.

Apêndice 1 – Roteiro de entrevista com especialistas

Roteiro para entrevista semiestruturada com psicodramatistas

Sobre a sua experiência

Há quanto tempo você realiza atos terapêuticos?

Fale um pouco da sua experiência.

Conte um encontro de sucesso.

Conte um encontro que você considera que não foi tão bom assim.

Sobre o ato psicoterapêutico

Na sua experiência, o que que significa um ato terapêutico?

Como na sua experiência você define o sucesso do encontro?

Nos encontros que você considera como bem-sucedidos, quais são os aspectos que fazem você dizer que o encontro foi bem e o que acontece com ele que faz você vai avaliar como tal?

Qual a contribuição de cada um (diretor, ego, protagonista) para o sucesso do encontro?

Qual a interferência sua para ter sido bom?

O que os participantes fizeram para ficar bom?

O que faz você afirmar se uma intervenção foi terapêutica ou não.

Tema?

Sobre o aquecimento

O que você tem a dizer sobre o aquecimento do diretor?

O que você faz para estar aquecido para o começo da prática?

Se tivesse uma fórmula para entrar suficientemente aquecido, qual seria?

Você planeja as suas atividades?

Na sua experiência o que funciona mais para realmente favorecer um estágio de espontaneidade?

Que tipo de aquecimento tem sido mais propício?

Sobre a avaliação

Você tem costume de avaliar as suas intervenções a curto, médio, longo prazo?

Você faz algum tipo de processamento teórico no curto, a médio prazo?

Você avalia com os seus participantes, a longo prazo, se a experiência foi terapêutica?

Terapêutico x socioeducacional

Processo x ato

Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre esclarecido dos especialistas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, (NOME) _____, nascido (NACION.) _____, em (DATA DE NASC.) ____/____/____, (ESTADO CIVIL) _____, (PROFIS.) _____, ID _____ UF _____, residindo no endereço _____, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado: *Ato psicoterapêutico psicodramático: como se não houvesse o amanhã*, que tem o objetivo de aprofundar a metodologia do ato psicoterapêutico no sentido de o institucionalizar, contribuindo com a sociedade na oferta de espaço para vivência, discussão e crescimento pessoal, e contribuindo com os profissionais que tenham interesse em trabalhar nessa área, discutindo sobre a atuação do diretor, o setting terapêutico, percepção da dinâmica e manejos de grupos, tendo em vista o caráter abrangente e econômico da realização de atos terapêuticos, proporcionando uma democratização dos atendimentos psicológicos.

A minha participação no referido estudo será de ser entrevistada a respeito da minha prática profissional e experiência a respeito de atos terapêuticos. Estou ciente que o áudio da entrevista será gravado, assim como estou ciente que sou livre para participar da maneira que me sentir mais a vontade me colocando da maneira que eu desejar.

Fui alertado de que posso esperar alguns benefícios da pesquisa a ser realizada, tais como: acolhimento dos meus sentimentos e pensamentos, oportunidade de ressignificação das memórias, sentimentos e experiências, insights pessoais e a criação de redes de apoio.

Por outro lado, recebi os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Estou ciente que os riscos possíveis envolvem sentimentos, sensações desagradáveis e memórias das dificuldades da vida pessoal provenientes de memórias trazidas pela prática e que os riscos potenciais são mínimos, tendo em vista os cuidados tomados na prática.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Ana Luísa Silva Lunes, aluna de mestrado da Universidade de Brasília, orientada pela Professora Doutora Maria Inês Gandolfo Conceição e com eles poderei manter contato pelo telefone (61) 98127-5294 ou pelo email analuisaiunes@gmail.com e inesgandolfo@gmail.com.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo entrar em contato com o Comitê de Ética: 5540 - UnB - Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade De Brasília, pelo telefone: (61) 3107-1592, ou e-mail: cep_ih@unb.br.

São Paulo, _____ de _____ de 2017.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Nome e assinatura do pesquisador responsável

Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre esclarecido dos participantes dos grupos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, (NOME) _____, nascido (NACION.) _____, em (DATA DE NASC.) ____/____/____, (ESTADO CIVIL) _____, (PROFIS.) _____, ID _____ UF _____, residindo no endereço _____, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado: *Ato psicoterapêutico psicodramático: como se não houvesse o amanhã*, que tem o objetivo de aprofundar a metodologia do ato psicoterapêutico no sentido de o institucionalizar, contribuindo com a sociedade na oferta de espaço para vivência, discussão e crescimento pessoal, e contribuindo com os profissionais que tenham interesse em trabalhar nessa área, discutindo sobre a atuação do diretor, o setting terapêutico, percepção da dinâmica e manejos de grupos, tendo em vista o caráter abrangente e econômico da realização de atos terapêuticos, proporcionando uma democratização dos atendimentos psicológicos.

A minha participação no referido estudo será de integrar o grupo, denominado Encontros Terapêuticos, com um tema pré-determinado que será filmado assim como o áudio gravado. Estou ciente que sou livre para participar da maneira que me sentir mais a vontade me colocando como desejar assim como sou livre para não participar em qualquer atividade proposta.

Fui alertado de que posso esperar alguns benefícios da pesquisa a ser realizada, tais como: acolhimento dos meus sentimentos e pensamentos, oportunidade de ressignificação das memórias, sentimentos e experiências, insights pessoais e a criação de redes de apoio.

Por outro lado, recebi os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Estou ciente que os riscos possíveis envolvem sentimentos, sensações desagradáveis e memórias das dificuldades da vida pessoal provenientes de memórias trazidas pela prática e que os riscos potenciais são mínimos, tendo em vista os cuidados tomados na prática.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Ana Luísa Silva Lunes, aluna de mestrado da Universidade de Brasília, orientada pela Professora Doutora Maria Inês Gandolfo Conceição e com eles poderei manter contato pelo telefone (61) 98127-5294 ou pelo email analuisaiunes@gmail.com e inesgandolfo@gmail.com.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo entrar em contato com o Comitê de Ética: 5540 - UnB - Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade De Brasília, pelo telefone: (61) 3107-1592, ou e-mail: cep_ih@unb.br.

Brasília, _____ de _____ de 2017.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Nome e assinatura do pesquisador responsável

Apêndice 4 – Tabela de unidades de informação meramente ilustrativa.

S U J E I T O	TEMA DA PERGUNTA	A R Q U I T A G O R A	E S P O N T A N E I M E N T O	D I R E T O R	E G O A U X I L I A R	P R O T A G O N I S T A	G R U P O	A T O	P R O P R I E T A R I O	T E R C E I R O	T E M A L I A Ç Ã O	S U C E S S O	O B S T A C U L O	P O S T E R I O R	UNIDADE DE INFORMAÇÃO	ELABORAÇÃO
22	E1	Experiência com psicodrama						x							atos socionômicos	intervenção pontual para o um problema específico
40	E1	Terapêutico do ato							x				x x		prática socionômica	todo trabalho socionômico tem dimensão terapêutica
41	E1	Terapêutico do ato	x						x						terapêutico X socioeducacional	depende do contexto
72	E1	Encontro de sucesso					x						x		quando o grupo de sucesso	quando consegue ter uma coesão grupal
97	E1	Aquecimento do diretor			x x					x					manejo do diretor	sair da direção e entrar no personagem
135	E1	Aquecimento do grupo	x	x		x									criatividade	inventar alguma coisa na hora a depender do grupo
202	E1	Diferença diretor ato e processo	x	x											papel do diretor	ver o que aparece na hora
247	E1	Diferença diretor ato e processo			x		x x x						x		transformação gera conhecimento	é necessária a construção do método in loco
252	E1	função do ego-auxiliar			x x										quando trabalha com ego	desmontar o lugar já dado do ego
253	E1	função do ego-auxiliar			x x										quebrar estrutura fixa	papel definidos de ego e diretor
356	E1	Avaliação				x									inteligência coletiva que se constrói	que dá conta de lidar com a situação
388	E3	Experiência no psicodrama											x x		o que é terapêutico	a criação grupal
530	E3	Aquecimento do diretor			x	x									diretor não dá caminho	diretor tem que estar atrás do grupo
533	E3	Aquecimento do diretor			x x x	x x									aquecimento	aquecer cada elemento, grupo, ator, diretor, plateia
546	E3	Papel do diretor no ato				x									grupo é um ser vivo	grupo tem movimento
567	E3	característica do ego			x										ego vê de dentro na parcialidade	o ego vê de dentro
604	E3	Encontro de sucesso	x			x					x				particularidade da avaliação!	a avaliação é pessoa e subjetiva a partir da vista do ponto da pessoa
618	E3	Encontro de sucesso					x						x		tem que fazer um novo sentido	quando é só para reafirmar não teve tanta potencia

1953	E6	Aquecimento do diretor				x	x											como o diretor se aquece	aquecimento a partir das experiências pessoais
1975	E6	Comentários finais																expectativa de um ego	ego deve ter prontidão para entrar no personagem
1992	E7	o que é terapêutico																o ato é ação de quem faz	se não houver alguém, não há ato
2046	E7	característica do diretor																o aquecimento específico a curiosidade determina	o grau de aprofundamento que vai estimular o protagonista
2107	E7	psicodrama socioeducacional e terapêutico																a prática tem um lado terapêutico e um pedagógico inseparáveis	não tem como separar terapêutico de pedagógico
2108	E7	psicodrama socioeducacional e terapêutico																a cura vem do aprendizado	cura é captar interiorizar lado novo da realidade
2110	E7	psicodrama socioeducacional e terapêutico																quem pratica o terapêutico também pratica o pedagógico	não tem como separar os dois
2124	E7	avaliação dos sujeitos e do encontro																psicodrama	é ajudar as pessoas a descobrirem maneiras melhores de viver
2126	E7	avaliação dos sujeitos e do encontro																a avaliação deveria ser feita por todos	distribuir a avaliação 360 graus entre todos
2128	E7	avaliação dos sujeitos e do encontro																valer subjetivo	valer é sentido e julgado por cada um de nós e pode ser diferente
2146	E7	sobre atos terapêuticos																terapêutico	servindo para pessoa avançar, superar, se perceber mais
2151	E7	sobre atos terapêuticos																o psicodrama é para todos	não é para doente mental, é para todo mundo
2152	E7	sobre atos terapêuticos																o psicodrama não deve ser confinado numa clínica	deve ser ensinado e aprendido assim